

# CONEXÃO, PROTAGONISMO E ESPIRITUALIDADE

**TOMO 2**

PERSPECTIVAS E  
OPORTUNIDADES PARA  
O MINISTÉRIO COM  
NOVAS GERAÇÕES



UNASPRESS

LUÍS HENRIQUE DOS SANTOS (ORG.)

# CONEXÃO, PROTAGONISMO E ESPIRITUALIDADE

PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES PARA  
O MINISTÉRIO COM NOVAS GERAÇÕES

**TOMO 2**



Engenheiro Coelho - SP

**UNASPRESS**

Editora Universitária Adventista



Igreja Adventista  
do Sétimo Dia



Educação  
Adventista

**Presidente da Divisão Sul-Americana:** Stanley Arco

**Diretor do Departamento de Educação para a Divisão Sul-Americana:** Antônio Marcos da Silva Alves

**Presidente do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp:** Maurício Lima

**Secretário do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp:** Charles Rampanelli

**Tesoureiro/CFO do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp:** Telson Vargas

## UNASP

Reitor: Martin Kuhn

Vice-reitor administrativo: Claudio Knoener

Vice-reitor para educação superior e diretor do campus São Paulo: Afonso Ligório Cardoso

Vice-reitor e diretor do campus Engenheiro Coelho: Carlos Alberto Ferri

Vice-reitor para a educação básica e diretor do campus Hortolândia: José Prudêncio Jr.

Pró-reitor financeiro: Paulo Ricardo Monarin

Pró-reitor de graduação: Edilei Rodrigues de Lames

Pró-reitor de pesquisa e desenvolvimento institucional: Allan Macedo de Novaes

Pró-reitor de gestão integrada: Mauricio Guimarães Lima

Pró-reitor de pós-graduação lato sensu: Luis Henrique dos Santos

Pró-reitor de desenvolvimento espiritual: João Brito Netto

Pró-reitor de educação a distância: Jonas Rafael Nikolay

## UNASPRESS

Editora Universitária Adventista

Editora-chefe: Jéssica Lisboa Pereira Neto

Editor-assistente: Gabriel Alves da Costa

Responsável editorial pelo EAD: Regiane Cardoso de Oliveira

**Conselho editorial e artístico:** Dr. Martin Kuhn; Esp. José Prudêncio Jr.; Dr. Afonso Cardoso; Dr. Carlos Ferri; Me. Claudio Knoener; Dr. Allan Novaes; Esp. Jéssica Lisboa; Dr. Edilei Lames; Dr. Evandro Fávero; Dr. Vanderlei Dorneles; Dr. Adenilton Tavares; Dr. Fabio Al ieri; Dra. Sílvia Quadros; Dra. Lizbeth Kanyat; Esp. João Brito Netto; Dr. Jonas Nikolay; Esp. Regiane Cardoso de Oliveira; Esp. Carlos Gil; Esp. Henrique Gonçalves; Dr. Jônatas Leal; Me. Diogo Cavalcanti

**UNASPRESS**

Editora Universitária Adventista

Caixa Postal 88 – Reitoria Unasp  
Engenheiro Coelho, SP CEP 13448-900  
Tels.: (19) 3858-5171 / 3858-5172

www.unasp.com.br

Coordenação editorial: Gabriel Costa  
Edição: Acsa Mirele e Ygor Lebrank  
Diagramação e projeto gráfico: Rodrigo Neto

Conexão, Protagonismo e Espiritualidade:  
Perspectivas e Oportunidades Para o Ministério com Novas Gerações.  
Tomo 2

1ª edição – 2026

Pareceristas *ad hoc*

Dr. Eduardo Lopes  
Ma. Sâmela Lima  
Esp. Heron Santana

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Conexão, protagonismo e espiritualidade [livro eletrônico] : perspectivas e oportunidades para o ministério com novas gerações - Tomo 2 / Luís Henrique dos Santos (org.). – 1. ed. – Engenheiro Coelho, SP : Unasp, 2026. – (Conexão, protagonismo e espiritualidade ; tomo 2) PDF

Vários autores.  
Bibliografia  
ISBN 978-65-5405-088-33

1. Adventistas do Sétimo Dia - Doutrinas
  2. Crianças e adolescentes
  3. Fé (Cristianismo)
  4. Jovens - Aspectos religiosos - Cristianismo
  5. Ministério cristão
  6. Vida cristã - Adventistas do Sétimo Dia
- I. Santos, Luís Henrique dos. II. Série.

26-360366.0

CDD-248.83

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Jovens : Adventistas do Sétimo Dia : Vida cristã  
248.83
- Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB 8/9380

Editora associada:



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

OP 00303.2

Todos os direitos de tradução e publicação em língua portuguesa reservados à Unasp  
- Editora Universitária Adventista. Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia  
autorização escrita da editora*, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

# Sumário

• Prefácio.....	6
<i>Luís Henrique Dos Santos</i>	
• Introdução.....	10
<i>Jeferson Silva</i>	
<b>SEÇÃO I - Novas gerações: formação espiritual, cultura e missão .....</b>	<b>14</b>
01 A importância do ministério jovem na formação de líderes com propósito, causa e visão missionária com ênfase no estudo das novas gerações.....	16
<i>Robson Góes de Oliveira</i>	
02 O empoderamento juvenil como uma possível rota de atualização da igreja adventista do sétimo dia à contemporaneidade.....	31
<i>Tiago Batista de Oliveira</i>	
03 Adolescentes e a formação das crenças e valores.....	47
<i>César Augusto do Nascimento</i>	
04 O desenvolvimento da fé de crianças e adolescentes adventistas com pais que não pertencem a mesma denominação .....	58
<i>Douglas Pino Lourenço, Juliana Rocha de Resende, Roberto Sampaio Malaia Junior e Vinicius Cardoso von Mengden</i>	
05 Batismo de juvenis e adolescentes durante a colheita da primavera na UNeB: estratégias sugestivas para o acompanhamento pastoral .....	70
<i>Rafael Santos de Souza</i>	
06 As mídias e seus impactos na comunidade ribeirinha do Bom Sucesso .....	83
<i>Alan Moreira Ferraz</i>	
07 Discipulado das novas gerações: uma proposta de atendimento por faixa etária.....	93
<i>Marciley Militão Melros</i>	
<b>SEÇÃO II - O ministério dos Desbravadores e Aventureiros na formação cristã .....</b>	<b>110</b>
08 Estudos bíblicos personalizados para desbravadores: uma análise na Associação Norte Paranaense sobre criação e implantação de um novo modelo de classe bíblica.....	112
<i>Ericson Danese</i>	

<b>09</b>	<b>O Clube de Desbravadores: relevância e funcionamento dentro das instituições educacionais.....</b>	<b>122</b>
	<i>Gustavo Cevallos</i>	
<b>10</b>	<b>A importância do planejamento e da liderança como fator de sucesso no ministério dos desbravadores.....</b>	<b>130</b>
	<i>Robson Rangel Pereira</i>	
<b>11</b>	<b>A importância do Clube de Aventureiros na terceira infância: contribuições para o desenvolvimento humano.....</b>	<b>140</b>
	<i>Nazareno da Silva Santos</i>	
<b>12</b>	<b>O Clube de Desbravadores: uma pesquisa sobre sua influência na espiritualidade dos adolescentes.....</b>	<b>149</b>
	<i>Rafael Felberg de Melo</i>	
<b>13</b>	<b>A importância do Clube de Desbravadores na formação de líderes na Igreja Adventista do 7º Dia.....</b>	<b>165</b>
	<i>Leonardo Augusto Barbosa</i>	
<b>14</b>	<b>Liderança no Clube de Desbravadores: o duplo fenômeno da aproximação entre gerações e da obediência por admiração.....</b>	<b>169</b>
	<i>Luiz Fernando Cardoso</i>	

# Prefácio

---

*Luís Henrique Dos Santos*

Coordenador Acadêmico do MBA e Organizador da Coletânea

**Data:** 14 de maio de 2018

**Hora:** 8h00

**Local:** Sala Frankfurt, Centro de Convenções do Hotel Slaviero Aeroporto, em Guarulhos, Brasil

**Presentes:** 55 estudantes, 4 convidados externos, 1 convidado online (via videoconferência)

Começava assim, em 2018, a primeira aula da primeira turma do MBA em Liderança com Ênfase no Estudo das Novas Gerações, uma iniciativa oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no território da Divisão Sul-Americana, idealizada para capacitar os líderes a frente dos ministérios com novas gerações – Crianças, Adolescentes, Aventureiros, Desbravadores e Jovens – das Uniões e Associações. A ação foi operada academicamente pelo UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, e contou com a colaboração de professores e palestrantes de diferentes instituições do Brasil e do exterior. A ideia central era promover atualização em temas emergentes, reforçar fundamentos bíblicos e denominacionais, promover a troca de experiências entre os participantes e encontrar, em conjunto, formas inovadoras e responsáveis de enfrentar os novos desafios sociológicos e espirituais os quais enfrentavam as novas gerações na Igreja Adventista no contexto contemporâneo.

Hoje, oito anos, uma pandemia e três turmas depois (e uma quarta em andamento), mais de 150 alunos já passaram pelo curso e aplicaram o conhecimento e experiência adquiridos em novos e antigos projetos, no relacionamento com suas equipes de trabalho, e na interlocução com as novas e antigas gerações.

O material ao qual você está tendo acesso, nesse momento, é a materialização das reflexões pessoais de parte significativa desse grupo (um total de 127 autores). São ensaios – uma modalidade de escrita mais reflexiva e pessoal, sem a obrigatoriedade de vinculação a alguma pesquisa científica com metodologia mais rigorosa – nos quais os autores tratam de temas como comportamento, música, tendências sociais, grandes

movimentos culturais e fazem reflexões sobre o papel da Igreja e de suas iniciativas como uma possível resposta à parte das perguntas mais urgentes das novas gerações.

Como em qualquer reflexão pessoal, muito da visão de mundo, das experiências particulares de cada autor e do espírito do tempo são expressas nos textos. Portanto, ainda que seja um material produzido por colaboradores em posições formais de liderança da Igreja Adventista selecionados para cursarem o MBA, não refletem, necessariamente, as posições oficiais da Igreja a respeito de todos os temas, ainda que não tenham sido identificadas dissensões doutrinárias ou organizacionais. É, assim, um material seguro, criado por líderes realmente engajados em fazer o melhor pelas novas gerações e pela causa do Mestre.

A equipe editorial desta coleção também optou pela preservação máxima dos textos originais, aplicando somente as correções ortográfico-gramaticais, ajustando formatações de referências e atualizando outras, ou incluindo a supressão quando identificadas inconsistências que não foram possíveis de serem esclarecidas com os autores. O resultado é um mosaico de estilos, de abordagens, de profundidades, de rigor metodológico e de propostas que não são comuns em obras com linhas editoriais mais formais, mas que, nesse caso, conferem uma riqueza única a todo esse material. E é assim que recomendamos a leitura: uma imersão em diferentes pontos de vista para diferentes cenários e desafios das novas gerações. Alguns serão mais próximos a sua realidade como leitor; outros, menos familiares ou com os quais não haverá unanimidade, mas todos, certamente, contribuirão para uma construção mais extensa do conhecimento sobre o trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia com as novas gerações.

Esse material completo é composto por 3 tomos, separados por grandes áreas de afinidade – Crianças & Adolescentes, Aventureiros & Desbravadores, e Jovens – e suas temáticas diversas. Recomendamos a leitura deste tomo que você tem em mãos e dos outros dois, em conjunto, para uma percepção mais realista de como os temas foram tratados

em conjunto, em um ambiente único de cooperação e troca de experiências, o que certamente inspirou e influenciou mutuamente os autores.

Encerro este prefácio com uma citação de Ellen G. White sobre a importância do trabalho com as novas gerações. Escreve ela, no livro “Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes”, na página 165:

“Se há tempo em que devemos trabalhar com ardor, é hoje. O inimigo está atacando de todos os lados, semelhante a uma inundação. Unicamente o poder de Deus pode salvar nossos filhos de serem varridos pela maré do mal. A responsabilidade que repousa sobre os pais, professores e membros da igreja, de fazerem sua parte em cooperação com Deus, é tão grande que não pode ser expressa por palavras.” (White, E. 1987)

Este material é parte de um esforço conjunto e dedicado em cumprir a responsabilidade de fazer a nossa parte em cooperação com Deus.

Boa leitura.

# Introdução

---

*Jeferson Silva*

Ministério dos Desbravadores e Aventureiros – Divisão Sul-Americana

Vivemos um tempo em que o futuro da Igreja não está apenas à nossa frente, mas principalmente entre nós. Crianças, adolescentes e jovens não são apenas herdeiros da missão, mas protagonistas do presente. Por isso, a Igreja compreende que investir nas novas gerações não é apenas uma opção estratégica, mas uma responsabilidade profundamente espiritual. Essa compreensão não nasce de tendências atuais, mas está enraizada na própria Palavra de Deus: “E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos...” (Deuteronômio 6:6-7). E ainda: “E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão...” (Joel 2:28).

Esses textos revelam que as novas gerações não são apenas receptoras do cuidado espiritual da Igreja, mas participantes ativos da missão de Deus. O Senhor não apenas ama os jovens; Ele os chama, capacita e os utiliza para cumprir Seus propósitos em cada tempo da história.

À luz desse chamado, o papel dos departamentais e líderes se torna ainda mais relevante e desafiador. Eles não são apenas gestores de programas, mas formadores de discípulos, mentores de líderes e construtores de futuro. São homens e mulheres chamados para conectar gerações à missão eterna. Nesse cenário, surge a necessidade de um preparo intencional, estruturado e profundo. É exatamente nesse ponto que o MBA em Novas Gerações se apresenta como uma resposta necessária. Afinal, quem deseja colher no futuro, precisa investir nas gerações do presente.

Nesse contexto, a jornada de aprendizagem vivida por este grupo ultrapassou os limites do ambiente acadêmico. Foi, ao mesmo tempo, uma experiência espiritual, ministerial e transformadora. Estudar novas gerações é compreender suas dores, seus desafios, sua linguagem e, acima de tudo, reconhecer seu potencial missionário. Em um mundo de rápidas mudanças, líderes preparados fazem toda a diferença, porque liderar novas gerações exige mais do que boa vontade: exige preparo, sensibilidade e visão.

As novas gerações vivem em um cenário singular da história. Nunca houve tanto acesso à informação e, ao mesmo tempo, tantas dúvidas sobre propósito, identidade e pertencimento. Por isso, a missão da Igreja se torna ainda mais relevante: acolher, discipular, fortalecer e enviar jovens comprometidos com Cristo e Sua missão.

Assim, os temas abordados neste MBA refletiram uma necessidade urgente da igreja: compreender para alcançar, discipular para manter e envolver para enviar. O registro desses conteúdos em forma de e-book amplia significativamente o alcance dessa experiência, permitindo que outros líderes aprendam, reflitam e sejam inspirados a agir em seus contextos.

Mais do que registrar conteúdos acadêmicos, este material busca incentivar uma atuação ministerial mais consciente, intencional e relevante junto às novas gerações. Cada capítulo carrega princípios, experiências e reflexões capazes de fortalecer líderes e impactar vidas de maneira prática e duradoura.

Nesse sentido, o conselho bíblico permanece atual e indispensável: “Ensina a criança no caminho em que deve andar...” (Provérbios 22:6).

Mais do que um conselho, trata-se de uma estratégia divina para a fortalecimento da fé e da missão.

Dessa forma, este material não é apenas um registro, mas um convite à reflexão, à ação e à transformação. Cada página carrega princípios, experiências e aprendizados que podem fortalecer ministérios e impactar vidas de maneira intencional e duradoura.

Por fim, meu anseio para você, leitor, é que, ao concluir esta leitura, não apenas adquira conhecimento, mas seja movido a agir. Que sua visão seja ampliada, seu compromisso renovado e sua paixão pela missão reacendida.

Registro também nossa gratidão à Divisão Sul-Americana, pela visão, iniciativa e apoio ao programa de estudos; ao Unasp, por todo o suporte e excelência na gestão dos processos; e ao Prof. Luiz Henrique, por sua coordenação, dedicação e paixão em favor da realização deste projeto.

Que este e-book seja mais do que uma leitura. Que seja um instrumento nas mãos de Deus para fortalecer líderes, inspirar ministérios e transformar realidades. Que o Espírito Santo conduza cada reflexão, ilumine cada aplicação e desperte em cada leitor um compromisso ainda mais profundo com as novas gerações.

# Seção I

---

**Novas gerações:  
formação  
espiritual,  
cultura e missão**



# A importância do ministério jovem na formação de líderes com propósito, causa e visão missionária com ênfase no estudo das novas gerações

Sabemos que muitos jovens da igreja não se sentem mais parte dela; alguns declaram estar perdidos na igreja, sem causa, sem propósito, totalmente à parte. Outros, com comportamento controverso ao exigido pelas doutrinas, decidem sair. Um número crescente e preocupante de jovens se afasta das comunidades eclesiais na idade mais produtiva. Não é pretensão deste ensaio falar sobre o porquê dos jovens saírem, mas tratar sobre a relevância do ministério jovem na formação de líderes comprometidos com o propósito, a causa e a missão. Reconhecemos que esse é um assunto complexo e vasto; assim, o estudo intenta provocar uma reflexão na formação dos líderes, guiando-os a pensar como poderão fazer a diferença e atenuar os problemas que levam à apostasia.

Compreender que o potencial do jovem é grande não é um conhecimento exclusivo da igreja; o mercado de trabalho e a mídia reconhecem o potencial que os jovens têm de revolucionar uma ideia, atrair novos investimentos e novos mercados. As empresas já identificaram há muito tempo como os jovens são promissores e podem multiplicar exponencialmente o lucro, por isso investem pesado nas novas gerações. Estudam as tendências nas quais os jovens estão inseridos, recrutam, treinam e capacitam. Vivemos em uma época crescente de jovens à frente de empresas bilionárias. Esse é um mundo que não podemos menosprezar.

Como igreja, sabemos o potencial que os jovens têm, mas a impressão que dá é que temos um freio de mão puxado no que se refere à liderança jovem em nossas igrejas. Quando olhamos para a Bíblia, percebemos que Deus sempre contou com a ajuda dos jovens para o cumprimento da missão. Adão e Eva, certamente, eram jovens quando foram formados; Abel era jovem quando aprovado por Deus; José do Egito era jovem quando apresentou o sonho que teve à família; Josias tinha oito anos quando se tornou rei em Israel; Davi era um garoto quando ungido; Samuel foi ao templo ainda menino para aprender o sacerdócio com Eli. O que dizer então de Daniel e seus amigos, e de tantos outros líderes no Velho Testamento? Quando vamos ao Novo Testamento, a história se repete: Jesus escolheu os discípulos, e todos eles eram jovens – inclusive Jesus, que iniciou seu ministério aos trinta anos de idade.

Não é diferente hoje: nossos meninos e meninas exercem uma influência gigantesca no mundo; eles precisam se descobrir, precisam de treinamento e capacitação, precisam de ferramentas para fazer a diferença. A formação de líderes é um fator essencial para dar um propósito, desenvolver uma causa pela qual lutar e, principalmente, cumprir a missão. Os tempos e o perfil da juventude têm sido estudados e influenciados pela cultura; aceleradamente, as gerações passam por mudanças nos últimos tempos e, por esta e outras razões, a formação de líderes no ministério jovem torna-se uma necessidade primordial.

Existe um alto índice de apostasia das novas gerações na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), e em outras denominações também – basta levantarmos os dados da secretaria. Infelizmente, é uma realidade. Existe já uma mobilização para mudar este panorama e diminuir o problema.

Por isso, este ensaio oferece uma proposta que visa contribuir para uma reflexão sobre a formação de líderes – não somente sobre a formação de novos líderes no ministério jovem, mas de líderes que estejam comprometidos, sabendo quem são e para onde vão; líderes que estejam vibrando por um propósito e, em nome de Jesus, lutando por uma causa: o cumprimento da missão, para que Ele venha, como está nas bases da criação do ministério jovem desde sua origem. Desse modo, pretendemos elucidar a origem e os propósitos do ministério jovem quando surgiu, de forma estratégica, reforçando os pontos essenciais.

O ensaio, de modo geral, está dividido em duas etapas: na primeira, discute-se uma breve análise do conceito de propósito, causa e missão de acordo com alguns autores, e a importância desses pontos para a formação de uma liderança que possa influenciar, dirigir e discipular a nossa juventude a seguir os passos da missão com sucesso e relevância para este tempo. Em seguida, apresentamos dois exemplos de ferramentas que podem servir de apoio para o ministério jovem no contexto de formação de lideranças. Essa contribuição, ainda que introdutória, objetiva ser um material de apoio aos líderes e educadores, a fim de que sejam habilitados a lidar com as novas gerações.

## MINISTÉRIO JOVEM: A ORIGEM

Allen (2012) ressalta que nos primeiros anos de nossa igreja, de 1840 a 1880, os jovens eram os pioneiros que estavam ativamente trabalhando para o ministério e para a expansão na pregação do evangelho. Com o foco na proclamação, pouca atenção se deu aos jovens como instituição nestes tempos. Porém, em 1852, Tiago White, que tinha vinte anos quando se uniu ao movimento adventista, preparou as primeiras lições da escola sabatina para jovens, e a igreja passou a oferecer este material a fim de atender as necessidades dos jovens naquele momento (Allen, 2012, p. 21).

Em meados dos anos de 1880, nossos pioneiros já estavam na faixa dos cinquenta a sessenta anos, e os jovens já eram de segunda ou terceira geração. Havia, neste tempo, algumas publicações e alguns materiais para os jovens; contudo, a igreja não tinha reconhecido oficialmente sua responsabilidade para com os jovens, e tivemos aí o primeiro período de apostasia entre os jovens filhos nascidos e criados na igreja adventista.

A ação mais efetiva surgiu com dois adolescentes em 1879: Harry Fenner, de dezesseis anos, e Luther Warren, de catorze anos, que decidiram organizar reuniões em Hazelton, Michigan, apenas para os meninos; mais tarde, as meninas foram incluídas nas reuniões. O que se viu nos próximos vinte anos foi o surgimento de outros grupos semelhantes em muitas partes do mundo. Segundo o *Manual do Ministério Jovem*, um deles surgiu em 1891, em Wisconsin; outro em Lincoln, capital do estado de Nebraska, em 1893. Finalmente, em 1899, a Associação de Ohio, em Mount Vernon, criou oficialmente um departamento de jovens (Campitelli, 2019, p. 9).

Interessante é que neste período, Ellen White, que recebeu o chamado profético do Senhor aos dezessete anos, escreveu vários artigos sobre a importância de se trabalhar pelos jovens, em um desses artigos, ela diz: “Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!” (White, 2008, p. 271). Nota-se que os líderes, portanto, não devem trabalhar apenas para o cuidado dos jovens, mas também prepará-los para o serviço, dando a eles o

que podemos chamar de objetivo, propósito e causa, proclamando o evangelho em todo o mundo. Em outro trecho, a autora afirma:

Temos hoje em dia um exército de jovens que podem fazer muito, se devidamente dirigidos e animados. Queremos que nossos filhos acreditem na verdade. Queremos que eles sejam abençoados por Deus. Queremos que eles tomem parte em planos bem-organizados para auxiliarem outros jovens. Que todos sejam tão bem-preparados, que possam representar devidamente a verdade, dando a razão da esperança que há neles, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra no qual se achem aptos a trabalhar (White, 1893, p. 24).

Logo, a Associação Geral tomou as primeiras providências para a formação oficial de uma organização da Sociedade de Jovens, a princípio votada sob o guarda-chuva do departamento da escola sabatina, coordenado por Flora Plummer, de 1901 até 1907.

Em maio de 1907, em Gland, na Suíça, a Associação Geral aceitou a recomendação de separação para atender à necessidade dos jovens, sendo eleito M. E. Kern como diretor e Matilda Erickson como secretária. No mesmo ano, em Mount Vernon, Ohio, em uma convenção sob a liderança de A. G. Daniels, então presidente da Conferência Geral, mais de 200 líderes de jovens estudaram quais seriam as responsabilidades da igreja para com os jovens e a contribuição desses para com a igreja. Reuniram-se delegados de todo o mundo (Allen, 2012), entre eles administradores, diretores de departamentos, obreiros em geral e outras pessoas interessadas em trabalhar pelos jovens, buscando inspiração na Palavra e no Espírito de Profecia.

Allen (2012) conta que na assembleia de 1908 foi então votado oficialmente, como uma entidade separada dos demais departamentos da igreja, o Departamento dos Missionários Voluntários dos Jovens Adventistas do Sétimo Dia, reconhecido pela igreja como Sociedade MV. A igreja passaria

por mudanças culturais e por duas grandes guerras, e o departamento, que abrangia os juvenis e adolescentes, viu-se pressionado a criar estratégias de alcance. Entre 1920 e 1922, criaram-se as classes progressivas. Em 1928, foi iniciado o Curso Master Comrade, a classe de líder para jovens. A influência foi tão importante que chegou a ser considerada requisito para professores e ministros em nossos colégios. Em 1930, o patrimônio Ellen White lançou a compilação *Mensagem aos Jovens*, a fim de manter o foco do ministério jovem para o qual foi formado. Após a segunda guerra, com os avanços da tecnologia, um novo cenário se abriu para os estudos; muitos de nossos jovens saíram para estudar em outras escolas, trazendo consigo a cultura imediata. O mundo mudou, e o ministério jovem procurou manter sua identidade adaptando-se ao novo cenário mundial e globalizado, sobrevivendo aos conflitos culturais, sociais, financeiros e às tendências ideológicas como o nacionalismo, o humanismo, o capitalismo, o relativismo, o ceticismo, além do crescimento da imoralidade, da modernidade, da liberalidade e da pós-modernidade.

Várias mudanças foram estudadas e implantadas para dirigir e guiar o ministério jovem segundo a orientação bíblica e a visão estabelecida. Uma dessas mudanças foi a criação do Clube de Desbravadores no ano de 1950, solução adaptada para atender os juvenis e adolescentes de dez a quinze anos, preparando-os num processo de formação de liderança aos dezesseis anos. Em tempos atuais, algumas regiões separam a liderança do Clube de Desbravadores do ministério jovem como dois departamentos independentes um do outro, trabalhando com faixas etárias diferentes, porém com o mesmo objetivo: “salvar do pecado e guiar no serviço”, sendo este um dos ideais de ambos os ministérios.

Apenas em 1978, deu-se a mudança do nome de Missionários Voluntários (MV) para Jovens Adventistas (JA) e, em 2005, em Saint Louis – EUA, aprovou-se o nome de Ministério Jovem Adventista (MJA), como conhecemos hoje. Apesar da mudança da nomenclatura do ministério jovem ao longo dos tempos, sempre houve uma preocupação em manter a identidade inicial: jovens comprometidos com a igreja, com o próximo e com a missão.

## PROPÓSITO: A RELEVÂNCIA

O dicionário define propósito como: o que se pretende fazer ou conseguir; intento; projeto; bom senso; juízo e prudência<sup>1</sup>. Warren (2013, p. 21) menciona que o propósito está além de ser bem-sucedido ou alcançar realizações pessoais, sonhos ou metas, afirmando que: “Mas ser bem-sucedido e cumprir o propósito de vida são coisas absolutamente distintas! Você pode alcançar seus objetivos pessoais, tornando-se um sucesso pelos padrões do mundo, e ainda assim estar distante dos propósitos para os quais Deus o criou”. Para ele, descobrir o propósito está ligado a uma condição espiritual pela qual Deus nos criou, visto que toda pessoa nasce com um propósito dado por Deus e para Deus. Warren (2013) apresenta três critérios para o propósito dado por Deus:

1. Está ligado ao relacionamento que temos com Jesus. Somente por meio desse relacionamento é possível descobrir nossa identidade e propósito;
2. O propósito de Deus para nós é anterior à nossa existência. Ele nos escolheu, e não nós a Ele;
3. O propósito de Deus é muito maior do que imaginamos para nós e é interligado com o nosso próximo.

Existe uma necessidade de seguir e ser dirigido por um propósito na vida – seja ele qual for; no caso aqui, um propósito dirigido e guiado por Deus. Na obra de Rode (2007, p. 33), lança-se luz a um pensamento:

Fiquei pensando em quantas vezes estamos, como igreja, perdendo tempo, tratando de detalhes sem importância, enquanto ao nosso lado a juventude enfrenta situações graves que desconhecemos! Questionamos os jovens que vêm à igreja quanto ao motivo de não estarem “marchando” no passo que nos parece correto, em vez de animá-los por estarem, pelo menos, vindo à igreja. Mas, por outro lado, temos deixado de nos interessar pelos problemas profundos que enfrentam os jovens

<sup>1</sup> PROPÓSITO. Em: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Ed. Ciranda na Escola, 2015.

que estão decidindo seu destino para esta vida e para a eternidade.

Do mesmo modo, a Divisão Sul-Americana (DSA) demonstra a visão de liderança que devem ter aqueles que lideram os jovens. Não é só dirigir um grupo, mas entender suas necessidades e trabalhar para transformar a vida, como citado em material desenvolvido para departamentais de jovens: “O propósito do Departamento do Ministério de Jovens é facilitar e apoiar o ministério da igreja para alcançar, treinar, manter e recuperar sua juventude” (Kohler, 2009, p. 8).

Inspirado no slogan “Partilhe sua Fé”, que em 1974 motivou a conquista de jovens em todo o mundo, mostrando como eles podem ampliar sua esfera de ação e influência, foi inserido nos ideais o Propósito JA do ministério jovem: “Jovens pelos jovens, os jovens pela igreja e os jovens pelos seus semelhantes” (Campitelli, 2019, p. 14).

### **CAUSA: A NECESSIDADE**

Quando falamos sobre propósito e causa, as duas coisas parecem ser a mesma, porém o dicionário faz uma pequena e significativa diferença. Segundo o dicionário, causa é aquilo ou aquele que determina a existência de uma coisa; agente; origem; princípio; motivo; razão; pleito judicial; partido; facção<sup>2</sup>. Diferente de propósito, que – segundo nossa proposta – está ligado mais ao que se pretende ou a um intento, a causa está mais ligada àquilo que dá motivo ao projeto que se pretende seguir: é o agente pelo qual, a razão do porquê faço, do porquê sigo; é o que dá sentido, a origem de um princípio.

Gane (2013), em sua obra, faz uma análise aprofundada sobre a formação da identidade. Segundo apresentado em seus estudos, é um processo de construção que se inicia bem cedo, desde bebê, passando por algumas fases que vão desde a identidade difusa até a identidade alcançada. Os estudos levam à conclusão de que existem etapas de desenvolvimento do adolescente que

<sup>2</sup> CAUSA. Em: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Ed. Ciranda na Escola, 2015.

o conduzirão a estágios de crescimento e estabelecimento de sua fé durante a vida. Os estágios apresentados encontram-se sumarizados a seguir:

O autor apresenta que, dos dois aos quatro anos, de acordo com os estudos, a fé é baseada na experiência, manifestada em pessoas significativas: “experiências de confiança, amor e aceitação que ajudarão a promover a fé e a fazem crescer” (Gane, 2013, p. 42). Já dos sete aos onze anos, como demonstra o estudo, a criança vive o estágio da fé filial. Se ela tem suas necessidades atendidas, irá desejar filiar-se, pertencer à comunidade que a aceitou – idade em que geralmente as crianças inseridas na igreja pedem o batismo. Chegando à idade dos doze aos dezessete anos, o adolescente vive o estágio de busca da fé. Aqui, muitos já aceitaram o sistema de crenças da família; em sua maioria, começam a questionar e a sentir o desejo de experimentar visões alternativas, “testando diferentes abordagens para encontrar o sentido da vida” (Gane, 2013, p. 43). O último nível, na faixa dos dezoito aos vinte nove anos, apresenta o estágio da fé própria. Aqui, o jovem internaliza um sistema de valores para si, embora esteja sempre em construção e reavaliação; neste estágio, incorporam uma fé que estão dispostos a defender. Ainda sobre esse nível, o autor afirma:

Suas ações, atitudes e comportamentos são, agora, motivados de dentro para fora, e o ponto de controle é interno. É aqui que eles testemunham de um conhecimento religioso pessoal, de sua aceitação da ação de Deus em Jesus e do desejo que têm de conduzir a vida de acordo com a vontade de Deus mediante um compromisso pessoal (Gane, 2013, p. 43).

Interessante notar que as decisões e comportamentos nesta fase final são motivadas por uma convicção interna, construída de dentro para fora, levando a um compromisso pessoal. São pontos importantes no estudo, reforçados pela DSA da IASD em relação ao envolvimento e engajamento do jovem que está em nossas fileiras da igreja e na liderança:

Envolver é ser parte da equipe, assistir às reuniões ou contribuir com um projeto ou programa; porém o engajamento é o estado de envolvimento ou comprometimento emocional e intelectual de um integrante da equipe que resulta em uma mudança de comportamento. Proporcionar momentos em que ele esteja 100% motivado, disposto a usar tudo de si – recursos, tempo e talento – para então cumprir a causa da missão. (Kohler, 2009, p. 80).

Portanto, o engajamento é mais importante que o envolvimento: o jovem será não somente participante, mas se torna protagonista da história, parte do projeto; isso lhe dá senso de pertencimento e, conseqüentemente, uma razão ou causa na missão. Nesse contexto, é válido ressaltar as considerações de Allen (2013, p. 69), o autor relembra a primeira versão do voto nos ideais do ministério jovem:

Porque amo ao Senhor Jesus, e com Ele desejo servir Sua causa, associo-me à Sociedade de Jovens para tomar parte ativa em Sua obra, e pela graça de Cristo, fazer todo o possível para ajudar os outros e levar a mensagem do reino a todos os povos, tanto na pátria quanto no exterior.

## **MISSÃO: A VISÃO**

Ao estudar os primórdios da IASD, logo percebemos que todos os pioneiros estavam completamente envolvidos em um objetivo: proclamar a brevidade da volta de Jesus – e todos eles eram bem jovens quando começaram. Como supracitado, Tiago White uniu-se ao adventismo com vinte anos; Ellen White aceitou seu chamado profético aos dezessete; J. N. Andrews tinha quinze anos no grande desapontamento e se tornou destaque no avanço da mensagem. É perceptível, portanto, que a missão está no DNA da IASD e,

consequentemente, no DNA do ministério jovem, pois a igreja foi fundada por jovens que sonhavam em ver a volta de Jesus.

Uma possível consideração a respeito dos motivos que levam os jovens a saírem das igrejas reside na falta de clareza sobre a missão da IASD – elemento este preponderante e lúdico entre os pioneiros adventistas. Nesse sentido, Dudley (2000, p. 65) descreve uma conclusão sobre o porquê de os jovens saírem da igreja:

A mensagem é clara. Esses jovens adultos querem que a igreja seja sua amiga. Eles buscam relevância no reino do coração de desejo e aceitação. Eles anseiam por uma igreja que tenha um interesse pessoal neles e em seu bem-estar. Eles não parecem estar procurando por uma experiência de adoração individualista, mas uma de comunhão genuína e envolvida. Parece também que esses desistentes estão gritando que querem uma igreja que tenha um impacto comprovado no mundo – uma igreja que não se concentre em julgar ou condenar, mas sim em servir, curar e redimir.

Observe-se que os jovens que saem da igreja percebem falta de empatia, amizade e preocupação para com aquilo que é relevante para eles, tornando a igreja irrelevante às suas necessidades. Eles desejam servir em uma igreja que tenha um impacto comprovado no mundo e manifestam o desejo de pertencer a um movimento – eles buscam uma missão.

Bullón (2013, p. 27) adverte que “na vida de uma pessoa que está fervorosamente comprometida com a missão, não há lugar para a incredulidade e dureza de coração”. Na mesma obra, ele ressalta que a missão é o instrumento divino que possibilita o crescimento, sendo tarefa não somente de uma comunidade, mas de cada pessoa do grupo. Bullón (2013, p. 29) cita o texto de White na obra *Atos dos Apóstolos*: “Os que ocupam lugar de líderes na Igreja de Deus devem sentir que a missão do Salvador é dada a todos os que creem no

Seu nome”. Allen (2012) concorda que a juventude precisa ser desafiada com uma mensagem que lhe seja relevante e que supra suas necessidades. Vivida pelos membros e levada adiante por preceito e exemplo, este DNA deve ser o estilo de vida que o jovem precisa adotar para sempre – aqui nesta terra e nas cortes celestiais. Não podemos nos olvidar da advertência de White (2008, p. 26), ao expressar que: “O Senhor designou os jovens para serem Sua mão auxiliadora”. Diante desse pensamento, Campitelli (2024) explica que existe uma preocupação latente em manter a identidade de um ministério que surgiu da necessidade de atender o jovem, com o propósito de prepará-lo para ser um instrumento da pregação do evangelho:

A construção da identidade dos jovens é um tema complexo que tem sido objeto de estudo e debate há décadas. Eles são um grupo em constante transformação, influenciado por diversos fatores, como a evolução tecnológica, as mudanças sociais e culturais, além das tendências conceituais que moldam sua identidade e seus valores (Campitelli, 2024, p. 13).

O alvo do ministério jovem é baseado em Mateus 28:18–20, conhecido como a Grande Comissão, em que Jesus inspira os discípulos a discipularem, batizarem as almas sinceras e ensinarem todas as coisas que Cristo ensinou em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com a promessa de que Ele estaria conosco até Seu retorno. Por isso a declaração: “A mensagem do Advento a todo o mundo em minha geração”. Sobre as qualidades do ministério jovem, Campitelli (2024, p. 29) descreve que: “um ministério saudável é feito com os jovens, e não para os jovens. Para alcançar esse objetivo, é preciso motivá-los, envolvê-los, treiná-los e capacitá-los, a fim de que se tornem líderes missionários em suas comunidades e façam a diferença na vida das pessoas”.

Por fim, é válido salientar a compreensão de White (2008) sobre o envolvimento do jovem na missão. Para ela, o envolvimento ativo na causa cristã é o que sustenta a vida espiritual do indivíduo. Ela argumenta que o esforço

colaborativo com Cristo resulta em uma igreja cuja influência é constante e progressiva, sendo capaz de expandir seu alcance missionário para muito além de suas fronteiras locais.

## DUAS FERRAMENTAS DE APOIO

Têm-se hoje como ferramentas de apoio ao ministério jovem muitas possibilidades para desenvolvimento da comunhão, do relacionamento e da missão, procurando abranger os diversos grupos do público jovem da IASD. Dentre elas, destacam-se neste ensaio duas ferramentas, que são traduzidas por meio de dois projetos aplicáveis entre os jovens da igreja :

1. A Missão Calebe: segundo o *Manual de Liderança Jovem* da DSA, o projeto Missão Calebe visa levar o jovem a ter uma experiência com Deus e com o próximo, utilizando seus dons e talentos em prol da pregação e da ajuda ao próximo durante o período das férias. De acordo com o próprio manual, o perfil do ministério jovem tem mudado desde o surgimento da Missão Calebe, pois milhões de jovens têm encontrado na missão a oportunidade de tornar o que leem nas Escrituras uma prática relevante para eles, para a igreja e para a sociedade, formando líderes comprometidos com os primórdios da IASD – onde os jovens protagonizavam a proclamação e onde a igreja era conduzida por eles;
2. Um Ano em Missão: Projeto mais conhecido como OYIM – sigla do nome do projeto em inglês –, visa dar aos jovens que se alistam neste plano uma experiência de um ano de imersão na missão. Como relatado no *Manual de Liderança Jovem* da DSA, o jovem experimenta o chamado de Cristo para servir em um campo desafiador, proporcionando uma formação missionária que potencializa dons e talentos e a autorrealização missionária, despertando o interesse pelos não alcançados e contribuindo para que o jovem encontre, por meio do serviço e da entrega, seu propósito na vida cristã e passe a viver pela causa do evangelho. Este projeto tem sido importante para a formação de líderes da igreja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerado anteriormente, este assunto é vasto e este ensaio não teve a pretensão de esgotá-lo, mas apenas de engendrar uma reflexão. No princípio da igreja, notamos que os jovens eram a própria igreja, e todos estavam praticamente envolvidos com a missão de corpo e alma. A igreja cresceu e se desenvolveu rapidamente com a influência, a vitalidade e a energia que os jovens pioneiros tinham; pela disponibilidade de se colocarem nas mãos de Deus, a igreja avançou de forma sobrenatural.

A igreja, porém, passou por conflitos externos e internos ao longo do tempo. O mundo mudou, e a igreja precisou se adaptar. Os pioneiros tornaram-se adultos e idosos; seus filhos seriam os que conduziriam a igreja. A fim de manter a visão, materiais, programas e projetos foram sendo oferecidos para as novas gerações. O ministério jovem foi então estabelecido e estruturado; as bases foram lançadas, mas não sem a preocupação de uma geração institucionalizada e distante de seus ideais. Viu-se a necessidade de capacitação na formação de líderes com raízes bíblicas e no Espírito de Profecia. Ellen White teve um papel muito importante com os seus escritos, alertando e orientando a igreja a formar líderes que tenham como princípio a formação de um grupo de jovens comprometidos, preparando outros a manterem o propósito no coração, com ânimo, dirigindo-os a cumprirem a missão designada por Deus – a qual ela e outros pioneiros tiveram o privilégio de iniciar.

À luz da discussão realizada, entendemos que, apesar das dificuldades presentes, há possibilidades e caminhos sustentáveis para o avanço da missão entre as novas gerações. Sem negligenciar os princípios encontrados nas Escrituras Sagradas, a história, o conhecimento dos pioneiros e o testemunho profético, podemos continuar engajados no trabalho com os jovens, no serviço e na missão, de tal modo que o cuidado com eles frutifique em sua permanência, logrando, futuramente, a posição de líderes da comunidade, hábeis na Palavra e no serviço. Como diz Ellen White (2008, p. 57):

Os jovens precisam ser impressionados com a verdade de que seus dotes não são deles próprios. Força, tempo,

intelecto – não são senão tesouros emprestados. Pertencem a Deus; e deve ser a decisão de todo jovem pô-los no mais elevado uso. O jovem é um ramo do qual Deus espera fruto; um mordomo cujo capital deve crescer; uma luz para iluminar as trevas do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, M. **Salvação e serviço**: o desafio do ministério jovem. São Paulo: Sobre Tudo, 2013.
- BULLÓN, A. **A alegria de testemunhar**: como falar de Jesus de maneira eficaz. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- CAMPITELLI, C et al. **Maranata**: um plano de discipulado jovem. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024.
- DIVISÃO SUL AMERICANA. **Jovens**: história. 17 abr. 2013. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/jovens/sobre-nos/historia/>. Acessado em: 27 abr. 2026.
- DUDLEY, R. L. Why our teenagers leave the church: personal story from a 10-year study. Hagerstown, MD: **Review and Herald Publishing Association**, 2000.
- GANE, B. **O caminho de volta**: como reconquistar os jovens que abandonam a igreja. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- HIAM, A. **Liderança para gerentes e executivos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2004.
- KOHLER, E. (org.). **Fortalecendo o ministério jovem**: salvação & serviço – guia para departamentais. Brasília: Ministério Jovem – Divisão Sul Americana, 2009.
- CAMPITELLI, C. (org.). **Manual do ministério jovem adventista**. Brasília: Divisão Sul Americana, 2019.
- RODE, I.; RODE, D. **Crescimento**: chaves para revolucionar sua igreja. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007.
- WARREN, R. **Uma vida com propósito** (edição expandida): por que estou na Terra. Tradução de James Monteiro dos Reis e Juliana Kummel. São Paulo: Vida, 2013.
- WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, E. G. **Serviço cristão**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, E. G. **State agents' convention**. General Conference Bulletin, v. 5, n. 2, p. 24, 1893. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/1661.175#272>. Acessado em: 27 abr. 2026.

# O empoderamento juvenil como uma possível rota de atualização da igreja adventista do sétimo dia à contemporaneidade

Toda geração possui um *modus operandi*. Os especialistas em estudos geracionais classificaram os das últimas quatro gerações da seguinte maneira: 1) os Baby boomers, com grande papel nas lutas sociais e nos avanços tecnológicos, avessos às tecnologias e mudanças, procuram manter a estabilidade no emprego, preferem ser reconhecidos por meio de experiência e hierarquia; 2) a geração X, que busca recompensa pelo mérito e prezam por uma carreira linear com segurança e estabilidade, preservando o equilíbrio na vida pessoal; 3) a geração Y, são mais ousados, otimistas, agitados e imediatistas. Embora sejam contra o processo capitalista, são apegados ao consumo de modo geral, não são fiéis a marcas e buscam substituir tudo por tecnologias; 4) e a geração Z, são os que não viveram em um mundo sem computadores e sem internet. Nesse sentido, demonstram grande dificuldade de separar sua vida virtual da realidade, sendo totalmente conectados e críticos da realidade.

Quem dera houvesse uma sociedade onde habitasse apenas um desses grupos? O questionamento não surge como a utopia de comunidade perfeita, mas apenas para dirimir a possibilidade de se pensar que tal cenário seja viável. Nunca o será. Toda sociedade possuirá, no mínimo, um grupo experiente e outro em fase de experimentação. Entretanto, a forma como cada um interpretará e absorverá as informações produzidas reciprocamente é o que determinará a proficuidade de seu futuro.

Via de regra, a percepção que a sociedade possui de si mesma é a de que ela é regida conforme a cultura da geração que atingiu a maturidade, ou seja, a fase adulta. Todas as outras faixas etárias, exceto esta, são invariavelmente vistas como frutas: “imaturas”, “verdes”, ou “passadas do ponto”, “podres”. Considera-se adequada apenas aquela que está no momento ideal para o consume. Contudo, cabe questionar: e se o ponto de maturação variar conforme o local, a cultura, o paladar, a perspectiva ou a necessidade? Muitas são as nuances que podem alterar essa resposta em diferentes graus. Por que seria distinto ao tratar-se de questões relacionadas a condições geracionais?

O jovem naturalmente está em situação de conflito com as diversas gerações ao seu redor. Quer se impor como geração independente, mas dependendo de apoio para deslanchar sua estabilidade; tem potencial e ideias

revolucionárias, mas necessita de experiência e sabedoria para não fracassar nos primeiros passos da caminhada. No ambiente religioso não é diferente, principalmente quando os paradigmas da tradição religiosa estão intimamente vinculados aos princípios espirituais. Daí, quando o jovem tende a questionar alguma coisa, não está apenas tocando num aspecto geracional, mas em algo muito mais amplo que está relacionado com a instituição religiosa, muitas vezes, por completo.

Estudar a condição do juvenil adventista no conflito geracional não é apenas um capricho acadêmico ou modismo. É entender que o ambiente em que a criança, o pré-adolescente, o adolescente e o jovem adventista está é completamente diferente daquele em que a primeira “mocidade” foi estabelecida. Para isso, novas formas precisam ser desenvolvidas para atenderem aos novos tempos.

## O JUVENIL AO LONGO DO TEMPO

A maior prova de que ao longo do tempo o juvenil sempre foi visto de forma marginal pela sociedade adulta é justamente a dificuldade de se encontrar registros historiográficos sobre ele. Assim, a análise da produção existente sobre a história da infância permite afirmar que a preocupação com a criança se encontra presente somente a partir do século XIX (Nascimento et al. 2013).

Narodowski (1993), em sua tese de doutorado intitulada *Infância e poder: a conformação da pedagogia moderna*, defende que a infância constitui um fenômeno de natureza histórica, transcendendo o aspecto puramente biológico. Segundo o autor, as características desse estágio no Ocidente moderno articulam-se em torno da heteronomia, da dependência e da obediência devida ao adulto como contrapartida à proteção recebida.

Em convergência com a tese de Philippe Ariès (1981) em sua obra clássica, *História social da criança e da família*, admite-se que a concepção contemporânea de infância era inexistente antes do século XVI, período em que as crianças detinham um grau de poder significativamente inferior em relação aos adultos.

A análise historiográfica de Ariès (1981) situa na Idade Média as primeiras identificações da juventude, estruturadas em fases distintas. De acordo com o historiador, as três etapas iniciais – que abrangiam do nascimento aos sete anos, dos sete aos quatorze e dos quatorze aos vinte e um – careciam de valorização social. O reconhecimento da relevância do indivíduo perante a sociedade ocorria apenas a partir da quarta idade, definida como juventude (dos vinte e um aos quarenta e cinco anos). O sistema de organização da época previa ainda a quinta idade, ou senectude, referente ao período de transição após a juventude, e a sexta idade, a velhice, compreendida dos sessenta anos até o fim da vida. Tais subdivisões consolidaram, historicamente, a percepção de uma existência segmentada em fases.

Ao chegar no século XVII, o adulto passou a preocupar-se com a criança, enquanto ser dependente e fraco e ligou essa etapa da vida a ideia de proteção, de acordo com Levin (1997). Assim, só ultrapassava esta fase da vida quem saísse da dependência, ou pelo menos dos graus mais baixos de dependência, e a palavra infância passou a designar a primeira idade de vida: a idade da necessidade de proteção que perdura até os dias de hoje.

Nesse contexto, pode-se perceber que a criança era tida como irracional e, portanto, incapaz de movimentar-se com sobriedade e com coerência no mundo. Percebe-se, então, que a primeira preocupação com a infância ligou-se à disciplina e à difusão da cultura existente limitando todo e qualquer movimento infantil destinado ao prazer e ao aprendizado. O jovem, tido como irracional, não teria meios psicológicos para realizá-los, bem como deixaria de aproveitar tal momento para aprender atitudes socialmente valorizadas como nos aponta De Mause (1991).

Para controlar “os humores endoidecidos” das crianças, Durkheim (1978) propôs três elementos fundamentais para desenvolver a educação moral das novas gerações que deverão ser capazes de adequar-se às regras do jogo social, político e econômico: o espírito de disciplina (graças ao qual a criança adquire o gosto da vida regular, repetitiva, e o gosto da obediência à autoridade); o espírito de abnegação (adquirindo o gosto de sacrificar-se aos ideais coletivos) e a autonomia da vontade (sinônimo de submissão esclarecida) (Durkheim,

1978). A construção social da infância se concretiza pelo estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para ela.

Já em relação à concepção da fase da infância, Sirota (2001) coloca que tanto na sociologia geral quanto na sociologia da educação, o que se teve foi uma concepção de Durkheim sobre essa fase da vida, considerando a criança um receptáculo da vida adulta, o conhecido ‘vir a ser’. A referida autora considera ainda a necessidade de um afastamento dessa concepção de infância, pois, “trata-se de romper a cegueira das ciências sociais para acabar com o paradoxo da ausência das crianças na análise científica da dinâmica social com relação a seu ressurgimento nas práticas e no imaginário social” (Sirota, 2001, p. 11).

O juvenil precisa ser visto como um ser integral. Dessa forma ver e ouvir o jovem é fundamental em qualquer trabalho que realmente deseja estudar a infância. Esse olhar e esse ouvir ficam ainda mais pertinentes quando levam em consideração o princípio de toda e qualquer infância: o princípio de transposição imaginária do real, comum a todas as gerações, constituindo-se em capacidade estritamente humana. É preciso levar em consideração uma concepção modificada da mente infantil, “uma mente criando sentido, buscando sentido, preservando sentido e usando sentido; numa palavra – construtora do mundo” (Geertz, 2001, p. 186).

Fernandes e Kuhlmann Júnior (2004, p. 29), apontam que: “os fatos relativos à evolução da infância, na pluralidade de suas configurações, inscrevem-se em contextos cujas variáveis delimitam perfis diferenciados”. Ou seja, a juventude precisa ser percebida como um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e suas variáveis. Ela deve ser considerada um ser completo com suas necessidades, modo de pensar, agir e modos que lhe são próprios. No entanto, as muitas representações de juventude acabaram variando conforme a sua colocação familiar, étnica, etária, ou em quaisquer outros aspectos da sociedade em geral.

A infância também nada mais é que um período construído pela sociedade no transcorrer da história, momento em que as crianças “vivem suas vidas”, mostrando também que essa infância é uma estrutura da sociedade,

comparando com classes sociais, ou seja, como uma fase em que ela será preparada para a fase adulta e seu ingresso na sociedade, lembrando que ela já está inserida na sociedade desde que nasce (Campos, 2013, p. 28).

## O JUVENIL ADVENTISTA

Uma pesquisa foi realizada com 701 pessoas de diferentes partes do continente americano, sendo 98,7%, delas batizadas na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), dos quais 74,7% possuíam no máximo quinze anos de batismo. A maioria dos entrevistados são jovens, compreendendo 69,6%, do total. Como era de se esperar, a pesquisa confirmou que o jovem adventista está inserido mais em uma realidade religiosa de caráter distrital<sup>1</sup> do que escolar<sup>2</sup>. Dos respondentes, 87% estão inseridos em um contexto distrital e, embora frequentemente instituições de ensino adventistas, permanecem distantes da experiência vivenciada em uma escola-residência (internato).

Ao serem perguntados do porquê de eles irem à igreja, 83,5% responderam que vão por consciência religiosa ou vontade de adoração, mas suas motivações específicas são variadas. Apesar de 33,7% informar que tem interesse no estudo da Bíblia, outros 37,7% só se sentem realmente motivados a saírem de suas casas para irem aos templos se estiverem engajados em alguma atividade na igreja, ou forem se encontrar com algum amigo. Dentre eles, 17,6% esperam que a igreja tenha cultos dinâmicos, interativos e que seja voltado para sua faixa etária.

Quando questionados sobre sua frequência aos cultos e programas regulares da igreja, os dados comprovaram a realidade observada nas igrejas. O culto mais frequentado por todas as faixas etárias é o culto normal seguido pela Escola Sabatina, ambos ocorridos no período do sábado pela manhã. Nos demais cultos, observa-se a queda natural da frequência, que é justificada pelos intempéries e contratempos da vida. Todavia, ao cruzar os dados da

<sup>1</sup> A realidade distrital, neste trabalho, recebe este nome a partir da nomenclatura comum da estrutura eclesial Adventista, onde um distrito pastoral compreende a um bloco administrativo liderado por um pastor distrital, tendo em si a(s) igreja(s) e/ou escola(s). Assim, para fins didáticos, trazemos ao trabalho essa nomenclatura comum à cultura adventista para compreender ao conjunto: casa, igreja e escola como ambientes independentes entre si. Ou seja, o núcleo de convivência e influência sobre o juvenil são separados e distintos em seus objetivos e sujeitos de ação.

<sup>2</sup> A realidade escolar, neste ensaio, deve ser entendida como aquela em que os ambientes casa, igreja e escola são interdependentes entre si. Ou seja, o núcleo de convivência e influência sobre o juvenil são os mesmos e os sujeitos de ação têm os mesmos objetivos para com o juvenil.

frequência dos cultos com a faixa etária dos entrevistados, notou-se algo interessante. Paralelamente, observa-se que programações direcionadas especificamente a essa faixa etária logram retomar o interesse desse público, ao passo que, nas demais faixas etárias, não se nota alteração significativa, para além da queda natural na frequência geral.

Quando questionado sobre qual classificação eles atribuiriam à sua igreja, foram-lhe apresentadas quatro opções genéricas: 1) conservadora, caracterizada por uma liturgia e onde as programações são formais e uniformes; 2) tradicional, qualificada por uma liturgia formal, mas os programas e cultos são diversificados; 3) moderna, caracterizada pela liturgia informal, mas que preserva a formalidade nos cultos e programações; 4) contemporânea, os cultos e as programações são informais e diversificadas. A partir das respostas, foi verificado que 81,7% assinalaram que as suas igrejas possuíam o caráter conservador ou tradicional, mas 55,8%, de todos os entrevistados, prefeririam que suas igrejas fossem de característica moderna ou contemporânea.

Para pouco mais de 85% dos entrevistados, a liderança de suas igrejas é majoritariamente composta por adultos; simultaneamente, na visão de quase 70% deles, os materiais produzidos pela igreja também visam atender prioritariamente a esse público. Talvez isso explique o fato de que quase 60% dos participantes estejam insatisfeitos com o estilo de sua igreja. É verdade que inúmeras questões de caráter pessoal podem ser motivadoras dessas insatisfações, todavia, 52,8% dos entrevistados indicaram que a base dessa insatisfação estava ligada a questões institucionais, enquanto 60,6% a vincularam ao tradicionalismo do culto e do ambiente da programação religiosa.

Quase 60% dos entrevistados consideram-se numa posição de relativo amortecimento quanto à sua atuação nos programas e cultos da igreja, uma vez que afirmam ser apenas espectadores ou, no máximo, participantes ocasionais quando solicitados para tarefas pontuais. A maioria – cerca de 80% – não está envolvida diretamente no ensino bíblico a outrem. Contudo, tal cenário não decorre da ausência da experiência prévia, visto que 81,5% dos respondentes já realizaram estudos bíblicos com terceiros. Diante desses

dados, questiona-se: o que motivou a interrupção dessa prática? Teria ocorrido algum fator de ruptura nessa continuidade?

A pesquisa evidenciou que, na visão dos entrevistados, há uma impressão de quem está à frente das programações e cultos, geralmente, são os adultos, de forma que o acesso dos jovens ao “púlpito” tende a ficar limitado. Para 76,2% dos entrevistados os jovens têm acesso regular, pouco ou nenhum ao “púlpito” de suas igrejas. Quais as consequências diretas disso?

Os participantes acreditam, em sua maioria, que a grande vantagem de se ter jovens à frente das programações e cultos, é que a sua comunicação, além de ser mais democrática, está mais próxima do tempo e realidade do ouvinte do seu tempo, ou seja, está atualizada, mesmo tendo ciência de que seu conteúdo careça de profundidade.

Para 74,2% dos entrevistados, a igreja encontra-se em um status irrelevante ou, no mínimo, atrasada em relação à contemporaneidade. Vale salientar que 97,4% dos jovens identificaram que uma igreja atualizada é aquela capaz de conservar sua essência em um mundo secularizado, ou, ao menos, de estabelecer comunicação com esse ambiente secular<sup>3</sup>. Nesse contexto, quase 85% dos participantes afirmaram que a instituição necessita de atualização.

Quanto aos meios para essa atualização – questão proposta na etapa final do questionário –, os resultados indicaram a ausência de indícios de insurgência contra a instituição (igreja), suas doutrinas ou crenças fundamentais. Entretanto, a visão desse grupo amostral, de pessoas de diferentes partes do Brasil e de alguns países do continente americano, indicou, em 76,6% das respostas, que o caminho – a solução – reside na alteração dos mecanismos de pregação do evangelho.

## EMPODERANDO O JUVENIL

Baquero (2001) afirma que, historicamente, o empoderamento é algo que está enraizado nas lutas pelos direitos civis assumindo significados que remetem ao desenvolvimento de potenciais que proporcionam a democracia.

<sup>3</sup> O termo “secular” está sendo usado dentro do aspecto figurativo da palavra na perspectiva religiosa de seu significado, denotando tudo o que não é religioso ou que não está vinculado a um contexto espiritual. Conforme o site Dicionário Informal: “Coisa realizadas durante nossa existência no mundo, MUNDANAS ou PROFANAS, anteriores à comunhão para com Deus, ou seja, fora do ambiente de agrado das religiões.

Talvez por isso, tratar deste tema, principalmente no meio religioso é sempre esperar que alguém interprete, nem que seja de forma indireta, uma ode a alguma revolta contra o sistema ou crítica a algum sistema opressor, mas não é isso. A afirmação acima apenas indica que a repercussão desse conceito não se situa apenas no campo das relações humanas. Na verdade, seu significado se estabelece também no nível psicológico de análise, ou seja, no nível individual. Em tese, para Baquero (2012, p. 176), o empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de adquirirem conhecimento e controle sobre forças pessoais, a fim de agirem na direção da melhoria de suas condições de vida. Segundo a autora, o conceito diz respeito ao incremento da capacidade de os indivíduos sentirem-se influentes nos processos que determinam suas trajetórias.

Campos et al. (2014, p. 240), afirmam que “quanto maior o nível de empoderamento do adolescente, melhor a qualidade de vida dos jovens”. É necessário entender que a importância do conhecimento para o empoderamento da juventude não pode ser limitada simplesmente à justiça social, mas a processos de mudança organizacional e da comunidade que envolve a juventude (Russell et al., 2009). Ou seja, isso acaba pedindo o surgimento de cases que realmente façam a diferença à longo prazo nos diferentes níveis em que a juventude está inserida na organização (Guzman, 2007).

Salomão (2018, p. 190), em sua obra *LYdereZ*, diz que, “o problema é que as empresas que insistem nos velhos padrões de gestão e liderança simplesmente não conseguem se conectar com as gerações chamadas de Y e Z. Aliás, não só as empresas, mas também as escolas, as universidades e até as famílias”. Diante disso, os resultados acabam sendo semelhantes aos encontrados na pesquisa deste trabalho: um gap geracional afetando diretamente a estrutura da igreja. White (2017) corrobora com esse pensamento ao identificar como é crescente o número de jovens que se consideram desvinculados de instituições religiosas, apesar de continuarem acreditando em Deus, e até mantendo práticas religiosas, só que de forma individualizada.

Uma pesquisa recente com trinta e cinco mil americanos, conduzida pela Pew Research Center, descobriu que a ascensão dos “sem religião” cresceu, abrangendo a 23% dos adultos dos Estados Unidos da América (EUA). Isso

significa que quase um em cada quatro adultos nos EUA, quando questionados sobre sua identidade religiosa, diriam “nenhuma” (White, 2017, p. 17).

Esse cenário reflete um retrato cada vez mais nítido do universo cristão contemporâneo e já se manifesta na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Seus sintomas primários revelam-se por meio de uma apatia sistemática em relação aos programas e cultos regulares, somada à emergência de uma cultura de inclinação ecumênica.

Três estudos de caso da própria denominação têm demonstrado que o empoderamento da juventude constitui uma estratégia eficaz no alcance das novas gerações; afinal, os jovens são nativos e influenciadores desse tempo. A atual liderança, contudo, enfrenta dificuldades em valorizar tal potencial, em virtude do distanciamento geracional. Segundo Botelho (2015, p. 17) os “homens-esponjas” do século XX, os quais aprenderam a duras provas que “absorver é tudo”, têm extrema dificuldade de sobreviver na era em que o excesso de informação é apenas o desjejum de um longo dia. Por isso, é difícil confiar a “meninos e meninas”, “garotos”, “moleques que mal saíram do tanque batismal”, o “púlpito” da sagrada denominação.

## MISSÃO CALEBE

O primeiro deles é a Missão Calebe que tem a cada ano mostrado o quanto a força jovem pode produzir, mesmo com moldes, e materiais e, até, às vezes, estrutura litúrgica fora de sua faixa etária, se a igreja der liberdade e autoridade de proclamação. Há mais de uma década, esse projeto não só tem feito a igreja avançar, mas tem mudado a “cara” da igreja. Em suma, a Missão Calebe se destina a mobilizar milhares de jovens em toda a América do Sul, desafiando-os a dedicarem parte de suas férias para fazerem evangelismo em lugares onde não há presença adventista. Ele se tornou o maior movimento de jovens dos últimos tempos.<sup>4</sup>

Testemunha-se, no entanto, solitários depoimentos sobre o período que sucede à uma igreja impactada pelo projeto. Por vezes, são discursos vazios que injustamente caracterizam o projeto como efêmero e despossuído de

<sup>4</sup> Para mais informações, ver: <https://www.adventistas.org/pt/jovens/missao-calebe/>. Acessado em: 29 abr. 2026.

valor. Falas, como a de Maria Freire, de 65 anos, destacam o descontentamento devido à falta de continuidade, da festividade atraída e impulsionada nas igrejas pelo projeto em questão:

Depois de algumas semanas, tudo deixa de ser jovem e animado, os cultos deixam de ser alegres e movimentados, sempre com alguma coisa diferente para apresentar e ensinar sobre a Bíblia e Deus, e a igreja volta a ser como qualquer outra, onde a gente vem e vai como se nada mais fizesse sentido. Esperando, talvez, um dia aqueles meninos voltarem pra levantar esse lugar outra vez, fazendo aquela festa.

### **CLUBE DE DESBRAVADORES**

O segundo case, que exemplifica o grande impacto que o empoderamento juvenil causa na igreja, é o Clube de Desbravadores. Projeto criado a quase 70 anos, nos Estados Unidos da América (EUA), que se espalhou por todo o mundo e, hoje, é reconhecido como o maior programa de discipulado juvenil da igreja, presente em mais de 160 países e com mais de 1,5 milhão de participantes.

Em poucas palavras, são: meninos e meninas com idades entre dez e quinze anos, de diferentes classes sociais, cores e religiões. Reúnem-se, em geral, uma vez por semana para desenvolver talentos, habilidades, percepções e o gosto pela natureza. Vibram com atividades ao ar livre. Gostam de acampamentos, caminhadas, escaladas, explorações em matas e cavernas. Sabem cozinhar ao ar livre, fazendo fogo sem fósforo. Demonstram habilidades, com disciplina, por meio da ordem unida, e possuem criatividade despertada pelas artes manuais. Combatem, também, o uso de fumo, álcool e drogas. Trabalham em equipe procurando sempre serem úteis à comunidade. Prestam socorro em calamidades e participam ativamente de campanhas comunitárias para ajudar pessoas carentes. Em tudo o que fazem, procuram desenvolver amor a Deus e à Pátria e, além disso, desenvolver amizades.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Para mais informações, ver: <https://www.adventistas.org/pt/desbravadores/quem-somos/>. Acessado em 29 abr. 2026.

Por intermédio desse projeto e seus inúmeros resultados, é perceptível o que um grupo de adolescentes organizado, focado, bem orientado e empoderado é capaz de fazer em prol da causa de Deus e do crescimento da igreja. A grande questão a ser levantada aqui é: se projetos como esse continuarão a ser considerados, na prática, como meros adereços ou se tornarão elementares para a manutenção da instituição religiosa como um todo.

## **EDUCAÇÃO ADVENTISTA**

Por fim, o terceiro case é a própria estrutura de escolas-residência da Educação Adventista, mais conhecidas como internatos. Desde que foram criadas, as escolas-residências pretendiam ser centros de cuidado e desenvolvimento integrais do juvenil. Ellen White (1999), uma das pioneiras da IASD, afirma que, em ambientes como aos do internato, ocorrem influências contínuas, sólidas, firmes e duradouras, necessárias para a educação integral do jovem. Na prática, o aluno tem o mesmo discurso e filosofia sendo ensinado desde o despertar ao asseio, ao desjejum – em seu aspecto qualitativo –, ao devocional, às aulas, ou às demais atividades do dia, sem haver a contradição ou disparidade de ideologias.

Deve-se entender aqui que o ingresso numa escola-residência termina por ser, além de uma barreira às influências negativas da contemporaneidade que uma família desassistida, despreparada ou, simplesmente, disfuncional possa ter sobre a vida de um juvenil, uma potencializadora de atributos e talentos adormecidos desse jovem, ou até desenvolvedora de faculdades que ele não tinha e talvez nunca tivesse oportunidade de ter fora daquele ambiente.

Em cada uma das dezesseis unidades espalhadas só no Brasil, todos os projetos desenvolvidos visam colocar os jovens como protagonistas de suas próprias realidades. Ao pinçar a realidade do Instituto Adventista Pernambucano de Ensino (IAPE), localizado na região nordeste do país, à 90 Km de Recife, cerca de 90% de todas as atividades eclesiais foram criadas e são coordenadas e executadas pelos próprios adolescentes. Isso provocou uma mudança gritante no comportamento da própria comunidade interna que saiu de um índice de 68% de rejeição aos programas espirituais para 82% de aceitação.

Em apenas três anos de trabalho, esse comportamento foi alterado com o simples trabalho de: 1) diagnosticar as necessidades através do olhar do adolescente; 2) recrutar e treinar adolescentes para criar as devidas soluções; e, 3) empoderar cada adolescente na criação de atividades, programas e cultos conforme o seu próprio *mindset*.

Nesta unidade escolar, a pastoral, antes de iniciar o trabalho letivo, se fez uma pergunta: “qual o público-alvo que se pretende atingir nesse lugar?”. Aparentemente uma pergunta simples, ou óbvia, mas, infelizmente, não tão utilizada nas igrejas locais. A realidade do IAPE mostrou que do público médio que frequentava os cultos e programações, cerca de 85% eram adolescentes. Curiosamente, até então, não havia nenhum projeto ou programa regular no calendário da igreja do campus que atendesse a essa faixa etária. Tudo era voltado para o público adulto. Estava explicada a insatisfação com a igreja e, conseqüentemente, com a escola; como ali também era a residência deles, isso resultava em uma baixa qualidade de vida.

Após o direcionamento das programações para os jovens, houve um aumento significativo de satisfação por parte da juventude em viver no campus. Relatos análogos ao de Henrique Ambrózio, de quinze anos, se tornaram as novas diretrizes (objetivos) da experiência educativa integral adventista do IAPE:

Os últimos três anos foram realmente revolucionários para minha vida. Toda minha família sempre foi da igreja, mas nunca me senti motivado a fazer parte dela. Na verdade, minha vontade era esperar completar meus 18 anos e tomar o rumo de minha vida, principalmente longe de igreja. Mas foi aqui, que percebi que existe uma igreja que fala a minha linguagem, que atende às minhas necessidades e me motiva a estar envolvido sempre em alguma coisa, seja um projeto evangelístico, fazendo missão, seja num culto de oração, ou um encontro

de pequenos grupos, só que tudo com a nossa cara.  
Resultado: Me batizei!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como fugir da realidade experienciada pela geração Z, “o mundo já está nas mãos deles”, afirma Salomão (2018, p. 240). Isso é um lembrete para os líderes e educadores da geração anterior. Tentar perpetuar modelos de décadas passadas, às vezes, pode se tornar um processo descontextualizado e ineficaz. Como resposta a essa lacuna operacional do período entre gerações, como um breve diagnóstico, o presente ensaio identificou que a realidade da igreja, em diferentes contextos e localidades do país, é muito semelhante na sua estrutura humana de atuação. Encontramos uma igreja insatisfeita com os modelos litúrgicos que, segundo ela, encontram-se carentes de atualização, com um grupo muito grande de jovens e adolescentes pouco atuantes em suas comunidades religiosas, no máximo restritos a programas não valorizados pela comunidade geral e, até, a espaços secundários em ambientes e programas espirituais no calendário eclesiástico.

Notamos que reside um perigo em classificar a juventude como alienada ou desinteressada. Uma vez que *youtubers*, *influencers* e personalidades possuem milhares de seguidores jovens e ativos, o problema talvez não esteja no desinteresse do jovem, mas na ausência de pessoas, processos e programas capazes de conversar com a sua realidade. Salomão (2018) entende que rotular essas novas gerações como apáticas é mais simples do que se esforçar para criar um conteúdo que as instigue, que se comunique com elas.

Os cases adventistas, vistos em tópicos anteriores, saúdam o protagonismo e o empoderamento do jovem na igreja, na comunidade e nas escolas. Uma vez empoderados, os jovens dão conta e preenchem a demanda por agilidade. E isso não significa desvalorizar o trabalho dos mais velhos: experiência sempre terá muito valor. Mas a grande proposta é que haja união entre a experiência e o fôlego. O empoderamento não é o simples ato do “faça o que quiser, de qualquer jeito”, mas “faça da melhor maneira que só você sabe fazer para comunicar os princípios e valores imutáveis de Deus”. É entender que

“quem está com a mão na massa é que mais precisa de instrução e preparo” (Salomão, 2018, p. 197).

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981
- BAQUERO, R. V. A. EMPODERAMENTO: INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL? – UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL. **Revista Debates**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 173, 2012. DOI: 10.22456/1982-5269.26722. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- BAQUERO, M. Alcances e limites do capital social na construção democrática. Em: BAQUERO, M. (Org.). **Reinventando a sociedade na América Latina**: cultura política, gênero, exclusão e capital social. Porto Alegre: Ufrgs; Brasília, DF: Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 2001.
- BOTELHO, M; FONTANA, V. **Ontem esponja, amanhã peneira**: o direito de ligar e desligar na sociedade da informação. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.
- CAMPOS, A. C. V. et al. Empoderamento e qualidade de vida de adolescentes trabalhadores assistidos por uma entidade filantrópica de apoio ao adolescente. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 23, n. 1, p.238–250, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n1/0104-1290-sausoc-23-01-00238.pdf>>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- CAMPOS, G. V. **Culturas infantis**: crianças plurais, plural da infância no cotidiano da educação infantil. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- DE MAUSE, L. **História de la infância**. Madri, Alianza Universidad: 1991.
- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FERNANDES, R. KUHLMANN JÚNIOR, M. Sobre a história da infância. Em: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação** – materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 2001.
- GUZMAN, M. L. M. Mirando al futuro: desafíos y oportunidades para el desarrollo de los adolescentes en Chile. **Psykhé**, Santiago, v. 16, n. 1, p. 3–14, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=96716101>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- LEVIN, E. **A infância em cena** – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

- NARODOWSKI, M. **Infância e poder**: a conformação da pedagogia moderna. 1993. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253038>>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 47–63, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2008.79.47-63. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- RUSSELL, S. T. et al. Youth empowerment and high school gay-straight alliances. **Journal of Youth and Adolescence**, Londres, v. 38, n. 7, p. 891–903, 2009. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2863040/>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- SALOMÃO, P. **LYdereZ**: O exercício da liderança para conectar gerações. Rio de Janeiro: Best Business, 2018.
- SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. São Paulo: **Cadernos de pesquisa**, n. 112, 2001. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/cp/n112/16099.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16099.pdf)>. Acessado em: 29 abr. 2026.
- WHITE, E. G. **Conselhos sobre educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- WHITE, J. E. **Meet generation Z**: Understanding and reaching the new post-christian world. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2017.

# Adolescentes e a formação das crenças e valores

A ética adotada pelos adolescentes os leva a distintos comportamentos e capacidades. Quando os confrontamos naquilo em que acreditam – seja na família, na escola, na igreja, no Clube de Desbravadores ou no círculo de amigos –, entendemos que eles desenvolvem, consciente ou inconscientemente, diferentes papéis na sociedade. Cada papel é sustentado por um conjunto de crenças e valores que, se bem desenvolvidos, levam os adolescentes a confiarem no seu próprio potencial e no das pessoas ao seu redor, bem como a confiarem em Deus a ponto de tomarem decisões e fazerem escolhas importantes no âmbito espiritual, aceitando crenças e valores que nortearão o seu futuro eterno. Isso ocorre durante o desenvolvimento das capacidades e comportamentos que exercem no dia a dia.

Nesse período da vida, o adolescente experimenta muitas novidades em seu cotidiano, sejam físicas, afetivas, intelectuais e espirituais. A falta de apoio e de compreensão por parte de pais, educadores e líderes (da igreja ou dos Desbravadores) pode causar uma grave incompreensão dessa fase, que é fundamental para a formação e assimilação dos valores éticos, morais e espirituais.

Posto isto, o presente artigo traz como base um estudo centrado no contexto das crenças e valores de adolescentes não adventistas que participam do Clube de Desbravadores em diferentes regiões de São Paulo e arredores. O estudo foi desenvolvido com o intuito de ampliar o conhecimento referente aos valores morais e espirituais que estão em desenvolvimento e se organizam nas mentes desses jovens.

Para compreender as questões relacionadas a esse processo de formação, a presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa. A amostra foi composta por 60 membros de Clubes de Desbravadores, escolhidos de forma aleatória, na faixa etária entre dez e quinze anos, não adventistas do sétimo dia, residentes na cidade de São Paulo e região adjacente. Deste total, 32 são do sexo masculino e 28 do sexo feminino, sendo a variável de gênero considerada na análise das respostas.

A coleta de dados ocorreu mediante a aplicação de um questionário presencial, realizado pelo pesquisador nos locais frequentados pelos clubes. O

instrumento foi composto por questões classificadas em quatro categorias de análise: 1) a influência da família na formação de valores; 2) a percepção moral e as virtudes no ambiente eclesial; 3) a credibilidade e o papel do Clube de Desbravadores; e 4) o impacto da mídia e do entretenimento digital (preferência dos adolescentes na utilização midiática geral). O resultado dessas pesquisas permite uma constatação percentual da assimilação de valores nesses quatro níveis vitais de influência.

## CRENÇAS, VALORES E O ADOLESCENTE

A adolescência caracteriza-se pela construção de valores sociais e morais. O adolescente procura a perfeição moral, o que muitas vezes origina algum tipo de revolta por descobrir que a sociedade, a escola, a família, a igreja e até mesmo o Clube de Desbravadores não se harmonizam perfeitamente com os valores que ele defende. O fato de confrontar seus próprios valores com os do “mundo adulto”, na tentativa de alcançar a tão sonhada autonomia, por vezes abala sua confiança nessas instituições.

Os modelos mentais, formados pelas crenças e valores, determinam a forma como o jovem enxergará a vida, podendo facilitar ou dificultar o desenvolvimento de capacidades e comportamentos em cada fase. É por isso que a maneira de enxergar o mundo determina atitudes coerentes ou incoerentes com os valores pré-determinados pela sociedade ou pela família. Isso ocorre devido ao alinhamento entre crenças (o que acreditamos) e comportamento (o que fazemos). Na obra *A quinta disciplina*, Senge (2008) comenta que, embora não se comportem de forma coerente com aquilo que dizem, os adolescentes comportam-se de forma coerente com aquilo que acreditam.

Para que a moral realmente se desenvolva, é preciso, em primeiro lugar, questionar o conjunto de crenças e valores do adolescente. Somente quando eles refletem sobre determinadas situações é que passam a adquirir consciência; é nesse patamar que se desenvolvem as capacidades e comportamentos alinhados ao seu ponto de vista.

Nesse aspecto, as considerações de Hutchens (2006) são relevantes. Ele faz uma comparação entre as sombras e a realidade, afirmando que modelos

mentais – crenças, imagens e pressupostos profundamente arraigados sobre nós mesmos, nosso mundo e nossas organizações – determinarão a maneira como uma pessoa age e encara o mundo. Segundo o autor, “a forma como nós vemos o mundo influencia a experiência que temos do mundo” (Hutchens, 2006). Assim, ele acredita que duas pessoas podem ter pontos de vista diferentes sem que, necessariamente, alguma delas esteja errada. O ideal é procurar compreender a realidade e buscar coadunar as ideias para tirar uma conclusão equilibrada. Refletindo sobre isso, conclui-se que os modelos mentais de cada indivíduo não são, por definição, verdades absolutas, pois foram criados com base em experiências próprias.

Segundo Piaget (1930, apud Mehanna), a educação moral não constitui uma matéria especial de ensino, mas um aspecto particular da totalidade do sistema. Desse modo, os adolescentes não devem ter “aulas” de educação moral, mas sim vivenciar a moralidade na vida diária. Trabalhos em grupo e atividades em família servem como recursos facilitadores para a construção da autonomia, pois, ao trabalharem juntos, os jovens trocam experiências, discutem, ganham em algumas ideias e perdem em outras, exercendo a democracia. Educar moralmente é proporcionar situações onde possam vivenciar a cooperação, a reciprocidade e o respeito mútuo.

Nesse ponto, o Clube de Desbravadores torna-se essencial, pois proporciona a possibilidade de desenvolvimento moral, pessoal e espiritual com base em experiências de convívio e atividades coletivas. Essa dinâmica de troca envolve pressupostos e paradigmas culturais e éticos compartilhados por desbravadores de diferentes realidades. Torna-se importante citar a teoria de Kohlberg (Biaggio, 1998), que defende que todo indivíduo é potencialmente capaz de superar os valores da cultura em que foi socializado, em vez de incorporá-los passivamente. Isso pode ser percebido na vida daqueles que, mesmo sem bons exemplos na infância, tornam-se pessoas com valores sólidos. O conselheiro da unidade age como moderador, redirecionando aspectos negativos e ajudando os adolescentes a assimilarem lições de vida, muitas vezes aprendendo por contraste.

Vale ressaltar também a visão de Puig (1998). Para ele, a educação moral pressupõe uma tarefa construtiva que deve levar em consideração as diferenças culturais e os sentimentos. O autor afirma que a educação moral:

Mais que um espaço educativo contíguo a outros espaços educativos, ela é uma dimensão formativa que atravessa todos os âmbitos da educação e da personalidade. Deste modo, a educação moral converte-se no ponto central da educação porque pretende dar sentido e direção ao ser humano como um todo. Entendida como um dos aspectos particulares da educação ou entendida como o eixo transversal de todo o processo educativo, a educação moral é um aspecto-chave da formação humana (Puig, 1998, p. 24).

Assim, o processo de formação de bons valores e de uma moral reta é fundamental para o desenvolvimento harmônico. No entanto, infelizmente, a sociedade sofre com a degradação e a delinquência, que destroem lares e comunidades. Parrott (2003), em *Adolescentes em Conflito*, já afirmava que a sociedade está desmoralizada: lares desfeitos quebram o coração dos jovens, pais abusivos produzem filhos irritados e a falta de regras claras contribui para a formação de adolescentes emocionalmente fracos e irresponsáveis. Sobre os perigos deste mundo incerto, White (2013) assevera:

Para os que são fracos em poder moral, as cidades enxameiam de perigos. Nelas, os doentes que têm apetites não naturais a vencer se encontram continuamente expostos a tentação. Eles necessitam ser colocados em novos ambientes, onde haja novo rumo à corrente de seus pensamentos; precisam ser postos sob influências inteiramente diversas das que lhes infelicitaram a vida e, por algum tempo, afastados de

tudo que desvia de Deus, para uma atmosfera mais pura (White, 2013, p. 263).

Para criar exatamente esse ambiente seguro, fundou-se o Clube de Desbravadores, colocando os jovens em um espaço propício ao desenvolvimento físico, mental e espiritual. O próprio *Manual administrativo do Clube de Desbravadores* (2013, p. 14) afirma: “As pessoas agem baseadas em suas crenças e visão de mundo [...] tudo o que o Clube de Desbravadores faz tem um sentido, uma base, um alicerce de conceitos e princípios imutáveis que são extraídos da Palavra de Deus”.

## A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DE VALORES

A humanidade tem mudado, em especial no século 20 e 21 e no Ocidente. As famílias tradicionais estão dando lugar a novos modelos. Pais separados tornam-se habituais, padrastos, madrastas e avós dedicam tempo demasiado ao trabalho, negligenciando o apoio na formação dos jovens. Os pais e os cuidadores, por sua vez, necessitam trabalhar longas horas diariamente, deixando os filhos em atividades acadêmicas de ensino integral ou mesmo sozinhos em casa. Com isso, a educação tem sido terceirizada por aquela que deveria ser a instituição formadora do caráter, a saber, a família.

A família é a instituição mais importante na busca da conquista de valores e crença, sendo essencial para determinar a eficácia da capacidade moral do adolescente. Pais cordiais, sinceros e empáticos colaboram profundamente nesse processo. Sobre esse assunto em questão, ressalta-se o pensamento da escritora Ellen White (2004), para quem os pais são o elemento central na vida das crianças e adolescentes na construção de valores e crenças que nortearão a vida futura delas:

Os pais estão na obrigação perante Deus de tornar os arredores do lar uma representação da verdade que professam. Podem então dar lições corretas a seus filhos, e estes aprenderão a associar o lar terreno com

o celestial. A família aqui precisa, tanto quanto possível, ser um modelo da família do Céu. Então a tentação de condescender com o que é baixo e vil perderá muito de sua força. Os filhos devem ser ensinados que são apenas aspirantes aqui, e ser educados para se tornarem habitantes das mansões que Cristo está preparando para os que O amam e guardam os Seus mandamentos. Esta é a mais alta tarefa que os pais têm a desempenhar (White, 2004, p. 146).

As melhores condições de crescimento ocorrem quando o jovem se sente aceito incondicionalmente, compreendido e próximo de uma pessoa confiável. A pesquisa mostrou que a maioria da *geração teen* confia em suas famílias, o que é de extrema importância para a preparação moral para a vida.

A análise teve como objetivo verificar o grau de confiança do adolescente na instituição familiar. Somando as categorias “confio muito” e “confio”, verificou-se que praticamente 97% dos entrevistados confiam na família. Esse resultado mostra que o lar continua soberano como instituição geradora de valores. Quando considerada a variável gênero, encontrou-se uma diferença mínima: os rapazes demonstraram confiar levemente mais na família do que as moças (embora elas próprias tenham relatado altos índices de confiança).

## A PERCEPÇÃO MORAL E AS VIRTUDES NO AMBIENTE ECLESIAÍSTICO

No desenvolvimento da identidade em relação à igreja, o adolescente adquire uma compreensão que envolve seu relacionamento familiar e o convívio com os membros, cultos e programações. Essa compreensão abrange os valores éticos e espirituais incorporados em direção à autonomia. Na adolescência, o jovem alcança um estágio baseado no respeito mútuo, aprendendo que as pessoas possuem códigos distintos de certo e errado – tarefa complexa devido às frequentes incoerências nos padrões morais dos adultos ao seu redor.

No questionário, analisou-se quais virtudes são mais valorizadas no convívio eclesial. A honestidade apareceu como a virtude mais importante (38%

das preferências), seguida da generosidade (29%). Curiosamente, a “doutrina” não figurou como prioridade primária na mente dessa faixa etária.

Quanto ao gênero, houve divergências: para as meninas, lealdade e doutrinas sobressaíram-se frente à generosidade e honestidade; já para os meninos, a honestidade e a generosidade lideraram as respostas. Quase metade dos rapazes (43%) apontou a honestidade como a principal virtude para o convívio religioso. É provável que a corrupção amplamente divulgada pelas mídias influencie esses jovens a almejem, acima de tudo, uma igreja que demonstre integridade prática.

## A CREDIBILIDADE E O PAPEL DO CLUBE DE DESBRAVADORES

No Clube, assim como na família e na igreja, os conflitos relacionais são comuns e devem ser vistos como oportunidades de aprendizagem. Os adolescentes precisam ver os líderes como pessoas capazes de ensinar a resolver divergências de forma educativa. Sentimentos dolorosos decorrentes de desavenças são necessários para que o jovem compreenda as consequências dos seus atos e desenvolva o equilíbrio moral.

Vale ressaltar a importância de permitir que os jovens tomem decisões e criem normas de convivência por si mesmos; eles tendem a respeitar muito mais as regras que ajudaram a construir do que aquelas impostas de cima para baixo. Como aponta White (2000, p. 138), a disciplina deve ser sábia e fundamentada: “Todo princípio nelas envolvido deve de tal maneira ser posto perante o estudante que ele se convença da justiça desse princípio. Assim sentirá a responsabilidade de fazer com que sejam obedecidas as regras que ele próprio auxiliou a organizar”. O Clube atua como essa escola educativa, focada em “Salvar do pecado e guiar no serviço”.

A relação com a liderança, principalmente com o conselheiro de unidade, deve ser de forte confiança. A pesquisa buscou mensurar a credibilidade do clube entre os participantes não adventistas. Os dados revelaram que mais de 98% dos entrevistados revelam grau de confiança positivo no Clube de Desbravadores (somando “confio muito” e “confio”). Apenas 1,7% alegaram

não confiar. No recorte por gênero, os rapazes lideraram o índice de “confio muito” (50%), contra 39,3% das moças.

## O IMPACTO DA MÍDIA E DO ENTRETENIMENTO DIGITAL

Os adolescentes de hoje são nativos digitais. Não entendem a vida sem internet, convivem com a velocidade da informação e buscam novidades constantes. Os meios de comunicação podem ser benéficos, mas são frequentemente vilões no desenvolvimento moral, visto que o conteúdo é absorvido, na maioria das vezes, sem nenhum tipo de filtro. Segundo Parrott (2003), a mídia, especialmente a internet, tornou-se um instrumento que “vicia nossos jovens e passa a controlar lhes a vida”. Por isso, é vital protegê-los da imersão em más influências.

No processo de busca por autonomia, o jovem precisa de referenciais seguros para não cair na identificação coletiva artificial imposta pelas propagandas. Por essa razão, solicitou-se aos entrevistados que indicassem o que mais os atrai na mídia geral, dividindo as opções em cinco categorias: moral, política, religião, ciência e entretenimento.

Houve diferença significativa por gênero: a dimensão “moral/política” teve uma preferência 14% maior entre as moças do que entre os rapazes. Elas também apresentaram índices superiores em “religião” e “ciência”. No entanto, na opção entretenimento, a diferença foi quase nula (menos de 2%), consolidando-se como a preferência absoluta de ambos os gêneros.

Conclui-se que os adolescentes procuram as mídias esmagadoramente para o lazer, e raramente para a formação de valores, informações cívicas ou desenvolvimento espiritual. Fica evidente a necessidade de a igreja aprender a interagir de forma mais assertiva e educacional com as plataformas digitais, alcançando essa geração onde ela se encontra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação procurou auxiliar e redirecionar esforços no sentido de alcançar melhor eficácia na transmissão do conteúdo para os

adolescentes, bem como induzir uma abordagem para ajudá-los na obtenção de uma moral e valores mais sólidos.

O instrutor moderno, seja um líder de desbravadores, um pastor, um conselheiro, um capelão ou um educador, é aquele que procura, antes de tudo, guiar, orientar, encorajar, estimular, descobrir e canalizar os impulsos e interesses de todos que entra em contato. Conhecer a forma como os adolescentes pensam, seus valores e suas preferências midiáticas, sem dúvida alguma, contribui para que a aplicação dos conceitos espirituais se torne mais didática e atinja um resultado harmônico no desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Considerando a perspectiva da importância da formação moral, essa investigação alcançou o objetivo de verificar a importância de algumas virtudes nas relações interpessoais dos adolescentes bem como identificar o grau de influência da família, da igreja, da mídia e do Clube de Desbravadores para eles. Percebe-se também que a família e o Clube de Desbravadores ainda são instituições em que os adolescentes acreditam e depositam plena confiança.

Portanto, este trabalho revelou que a liderança que compreende o desenvolvimento moral e espiritual de seus liderados maximiza esforços e poupa tempo precioso. Do mesmo modo, o presente estudo traz um elevado grau de responsabilidade aos adultos, pois mostra que os adolescentes ainda anseiam por referenciais seguros e confiam nessas instituições como oportunidades vitais de crescimento e de estruturação dos seus projetos de vida, tanto para o presente quanto para a eternidade.

## REFERÊNCIAS

---

BIAGGIO, A. Introdução à teoria de julgamento moral de Kohlberg. *In*: NUNES, M. L. T. (org.). **Moral & TV**. Porto Alegre: Evangraf, 1998.

HUTCHENS, D. **Sombras do homem de neandertal**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Divisão Sul-Americana. **Manual Administrativo do Clube de Desbravadores**. São Paulo: Editora SobreTudo, 2013.

MEHANNA, A. **Desenvolvimento de valores morais, éticos e científicos na educação**. Curitiba, [s.d.].

PARROTT, L. **Adolescentes em conflito**: os 36 problemas mais comuns na adolescência: um guia prático para pais e educadores. São Paulo: Vida, 2003.

PUIG, J. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

SENGE, P. **A quinta disciplina**: arte e prática da organização que aprende. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

WHITE, E. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, E. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

WHITE, E. **O lar adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

# O desenvolvimento da fé de crianças e adolescentes adventistas com pais que não pertencem a mesma denominação

A participação, na igreja, de crianças e adolescentes adventistas, filhos de pais que professam diferentes crenças religiosas é um tema relevante e merece atenção, dada a importância do desenvolvimento da fé na vida desses membros mais novos. A presença do ambiente eclesialístico, nesse sentido, pode desempenhar um papel crucial no crescimento espiritual e emocional desses adolescentes, especialmente em um contexto familiar complexo. Com isso, este estudo busca compreender como a participação na igreja pode influenciar a fé desses jovens, visando contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o assunto.

O tema da participação na igreja de adolescentes evangélicos de pais que professam diferentes crenças se insere em um contexto mais amplo de estudos sobre a influência da religiosidade na vida dos jovens. A abordagem específica de crianças e adolescentes adventistas cujos pais não possuem a mesma filiação denominacional busca compreender as particularidades desse grupo e como a igreja pode impactar positivamente suas vidas, mesmo diante dos desafios familiares. A compreensão desses fatores pode fornecer subsídios fundamentais para pais, líderes religiosos e profissionais que lidam com crianças e adolescentes, auxiliando na promoção de um ambiente saudável para o desenvolvimento espiritual desses membros das novas gerações.

Assim sendo, o principal objetivo desta pesquisa foi investigar como a participação na igreja adventista de modo geral, e nos ministérios das escolas sabatinas infantis e nos Clubes de Aventureiros e Desbravadores de maneira mais específica, influencia o desenvolvimento da fé entre adolescentes adventistas de lares onde ambos os pais não pertencem a mesma denominação. Buscou-se compreender as práticas religiosas e o ambiente comunitário da igreja, além do papel dos líderes religiosos, visando identificar possíveis impactos positivos na vida desses jovens. Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho partiu de uma breve exegese de 1 Co 7:14, seguida de um estudo bibliográfico. A abordagem metodológica desta pesquisa bibliográfica, por sua vez, permitiu a compreensão contextualizada da experiência religiosa de adolescentes, proporcionando uma visão holística e aprofundada do tema.

## A RELIGIOSIDADE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A literatura revela que a infância e a adolescência são períodos cruciais para o desenvolvimento da fé e religiosidade, pois são nessas fases que começam a surgir questionamentos e buscas por significados mais profundos para crenças e religiosidades. Este é um momento em que a identidade religiosa começa a se solidificar e a participação em atividades denominacionais pode ter um impacto significativo no fortalecimento da fé. Essa participação é, naturalmente, mais corriqueira quando mãe e pai confessam a mesma fé e frequentam a mesma igreja. Porém, nem sempre é essa a realidade das famílias que frequentam a igreja adventista do sétimo dia.

O envolvimento em uma igreja é frequentemente associado ao fortalecimento da fé e à solidificação da identidade religiosa. Através da participação em atividades religiosas, crianças e adolescentes têm a oportunidade de se conectar com sua fé, compartilhar experiências com membros da comunidade e receber orientação espiritual. A igreja oferece um ambiente propício para o desenvolvimento e a sustentação da fé, sendo um espaço onde crianças e adolescentes podem se sentir acolhidos e fortalecidos em sua espiritualidade, especialmente diante dos desafios vivenciados por filhos de pais separados.

Soma-se a isso, o fato de que a participação ativa na igreja ajuda a proporcionar um senso de pertencimento e propósito, elementares para o desenvolvimento da fé durante a adolescência. Através da participação em estudos bíblicos, cultos, grupos de jovens e outras práticas, eles têm a oportunidade de aprofundar sua compreensão da doutrina religiosa e fortalecer sua conexão com sua fé e comunidade. Além disso, tais atividades também proporcionam um ambiente acolhedor e de apoio para os adolescentes lidarem com os desafios associados à desconexão da fé apresentada pelos pais.

É de conhecimento geral que o período da adolescência é marcado por intensas transformações, tanto físicas quanto psicológicas, e isso também se reflete na esfera religiosa. A busca por significado e pertencimento é constante nessa fase, e a fé e religiosidade desempenham um papel crucial nesse processo. Nesse contexto, ao lidarmos com aqueles que começam a formar as próprias crenças e a dar significado à própria espiritualidade, torna-se

imprescindível compreender as particularidades desse processo para que um ministério em favor de crianças e adolescentes de pais que não pertencem a mesma denominação possa ser exercido de maneira eficaz.

A família desempenha um papel fundamental na formação da fé das crianças e dos adolescentes. A religiosidade dos pais, em particular, exerce uma influência significativa sobre a prática religiosa e a construção da fé dos filhos. A transmissão de valores religiosos, a participação em atividades religiosas em família e o exemplo dado pelos pais são elementos cruciais para a vivência da fé dos adolescentes evangélicos de pais separados. O ser humano aprende basicamente por imitação. Com isso, é natural que o primeiro referencial a ser imitado na esfera religiosa seja o primeiro núcleo de convívio, a própria família. Contudo, com pais que professam crenças diferentes, o referencial para imitação de crianças e adolescentes fica comprometido. Em um ambiente assim, é de se esperar que crianças e adolescentes encontrem em outras comunidades uma oportunidade de viverem e desenvolverem suas experiências religiosas.

O ambiente comunitário oferecido pela igreja é de extrema importância para o desenvolvimento da fé. A comunidade oferece um espaço seguro e de apoio onde crianças e adolescentes podem compartilhar experiências, buscar orientação espiritual e emocional, e desenvolver relacionamentos significativos. Esse ambiente comunitário contribui significativamente para fortalecer a fé dos mais novos, fornecendo-lhes uma base sólida para enfrentar os desafios relacionados à realidade da convivência com pais que não professam a mesma crença.

Nesse sentido, os líderes religiosos também desempenham um papel essencial no desenvolvimento da fé de crianças e adolescentes. Através do ensino, mentoria e aconselhamento, eles fornecem orientação espiritual e emocional, auxiliando os adolescentes a lidar com as questões relacionadas à etapa da vida que se encontram e a fortalecer sua conexão com a fé. Além disso, os líderes religiosos operam um papel crucial na criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, essencial para o amadurecimento da fé dos adolescentes.

Outrossim, as influências externas atuam com um papel significativo na formação da fé de crianças e adolescentes. Enquanto no contexto familiar, a religiosidade dos pais exerce forte influência sobre a prática religiosa dos filhos, mostrando a importância do exemplo e da educação religiosa, os amigos e colegas de escola também impactam a fé dos adolescentes, podendo causar tanto influências positivas quanto negativas. O convívio com pessoas que compartilham a mesma fé pode influenciar decisivamente a vivência religiosa dos jovens. Portanto, as amizades e o ambiente escolar são fatores a serem considerados ao se entender a influência externa na fé dos adolescentes evangélicos de pais separados.

## **MODELO BÍBLICO DE AMPARO E APOIO PARA LARES COM CRENÇAS DESIGUAIS**

Apesar da atualidade do tema, a necessidade da igreja de lidar com filhos de lares em que os pais não professam a mesma crença vem desde o início do cristianismo. Já no primeiro século vemos o apóstolo Paulo lidando com essa situação, ao escrever sua primeira carta aos crentes de Corinto.

Paulo escreve a carta por volta do ano 55 d.C., durante sua terceira viagem missionária, enquanto ele estava em Éfeso. Essa carta foi dirigida à igreja em Corinto, uma cidade importante da Grécia antiga, conhecida por sua riqueza, diversidade cultural e problemas morais. Sendo uma cidade próspera e cosmopolita, foi um importante ponto de comércio entre o Leste e o Oeste do império romano. Como um centro comercial, ela atraía pessoas de diversas origens e culturas, o que resultava em uma cidade altamente diversificada, mas também marcada por práticas imorais e idolatria.

A igreja em Corinto foi fundada por Paulo durante sua segunda viagem missionária (cerca de 50 d.C.), e ela consistia principalmente de gentios convertidos, mas também de alguns judeus. A comunidade cristã em Corinto era relativamente nova e enfrentava vários desafios, incluindo divisões internas, problemas morais, disputas sobre doutrinas, e influências culturais que se chocavam com os ensinamentos cristãos.

Uma igreja recém-formada, em uma cidade cosmopolita e com esse contexto histórico, acabou por apresentar vários problemas, incluindo divisões baseadas em líderes (Paulo, Apolo, Pedro), imoralidade sexual, disputas legais entre irmãos na fé, dúvidas sobre o casamento e o celibato, além de questões relativas ao uso dos dons espirituais. Como costuma acontecer em igrejas novas ou que apresentem uma situação semelhante, não raro encontra-se casais onde apenas um dos cônjuges abraça a nova fé. Tal realidade foi confrontada por Paulo em sua primeira carta a essa comunidade.

As crianças nascidas em lares em que apenas um dos pais havia assumido a nova religião cristã necessitavam de atenção especial. No desenvolvimento da religiosidade das crianças, pode-se buscar na história de Israel a orientação divina para formação espiritual dos filhos e filhas nascidos em lares israeliticos. Em Deuteronômio 6:4, Israel recebe a ordem de ensinar seus filhos que “Deus é o único”. O texto ressalta quando deveria começar a vida espiritual do indivíduo: na infância. Para isso, ressalta lugar, tempo, método e símbolos que deveriam ser usados para no processo pedagógico da fé. O ensino seria dirigido à criança em todo lugar e a todo tempo.

Tal processo parece ser esperado em lares cristãos nas recém-formadas igrejas. Contudo, quando pais não partilhavam da mesma fé, este ensino ficaria em clara desvantagem. Para essa situação o lembrete de Paulo é que “Porque o marido não crente é santificado no convívio da esposa, e a esposa não crente é santificada no convívio do marido crente. Se não fosse assim, os filhos de vocês seriam impuros; porém, agora, são santos” (1 Co 7:14).

A leitura de 1 Coríntios 7:12-16 aponta para a temática do casamento entre crentes e não-crentes, levantando questões teológicas relevantes para a compreensão desse contexto. O texto bíblico apresenta a orientação de que um cônjuge crente não deve buscar o divórcio do cônjuge não-crente, pois a presença do crente poderia santificar o não-crente e, ponto central em nossa pesquisa, os filhos do casal. Isso gera reflexões sobre a dinâmica familiar e a influência da fé na vida conjugal, trazendo à tona aspectos da teologia do casamento misto e as implicações desse relacionamento para a vivência da fé e o testemunho cristão.

Ao analisar as considerações teológicas sobre o casamento misto à luz de 1 Coríntios 7:12-16, é essencial considerar a dinâmica das relações inter-religiosas e os desafios que surgem nesse contexto. A Escritura aborda a ideia de que o cônjuge crente influencia positivamente o casamento, tornando-o santificado pela sua fé. Isso levanta questões sobre a compatibilidade de diferentes crenças no casamento e como a teologia da convivência harmoniosa entre crentes e não-crentes pode ser compreendida. As considerações teológicas sobre o casamento misto também trazem à tona a importância da compreensão mútua, da tolerância religiosa e do diálogo inter-religioso como pilares fundamentais para a construção de uma relação matrimonial saudável e equilibrada.

Dentro de lares onde os pais professam diferentes crenças, os filhos podem enfrentar desafios significativos. A exposição a diferentes práticas religiosas e crenças pode gerar conflitos internos e confusão, especialmente se não houver um diálogo aberto e respeitoso. Além disso, os filhos podem apresentar dificuldade para encontrar sua própria identidade religiosa, enfrentando pressões e expectativas divergentes dos pais. É importante que os pais abordem essas diferenças de maneira sensível, promovendo um ambiente de compreensão e aceitação mútua para ajudar os filhos a lidar com as possíveis divergências.

A mensagem do apóstolo, contudo, é de esperança. Inicialmente, vale mencionar um fator social: as crianças estavam presentes e participavam das comunidades cristãs da igreja primitiva. Em uma sociedade onde, por vezes, as crianças ficavam a margem dos ajuntamentos sociais, a mera menção em um texto sagrado já é digno de nota. As crianças eram parte da dinâmica da igreja. Apesar de reconhecer as dificuldades de um matrimônio entre pais de crenças diferentes, a carta indica uma condição de santidade para os filhos desses relacionamentos. A presença do cônjuge cristão, de alguma forma, infere santidade a toda a sua casa, inclusive às crianças. Aparentemente suas atitudes eram determinantes nesse processo de santificação. A base de Paulo aqui parece ser o simples fato de que as crianças assimilam o padrão de comportamento de seus pais. Se a conduta dos pais é categorizada como “santa”, então a das crianças merece a mesma qualificação.

Aliás, a santidade das crianças parece servir de argumento para a preservação do casamento, mesmo na situação de conversão de um dos cônjuges. Esses filhos provavelmente estão sendo criados como crentes e participam da vida religiosa da comunidade. Como a leitura da carta era feita, geralmente, como uma homilia ou sermão, pode-se inferir que o cuidado das crianças por parte da comunidade era assunto prioritário para o apóstolo.

Vale destacar ainda o uso das expressões “impuros” (*akathartos*) e “santos” (*hagios*). Tais termos parecem indicar o uso de uma linguagem religiosa oriunda do pensamento judaico. O “impuro” e intocável cede seu lugar ao “santo” e separado para Deus e Seu propósito. Há um ministério para com esses filhos aparentemente mencionado aqui.

## ABENÇOANDO LARES ATUAIS COM CRENÇAS DIFERENTES

Os filhos de lares com pais de diferentes crenças enfrentam responsabilidades e desafios específicos. Eles precisam aprender a respeitar e entender as crenças de ambos os pais, ao mesmo tempo que constroem sua própria identidade religiosa. Isso pode ser um processo complexo e desafiador, especialmente durante a adolescência, quando ocorre a formação da identidade pessoal. Além disso, os filhos podem se sentir pressionados a tomar partido ou a escolher entre as crenças dos pais, o que pode criar conflitos internos.

Encorajar o diálogo aberto, fornecer orientação e criar um ambiente de respeito mútuo são aspectos fundamentais para ajudar os filhos a enfrentar esses desafios de maneira saudável e construtiva. Afinal de contas, é na infância e na adolescência que muitos dos valores espirituais que serão carregados por toda a vida são aprendidos. São períodos de formação de memórias que, por sua vez, acabam por formar a identidade religiosa do indivíduo. Como, na maioria das vezes, essa aprendizagem ocorre por imitação, a presença e atitude de pais santificados em um casamento misto parecem ser o incentivo inicial para a formação de um comportamento religioso.

A aplicação prática e as implicações contemporâneas do texto de 1 Coríntios 7:12–16 para famílias com pais de diferentes crenças são de extrema relevância atualmente. Com a crescente diversidade religiosa, é essencial que os

membros da família pratiquem o diálogo e o respeito mútuo. Isso envolve a abertura para compreender as crenças e valores do outro. Além disso, a busca por pontos em comum e a valorização das diferenças são fundamentais para a convivência pacífica. Essa prática não apenas fortalece os laços familiares, mas também contribui para a força transformadora do testemunho cristão.

No contexto específico dos relacionamentos conjugais, a importância do diálogo e do respeito mútuo é ainda mais evidente. Os filhos em lares com pais de diferentes crenças podem se beneficiar significativamente de um ambiente onde a comunicação aberta é encorajada. A oportunidade de expressar dúvidas, preocupações e crenças individuais promove o entendimento mútuo e a construção de laços mais fortes. Além disso, o respeito mútuo permite que cada membro da família se sinta valorizado e aceito, independentemente de suas crenças. Isso cria um ambiente emocionalmente seguro, crucial para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes em lares com pais de diferentes crenças.

Como IASD e comunidade de fé, pode-se esperar da igreja apoio a famílias em tal situação no processo formativo da religiosidade de crianças e adolescentes. Isto se dá principalmente através das Escolas Sabatinas Infantis e dos ministérios dos Clubes de Aventureiros e Desbravadores. Por oportunizarem a crianças e adolescentes exercerem sua fé e interagirem dentro de suas realidades com o mundo religioso, tais ministérios podem ocupar esse lugar de referência e imitação para os novos crentes.

A Escola Sabatina Infantil é um programa educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia que tem como principal objetivo oferecer educação religiosa para crianças. Através de aulas interativas, histórias bíblicas, música e atividades manuais, a Escola Sabatina Infantil busca ensinar os princípios da fé cristã de uma maneira acessível e envolvente para as crianças, contribuindo assim para o desenvolvimento da fé desde a infância.

Podemos apontar como início da Escola Sabatina Infantil a década de 1860, quando Ellen White incentivou a criação de programas especiais para as crianças durante o sábado. Desde então, a Escola Sabatina Infantil se tornou uma parte fundamental da educação religiosa adventista, expandindo-se

para diferentes países e culturas, mantendo seu foco na formação espiritual das crianças.

Organizada em classes com faixas etárias específicas, as Escolas Sabatinas Infantis oferecem interação com outros da mesma fé e, em muitos casos, com a mesma realidade. Essa oportunidade pode auxiliar no senso de pertencimento e coletividade, que poderia ser prejudicado pela divisão religiosa do lar. Cada classe é liderada por professores capacitados, que utilizam materiais didáticos apropriados para cada faixa etária. As aulas geralmente incluem o ensino de lições bíblicas, histórias ilustrativas, cânticos e atividades práticas, promovendo assim o aprendizado e o crescimento espiritual das crianças.

O uso de brincadeiras e atividades sociais são elementos essenciais para a construção da personalidade infantil e compreensão da realidade na qual se insere. O brincar é uma forma de comunicação. É por meio das brincadeiras que as crianças desenvolvem atos do seu dia a dia, seja com dramatizações que imitam o mundo dos adultos, seja com jogos, ou com palavras, a criança vai adquirindo habilidades criativas, sociais, intelectuais e físicas que impulsionarão memórias religiosas.

Outra iniciativa que pode auxiliar no desenvolvimento da fé de crianças e adolescentes filhos de pais com diferentes crenças são os clubes de Aventureiros e Desbravadores. Os clubes são iniciativas da Igreja Adventista do Sétimo Dia voltados para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, com o objetivo de fortalecer sua fé e seu caráter. Por meio de atividades ao ar livre, desenvolvimento de habilidades manuais e cultivo de valores cristãos, busca-se promover um ambiente positivo e saudável para o crescimento espiritual e pessoal dos jovens.

O Ministério dos Desbravadores teve início em 1950, nos Estados Unidos, e foi oficialmente reconhecido pela igreja adventista no ano de 1959. A proposta era proporcionar oportunidades para que os jovens pudessem explorar a natureza, desenvolver habilidades de liderança e comprometimento, além de fortalecer sua relação com Deus e a comunidade.

Assim como a escola sabatina infantil, as atividades dos clubes também são pensadas de acordo com as diferentes faixas etárias. De maneira especial, os

clubes oferecem essas atividades em ambientes mais lúdicos, o que favorece a criatividade e o aprendizado da aplicação dos valores religiosos aprendidos em textos e histórias. O uso de brincadeiras favorece o interesse infantil, oportunizando que aprendam conteúdos de maneira atrativa ao mesmo tempo em que, através das regras e combinados dos jogos e brincadeiras aprendem a seguir os caminhos mais difíceis da subordinação e renúncia a ação impulsiva.

A participação na Escola Sabatina Infantil e nos Desbravadores proporciona inúmeros benefícios para o desenvolvimento dos adolescentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Através desses programas, crianças e adolescentes têm a oportunidade de desenvolver uma base espiritual sólida, crescendo na fé e no conhecimento da Palavra de Deus.

A participação na Escola Sabatina Infantil e nos clubes também contribui significativamente para o desenvolvimento social e comunitário dos adolescentes adventistas. Através do convívio com seus colegas e líderes, os jovens desenvolvem habilidades de trabalho em equipe, respeito mútuo, responsabilidade e empatia. Além disso, os programas promovem a participação em atividades de serviço comunitário, fortalecendo assim o vínculo dos adolescentes com a igreja e com a sociedade em que estão inseridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a frequência de crianças e adolescentes filhos de pais de diferentes filiações religiosas em nossas comunidades de fé pode ser um fator determinante para o desenvolvimento espiritual destas. A partir da exegese de 1 Co 7:14 vimos que cônjuges cristãos, ainda que em matrimônio com descrentes, podem e devem influenciar seus filhos a uma vida santa e envolvida com sua comunidade de fé.

No contexto adventista, pode-se afirmar que a Escola Sabatina Infantil e o Ministério dos Desbravadores e Aventureiros desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da fé das crianças e dos adolescentes. Ambos oferecem oportunidades significativas para o crescimento espiritual, social e comunitário. Além disso, as atividades, estudos e valores promovidos por esses ministérios contribuem para a formação de uma base sólida de

convicções religiosas e princípios éticos. Ao refletir sobre o impacto positivo dessas experiências na vida dos adolescentes adventistas, é evidente que a Escola Sabatina Infantil e os clubes de Aventureiros e Desbravadores são peças essenciais no fortalecimento da fé e no preparo dos jovens para um compromisso religioso maduro e consciente.

## REFERÊNCIAS

---

- BETSWORTH, S.; PARKER, J. (ed.). **T&T Clark Handbook of Children in the Bible and the Biblical World**. Londres: T&T Clark, 2019.
- BRUCE, F. **1 and 2 Corinthians**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1971.
- DUDLEY, R. **Valuegenesis: Faith in the balance**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1992.
- FOWLER, J. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- HARRISON, W.; ADÃO, C. Psicologia e religião: o impacto da religiosidade na vida de adolescentes. **Cognitionis Scientific Journal**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 138-153, 2022. Disponível em: <https://revista.cognitionis.org/index.php/cogn/article/view/124>. Acesso em: 29 abr. 2026.
- RICHARDS, A. **Children in the Bible: a fresh approach**. Londres: SPCK Publishing, 2013.
- RODRIGUES, L. **Brincadeiras e interações na educação infantil em tempos de ensino remoto: percepções docentes**. 2021. 71 f. Monografia (Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido) – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/20776>. Acesso em: 29 abr. 2026.
- SOUTO, M.; BRANDENBURG, L. Espiritualidade infantil: uma análise da ceia para criança na igreja batista. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 161-174, 2024. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2509>. Acesso em: 29 abr. 2026.
- YGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.
- WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

**Batismo de juvenis e adolescentes durante a colheita da primavera na UNeB: estratégias sugestivas para o acompanhamento pastoral**

A Igreja Adventista do Sétimo Dia está entre as denominações cristãs que adotam a forma bíblica do batismo por imersão e rejeitam a prática do batismo infantil. Porém, os adventistas do sétimo dia realizam o batismo de juvenis que tenham atingido suficiente maturidade espiritual, transformações psíquicas e capacidade cognitiva (Paroschi, 2009a, p. 29).

De acordo com as estatísticas da União Nordeste Brasileira (UNeB),<sup>1</sup> ocorre uma adesão considerável de juvenis e adolescentes, no mês de setembro, por ocasião do Batismo da Primavera, que é a “principal festa batismal dentro do calendário eclesiástico adventista” (Gonçalves, 2010, p. 9).

Por isso, esse assunto não pode ser tratado no ambiente pastoral sem a devida atenção, ofuscando o brilho que lhe é próprio, pois esta época do ano é também o ápice do calendário missionário da igreja. Os pastores têm se empenhado nessa missão de evangelizar e batizar as novas gerações. Entretanto, a missão de alcançar os mais novos com as verdades do evangelho é desafiadora. Spurgeon (2004, p. 7) observou que “nem os melhores da igreja são bons demais para esta obra”.

Com isso em mente, o presente trabalho visa explorar o potencial pastoral através de um estudo da obra *As 4 disciplinas da execução* (4XD) para que, com precisão, eficácia e diligência, os pastores consigam levar o maior número possível de juvenis e adolescentes a tomarem a decisão por Jesus no Batismo da Primavera.

## BATISMO DE JUVENIS E ADOLESCENTES NA IGREJA ADVENTISTA

Os adventistas do sétimo dia adotam o credobatismo (i. e., batismo por confissão – Mt 28:19–20; At 2:38; 16:30–33; 22:16; Rm 6:1–6; Gl 3:27; Cl 2:12–13) e não o pedobatismo (i. e., batismo de crianças) como rito de admissão na denominação. Em 1861, B. F. Snook defendeu a prática do batismo de adultos por imersão, com base no uso clássico e bíblico do termo βαπτίζω (baptízō) (Kiesler, 2011, p. 656). O principal fundamento para essa prática está na ausência de ordem ou permissões em relação ao batismo infantil na Bíblia (Barth, 1969, p. 179). Paroschi (2009b, p. 9) explica que “em todo o Novo Testamento,

<sup>1</sup> A União Nordeste Brasileira é composta pelos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

não há exemplo de batismo infantil ou adolescente que ajude a determinar qual era a prática apostólica com relação a isso”.

Contudo, embora a igreja adventista não realize o batismo precoce, a denominação realiza o que chama de “batismo juvenil” (Guia para secretaria de igreja, 2018, p. 28). Ainda que o livro de crenças da igreja afirme que “não se pode estabelecer idade mínima para o batismo” (Nisto cremos, 2018, p. 250), alguns autores adventistas concordam em linhas gerais sobre uma idade média para a adesão desse rito.

Habenicht (2011), uma referência a respeito da educação religiosa da criança, argumenta, por exemplo, que a partir dos oito anos os juvenis estão começando a entender os simbolismos religiosos. Ela ainda afirma que, a partir dos dez anos, a capacidade mental desses meninos e meninas, que está em expansão, os ajuda a entender muitas ideias religiosas, levando-os a desejar, inclusive, uma religião prática. A pesquisadora destaca que é por volta dos dez ou doze anos que a maioria dos juvenis nascidos em lares adventistas estará pronta para o batismo, embora reconheça que alguns poderão estar aptos mais cedo ou mais tarde (Habenicht, 2011, p. 118–123).

Já o teólogo Wilson Paroschi (2009b, p. 11) vai mais além em suas constatações:

Estudos direcionados para o campo da religião também confirmam que é na adolescência, ou pelo menos nos dois ou três anos de transição da pré-adolescência, que a criança começará a desenvolver fé mais consciente e autônoma, como parte de sua identidade pessoal e religiosa.

Ellen White (2008, p. 490–491) afirma que as “crianças de oito, dez, ou doze anos, já têm idade suficiente para serem dirigidas ao tema da religião individual”. Contudo, ela adverte:

Não ensinem seus filhos com referência a um tempo futuro em que eles terão idade bastante para

se arrependem e crer na verdade. Caso sejam devidamente instruídas, crianças bem tenras podem ter ideias corretas quanto ao seu estado de pecadores, e ao caminho da salvação por meio de Cristo. (Ibidem, p. 491).

Parece, entretanto, que para ela não deve haver nenhuma precipitação para o batismo, uma vez que é imprescindível que o juvenil demonstre ter compreendido o seu significado e ter experimentado uma conversão genuína (White, 2008, p. 391–392).

Embora uma idade para o batismo não seja formalmente estabelecida, o manual da denominação adventista afirma que “as crianças muito novas que expressarem o desejo de ser batizadas deverão ser encorajadas e iniciadas em um programa que as possa conduzir ao batismo” (Manual da Igreja Adventista Do Sétimo Dia, 2016, p. 45). Seguindo esse raciocínio, Paroschi (2009b, p. 12) reitera que, para a administração desse rito, é necessário prudência e bom senso; o batismo não deve ser muito postergado nem por demais adiantado.

Conforme o voto (DSA 2004–103) da Divisão Sul-Americana<sup>2</sup> para situações especiais dos candidatos, os pastores adventistas poderão realizar o batismo de juvenis em seu território seguindo alguns critérios:

1. A nomenclatura utilizada não deve ser “batismo de crianças”, mas “batismo de juvenis”;
2. Embora a denominação não estabeleça uma idade fixa, a idade mínima deve ser a recomendada por White (2008): “oito, dez ou doze anos”;
3. Esses meninos e meninas só podem ser batizados quando um dos pais ou responsáveis diretos for membro da igreja e o juvenil e/ou adolescente tiver recebido a devida instrução;
4. As fichas batismais dos juvenis e adolescentes até dezesseis anos precisam ser assinadas por eles e por seus respectivos pais ou responsáveis diretos;
5. Se os pais dos juvenis e adolescentes não forem adventistas, estes devem ser batizados normalmente, a partir dos treze anos, após receber a devida

<sup>2</sup> A Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma das Divisões da Igreja Adventista no mundo, abrangendo a Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Brasil, Chile, Peru e Equador. Sua sede situa-se em Brasília.

instrução. Existem alguns casos especiais em que os juvenis e adolescentes são alunos da Escola Adventista, participam de um Clube de Desbravadores ou outras atividades da igreja por vários anos, que devem ser analisados pela comissão da igreja a seu critério (Guia para secretaria de igreja, 2018, p. 28).

## A ORIGEM DO BATISMO DA PRIMAVERA

Em março de 1963, o pastor Ademar Quint, que liderava a igreja adventista de Madureira, no estado do Rio de Janeiro, consciente da necessidade de firmar os mais jovens na igreja, entendeu que era importante que eles reconhecessem sua responsabilidade para com Deus e Seu povo por meio do estudo da Bíblia e do “compromisso público do batismo, depois de estudarem as Escrituras” (Amaral, 2003, p. 22). Infelizmente, naquele primeiro momento alguns fiéis demonstraram resistência em relação à iniciativa do pastor de batizar essa faixa etária.

Apesar disso, naquele ano o pastor Quint batizou 48 juvenis. Ali, de forma sistemática e envolvendo toda a congregação, surgia o protótipo do projeto, mais tarde denominado Batismo da Primavera. No ano seguinte, o batismo passou a ocorrer no mês de setembro (Amaral, 2003, p. 22), harmonizando-se com dois motivos: “setembro é o mês em que a primavera desperta; e o outro é que os juvenis estão justamente na primavera da existência, embelezando o mundo com as formosas flores que se converterão em frutos de nobreza” (Buys, 1968, p. 26). Em seguida, esse projeto foi adotado em vários estados brasileiros, migrando depois para os demais países que fazem parte do território da Divisão Sul-Americana e algumas partes do mundo (Zukowski, 2016, p. 35).

Desde então, o mês de setembro é uma época do ano que marca uma grande adesão de juvenis e adolescentes<sup>3</sup> à lista de membros da igreja, por meio do rito do batismo, tornando-se a “cerimônia batismal mais tradicional” (Costa, 2016, p. 41), além de ser um dos “mais concorridos e simpáticos projetos evangelísticos” (Santos, 1990, p. 15).

<sup>3</sup> Para fins deste trabalho, delimitaremos como “juvenis” a faixa etária de oito a doze, e treze a dezesseis anos como adolescentes, conforme a prática popularizada no ambiente da denominação adventista.

## O BATISMO DA PRIMAVERA NA UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

Uma análise no território da União Nordeste Brasileira, mostrou alguns dados dignos de nota. A região da UNeB tem uma média de batismos superior ao restante da Divisão Sul-Americana<sup>4</sup>, apesar disso, nem todos os pastores da união alcançam a média de batismos no mês da primavera. Em setembro de 2019, por exemplo, 5.772 pessoas foram batizadas – uma média de 25 pessoas batizadas por distrito<sup>5</sup>. Observando os resultados do mesmo ano, dos 225 distritos que compunham a UNeB, 123 batizaram menos de 25 pessoas. Das 2.550 igrejas existentes, 41,4% não tiveram batismo neste mês áureo – ou seja, 1.056 não realizaram nenhum batismo<sup>6</sup>.

Embora, atualmente, essa grande celebração realizada no mês de setembro não contemple, como no início, apenas juvenis e adolescentes, as estatísticas mostram que eles continuam sendo maioria. Em 2019, das 5.772 pessoas que afirmaram publicamente o compromisso com Cristo por meio do batismo, 2.885 tinham menos de dezesseis anos de idade<sup>7</sup> – uma parcela que representa praticamente 50% do total.

## ESTRATÉGIAS PARA PREPARAR JUVENIS E ADOLESCENTES PARA O BATISMO DA PRIMAVERA

Para se obter uma expressiva adesão ao batismo por parte das novas gerações no mês de setembro, o pastor não pode estar alheio às realidades e dificuldades que o cercam. Será necessário agir intencionalmente, preferencialmente com um material de apoio relevante, linguagem apropriada, líderes comprometidos e ênfase nos valores da nossa fé.

Uma das estratégias fundamentais é repetir o que o idealizador do Batismo da Primavera fez nos primórdios do projeto. O pastor Quint, entendendo que os juvenis não poderiam ser impedidos de ir a Cristo, formou uma classe bíblica com o objetivo de prepará-los para o batismo (Tonetti, 2019).

<sup>4</sup> Em 2019, das 235.719 pessoas batizadas no território da Divisão Sul-Americana, 22.459 foram batizadas na União Nordeste Brasileira. Considerando que a DSA atende a dezesseis uniões, a média geral equivale a 14.732,44 – o que representa um valor 52,44% acima da média da Divisão.

<sup>5</sup> Distrito: refere-se a uma determinada região formada por uma ou mais igrejas coordenadas por um pastor.

<sup>6</sup> Dados coletados no sistema de secretaria da Igreja Adventista do Sétimo Dia, referentes à União Nordeste Brasileira. Acesso em: 21 mai. 2020.

<sup>7</sup> Idem.

Semelhantemente, cada pastor deve realizar classes de instrução da Bíblia em seu distrito. Nessas classes, “estudos bíblicos devem ser dados, e tanto crentes quanto incrédulos devem ter oportunidade de fazer perguntas sobre os pontos que não forem compreendidos completamente” (White, 2015a, p. 129). Elas devem ser apresentadas “de maneira tão simples e interessante, que todos possam facilmente compreender e aprender os princípios da salvação” (White, 2007, p. 348). Há uma variedade de estilos de estudos bíblicos possíveis:

#### **a) Classe Bíblica de Juvenis e Adolescentes**

A classe bíblica consiste em um encontro de indivíduos dispostos a aprender as doutrinas da denominação. É um momento de sociabilização, comunhão e estudo das profundas verdades de Cristo. Essa classe tem por finalidade ensinar e motivar os juvenis e adolescentes no exercício da vida cristã, por meio de um estudo bíblico coletivo. Nessas classes deve prevalecer o diálogo aberto, bem como inovações, informalidade, criatividade e uso da tecnologia.

Cada igreja e/ou escola adventista poderá realizar um grupo de estudos bíblicos regular, contendo material e linguagem específicos para cada área. É importante que esses estudos “comecem no mês de maio para que haja tempo de passar todas as lições e os alunos possam tirar suas dúvidas” (Barbosa, 2015, p. 28). Sendo assim, cada público receberá uma orientação bíblica de acordo com uma didática adequada para sua faixa etária.

#### **b) Classe bíblica de desbravadores e aventureiros**

O Ministério dos Desbravadores e Aventureiros é um movimento mundial, organizado e dirigido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia que trabalha, respectivamente, com juvenis e adolescentes entre dez e quinze anos e com crianças e juvenis entre seis e nove anos. Esse ministério desenvolve atividades físicas, mentais e espirituais com seus participantes, e a classe bíblica “deve ser uma das mais – senão a maior – atividade do Clube durante o ano” (Manual administrativo do Clube de Desbravadores, 2013, p. 148).

Portanto, cada pastor deve acompanhar a abertura de uma classe de instrução da Bíblia com todos os clubes, tendo uma lista atualizada com os nomes dos desbravadores e aventureiros não batizados do seu distrito. Dessa forma, os 1.388 Clubes de Desbravadores e 752 Clubes de Aventureiros que

fazem parte do território da UNEB deverão formar pelo menos uma classe bíblica por clube, preparando os 9.777 juvenis e adolescentes (oito anos em diante) que ainda não são batizados<sup>8</sup> – uma média de aproximadamente 42 por distrito – para o tradicional Batismo da Primavera.

Para que essas classes bíblicas funcionem adequadamente, faz-se necessário que o pastor distrital promova uma capacitação para seus instrutores, providencie os materiais específicos para cada área e supervisione sistematicamente o desenvolvimento desses grupos de estudos da Bíblia. Essas classes não devem “ser um estudo bíblico convencional, mas um momento de aprender a Bíblia de forma dinâmica e criativa” (Manual administrativo do Clube de Desbravadores, 2013, p. 148).

### **c) Pais de Esperança**

Outra estratégia capaz de potencializar o Batismo da Primavera é o projeto Pais de Esperança, que consiste no incentivo pastoral aos pais a fim de que sejam os líderes espirituais de suas famílias, envolvendo-se no processo de salvação dos seus filhos (Dt 6:6-7; Ef 6:4; Pv 22:6), realizando um estudo bíblico individual com eles e preparando-os para a grande festa da primavera, visto que os candidatos ao batismo “devem receber instrução bíblica, individualmente ou em uma classe batismal” (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 46).

Segundo White (2005), a responsabilidade de preparar os filhos para o batismo é dos pais. Ela considera que a instrução religiosa deve ser minuciosa e que os pais devem “agir como pastores fiéis na condução dos inexperientes pés no caminho estreito da obediência” (White, 2005, p. 93-94). Ela também destaca que, se os pais instruírem bem seus filhos, poderão despertar neles “ideias corretas quanto ao seu estado de pecadores, e ao caminho da salvação por meio de Cristo” (White, 2008, p. 491); e enfatiza que “pais e mães devem considerar os filhos como membros da família do Senhor, a eles confiados para que os eduquem para o Céu” (White, 2015b, p. 515).

O objetivo do projeto Pais de Esperança é funcionar como uma mola propulsora para que os pais sejam os discipuladores de seus filhos. Após concluir

<sup>8</sup> Dados extraídos do Sistema de Gerenciamento de Clubes (SGC) da Divisão Sul-Americana. Acesso em: 29 mai. 2020.

a série de estudos bíblicos, a cerimônia batismal dos juvenis e adolescentes – que acontecerá durante a celebração da primavera – será marcada com a entrada dos pais no batistério, a fim de prestigiar esse momento de extremo significado para a família.

Portanto, o pastor distrital deve fazer uma pesquisa por igreja, listando todos os juvenis e adolescentes não batizados com os nomes de seus respectivos pais. Em seguida, estes devem ser convocados, preferencialmente no mês de maio, para um encontro especial. Nessa ocasião, serão desafiados pelo pastor local a assumirem o papel de instrutores bíblicos de seus filhos. Por conseguinte, materiais para os estudos bíblicos serão disponibilizados e a data do batismo – no mês da primavera – será agendada.

## **EXECUÇÃO DAS ESTRATÉGIAS**

Nem todos os pastores distritais, diante das inúmeras responsabilidades a eles delegadas, conseguem organizar-se adequadamente para esse momento importante do ano. Entretanto, atitudes simples e intencionais podem ajudar o pastor a alcançar o resultado esperado para esse período de batismos.

Cada pastor deve estabelecer uma meta simples, clara, mensurável e realizável em cada igreja, de quantos juvenis e adolescentes deseja levar ao batismo no mês de setembro, e concentrar-se intensamente no alcance dela. A meta deve ser estabelecida com base no total de juvenis e adolescentes frequentando as respectivas classes bíblicas anteriormente citadas e na quantidade de pais estudando a Bíblia com seus filhos individualmente.

Algo que merece ser salientado é que o pastor não deve abandonar todas as outras metas importantes de seu distrito, mas sim dispensar rigorosa presteza e determinação à meta da primavera (McChesney *et al.*, 2013, p. 25). Além do mais, a referida meta deverá ser compartilhada com seus liderados, visando um alto nível de engajamento e comprometimento.

Em seguida, será necessário estabelecer quais as ações que serão utilizadas, por meio de sua equipe, em cada igreja, para impulsionar o alcance da meta – o que McChesney *et al.* (2013) chamam de “medidas de direção”. Por exemplo, se na igreja A não existe clube de desbravadores e/ou aventureiros, a classe

bíblica de juvenis, adolescentes e Pais de Esperança serão medidas de direção indispensáveis. Já na igreja B, as medidas de direção podem ser apenas as classes bíblicas de desbravadores e aventureiros. Os autores afirmam que “agir com base nas medidas de direção é um dos segredos pouco conhecidos da execução” (Ibidem, p. 11), e ignorar isso pode ocasionar a falha do projeto.

Para facilitar a visualização e o acompanhamento de suas atividades, cada pastor também precisará ter um placar atrativo, porque “as pessoas atuam de forma diferente quando mantêm um placar” (Ibidem, p. 12). Se as medidas de direção não forem visíveis e atualizadas regularmente, perderão a sua força em razão das urgências e das múltiplas atividades diárias do pastor. Também será preciso compartilhar esse placar com os líderes de suas igrejas a fim de que acompanhem a execução de cada atividade. A finalidade do placar envolvente é induzir a ação. Sem ele, a energia se dissipa, a intensidade decai e o pastor retorna ao seu dia a dia comum. Esse placar não apenas ajudará a equipe a se concentrar nos resultados, mas também usará “o poder visível do processo para instilar a atitude para vencer” (Ibidem, p. 74).

Por último, o pastor precisa, sistematicamente, reunir seus liderados de maneira curta e intensa para acompanhar o desenvolvimento da meta proposta em cada congregação. McChesney *et al.* (2013) chamam essa reunião de Cadência de Responsabilidades (Ibidem, p. 13). Essa reunião de acompanhamento gera tanto responsabilização quanto engajamento da equipe pastoral. Ela levará aqueles envolvidos no alcance da meta a revisar as medidas de direção e prestar contas dos compromissos assumidos (Ibidem, p. 80). O nível de importância que o pastor der a esse item determinará diretamente o alcance de sua meta.

O que o pastor plantar, certamente colherá (cf. Gl 6:7). Os resultados de setembro são fruto do esforço evangelístico feito ao longo do ano. A lei da colheita rege todas as áreas da vida e não há como ludibriar a colheita. Segundo Sidney (1971, p. 167):

A natureza é extremamente harmoniosa. Não podemos perturbar seu equilíbrio, pois sabemos que é regida pela

infalível e inexorável Lei de Causa e Efeito. Entretanto, não aprendemos a encontrar nosso equilíbrio enquanto nações e indivíduos, pois ainda não aprendemos que a mesma lei funciona de maneira inexorável tanto na vida humana e na sociedade quanto na natureza – só vamos colher o que plantamos.

Se houver uma meta crucial estabelecida, tendo ações pastorais intencionais e atividades de alto impacto para torná-la alcançável, os resultados certamente serão mais eficazes e uma quantidade maior de juvenis e adolescentes será batizada na celebração da primavera.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que o Batismo da Primavera começou a fazer parte do calendário oficial da igreja, há uma expectativa de que esse seja um período de muitos batismos de juvenis e adolescentes. Naturalmente, para que isso se torne uma realidade na UNeB, é preciso que cada pastor distrital tenha suas estratégias de trabalho bem alinhadas e definidas. Também é necessário: 1) ter uma equipe bem-preparada; 2) estabelecer uma meta crucial; 3) eliminar as distrações; 4) trabalhar com as medidas de direção; 5) manter um placar envolvente, visível e atualizado; 6) ter um ritmo de responsabilidades; e 7) agir massiva e corretamente por meio de ações intencionais. Para isso, é fundamental ter foco, estratégia e disciplina.

Entretanto, mais do que alcançar números expressivos, o Batismo da Primavera deve ser compreendido como uma oportunidade de fortalecer espiritualmente as novas gerações e integrá-las de maneira efetiva à missão da igreja. O batismo não representa o fim de uma jornada, mas o início de uma caminhada de discipulado, crescimento espiritual e compromisso com Cristo. Por isso, o desafio pastoral não termina na cerimônia batismal, mas continua no acompanhamento, cuidado e desenvolvimento espiritual desses juvenis e adolescentes.

Além disso, em uma geração marcada por rápidas transformações culturais e crises de identidade e pertencimento, torna-se ainda mais necessário apresentar o evangelho de maneira relevante, acolhedora e intencional. Assim, mais do que preservar uma tradição denominacional, o Batismo da Primavera continua sendo uma poderosa ferramenta missionária para conduzir juvenis e adolescentes a uma experiência genuína com Cristo, fortalecendo a igreja no presente e preparando líderes e discípulos para o futuro da missão.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, F. Batismo da Primavera completa 40 anos. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 98, n. 4, p. 22, 2003.
- BARBOSA, A. Batismo da Primavera. **Revista do Ancião**, n. 43, p. 28, 2015.
- BARTH, K. **Dogmática eclesiástica**. Trad. G. W. Bromiley. São Paulo: Fonte Editorial, 1969. v. 4. p. 179.
- BUYS, M. O Batismo da Primavera. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 63, n. 4, p. 26, 1968.
- COSTA, J. Estação da colheita. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 111, n. 1313, p. 41, 2016.
- GONÇALVES, O. Batismo da Primavera. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 106, n. 1228, p. 9, 2010.
- GUIA PARA SECRETARIA DE IGREJA**. 4. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- HABENICHT, D. **Como ajudar seu filho a amar Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- KIESLER, H. As ordenanças: batismo, lava-pés e ceia do Senhor. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- MANUAL ADMINISTRATIVO DO CLUBE DE DESBRAVADORES**. São Paulo: Editora Sobretudo, 2013.
- MANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**. 19. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.
- McCHESNEY, C.; COVEY, S.; HULING, J.; MORAES, B. **As 4 disciplinas da execução**: garanta o foco nas metas crucialmente importantes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- NISTO CREMOS: AS 28 CRENÇAS FUNDAMENTAIS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- PAROSCHI, W. Batismo juvenil: a idade ideal (parte 1). **Revista Adventista**, Tatuí, v. 80, n. 2, p. 29, 2009a.
- PAROSCHI, W. Batismo juvenil: a idade ideal (parte 2). **Revista Adventista**, Tatuí, v. 80, n. 3, p. 9-12, 2009b.
- SANTOS, Z. Uma festa de flores. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 86, n. 9, p. 14-15, 1990.

SIDNEY, N. **Spirit of Apollo**. Lexington: Successful Achievement, 1971. p. 167.

SPURGEON, C. **Pescadores de homens**: orientação prática para falar de Jesus às crianças. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

TONETTI, M. Batismo da Primavera. **Revista Adventista**, set. 2019. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/blog/2019/09/26/batismo-da-primavera/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

WHITE, E. **Desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015a.

WHITE, E. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Ministério pastoral**: conselhos aos pastores adventistas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015b.

WHITE, E. **Orientação da criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. **Testemunhos para a Igreja**. v. 6. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

ZUKOWSKI, U. Na primavera da vida. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 111, n. 1313, p. 35, 2016.

# As mídias e seus impactos na comunidade ribeirinha do Bom Sucesso

Os seres humanos são movidos pela condição cultural, “a partir dela o homem se identifica e modifica de acordo com as suas necessidades” (Vannuchi, 2002, p. 24). Segundo Lima (2004), os ribeirinhos são caracterizados como uma população tradicional, guiada por valores que orientam práticas comunitárias no uso e manejo dos recursos naturais. Essa condição é corroborada por Corrêa (apud Silva, 2005), ao explicar que o termo “ribeirinho” pode ser entendido como uma categoria que permaneceu às margens dos rios, afetada pela negligência das políticas públicas e sociais, à revelia da expansão de projetos agropolíticos e de debates nacionais ou internacionais sob o seu habitat. Este é, ao mesmo tempo, significação, percepção e reprodução social e simbólica. Nesse sentido, o Decreto N° 6.040/07, em seu Art. 3º, parágrafo I, propõe que “povos e comunidades tradicionais”, nos quais se encaixam os ribeirinhos, são:

(...) grupos que possuem culturas diferentes da cultura predominante na sociedade e se reconhecem como tal. Estes grupos devem se organizar de forma distinta, ocupar e usar territórios e recursos naturais para manter sua cultura, tanto no que diz respeito à organização social quanto à religiosa, econômica e ancestralidade.

A comunidade Bom Sucesso está localizada à margem esquerda do Rio Amazonas. Composta por 123 famílias, a comunidade vive basicamente da agricultura e da pesca, tendo o adventismo como a religião predominante. Durante muitos anos, as características do local foram típicas das comunidades ribeirinhas da Amazônia: sem energia elétrica, sem água encanada e sem tratamento de esgoto. Por muito tempo, Bom Sucesso viveu sem influências externas no que diz respeito a tecnologias e mídias sociais, tendo as atividades primárias como base econômica. No campo do lazer, esportes como natação e futebol sempre se destacaram. Espiritualmente, a comunidade fundamenta-se na fé adventista, que traz consigo a promoção do amor e da harmonia familiar e coletiva. No entanto, com o passar do tempo, os avanços tecnológicos

também chegaram ao local. Com o advento da energia elétrica, por exemplo, abriu-se uma melhor perspectiva tanto para os afazeres domésticos quanto para a produção agrícola.

Portanto, a finalidade deste artigo foi identificar e analisar se houve mudanças significativas no comportamento das novas gerações com a chegada da tecnologia e das mídias sociais à comunidade. A partir dessa análise, buscou-se orientar e dar suporte às famílias no que tange à manutenção do diálogo intergeracional e ao repasse de valores e princípios, englobando não apenas o modelo tradicional de ensino, mas também o uso de ferramentas tecnológicas.

Para alcançar tais objetivos, a presente investigação utilizou o método bibliográfico para o esclarecimento do tema e para a fundamentação teórica. Adicionalmente, de forma a compreender com maior profundidade os fatores culturais e tecnológicos que influenciam a localidade, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter quanti-qualitativo. A coleta de dados ocorreu no mês de dezembro de 2019, mediante observação *in loco* e a aplicação de um questionário (contendo perguntas abertas e fechadas) a 21 moradores da comunidade Bom Sucesso Costa do Tabocal.

## **COMUNIDADE RIBEIRINHA NO AMAZONAS: CONCEITO E UM BREVE HISTÓRICO**

O conceito de comunidade é compreendido como um fenômeno histórico e social que assume diferentes significados no tempo e no espaço. As reflexões sobre o assunto são repletas de possibilidades conceituais, pautadas em diferentes referenciais, como territorialidade, interesses, organização social e política, valores em comum e sentimento comunitário, entre outros (Silva; Hespanhol, 2016).

Para Bauman (2003, p. 7), “comunidade sugere uma coisa boa, é um lugar cálido, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada [...]”. Tonnies (1973), por sua vez, define comunidade como um grupo social caracterizado pelo envolvimento de seus membros com pessoas completas, unidas pelo compartilhamento de sentimentos e emoções e vivendo de forma íntima, privada e exclusiva. Assim concebida, a

comunidade estaria representada pela família, pelos grupos de vizinhança e pela aldeia rural.

A palavra “comunidade” tem origem no termo latim *communitas*, que se refere à qualidade daquilo que é comum. Isso permite definir distintos tipos de conjuntos formados por pessoas que fazem parte de uma população, de uma dada região ou mesmo nação. Pode-se concluir que uma comunidade é um grupo de seres humanos que partilham elementos em comum, como idioma, os costumes, a localização geográfica e a cosmovisão.

No entanto, há vários tipos de comunidades na interação dos seres humanos, tais como a comunidade escolar (professores, alunos, pais e funcionários); a comunidade cristã (indivíduos de uma mesma religião ou denominação); e a comunidade familiar (núcleos de famílias, modelo muito comum nas populações tradicionais do Amazonas). Em uma linguagem mais contemporânea, atrelada aos avanços tecnológicos, também podemos chamar de comunidade os grupos virtuais ou de nicho, como: comunidades *gamer*, comunidades virtuais (fóruns, blogs, redes sociais) e por fim, comunidades que apreciam o mesmo estilo musical. Assim, a comunidade pode ser entendida como um misto de expectativas, interações e comportamentos que as pessoas realizam entre si, tendo como base o compartilhamento de crenças e defesas conjuntas.

O termo “ribeirinho”, por sua vez, em sua definição lexical, refere-se àquele que se encontra ou mora próximo a um rio ou ribeiro; marginal, justafluvial (ex.: povoações ribeirinhas). Esse tipo de comunidade surgiu na Amazônia em meados do século 19, com a vinda de nordestinos que deixaram sua terra natal em busca de melhores condições de vida, atraídos pela vasta oferta de empregos na extração do látex de seringueiras. Porém, na década de 1950, veio a crise da borracha, deixando os seringueiros sem alternativas formais de trabalho.

A ausência de políticas públicas que auxiliassem na desmobilização desse contingente fez com que os trabalhadores se espalhassem ao longo dos rios da floresta amazônica, onde construíram suas casas. A partir dessa perspectiva, eles tiveram que se adaptar às condições impostas pela floresta e pelos rios para sua subsistência. Nesse contexto, o rio assumiu um papel fundamental

na vida dos ribeirinhos, pois é através dele que se conectam com outras comunidades ou podem acessar recursos como educação e saúde. Além disso, é do rio que se obtêm a principal fonte de alimentação: o peixe. Por outro lado, a plantação de milho e de mandioca, a produção de farinha, a coleta de castanha e de açaí também ocupam lugar de destaque nas atividades agrícolas das comunidades.

As moradias dessa população são construídas utilizando a madeira como matéria-prima principal. A maioria dos comunitários moram em palafitas – casas altas construídas sobre grandes estacas de madeira –, pois durante parte do ano vivem com suas terras alagadas pelas enchentes dos rios. Por todo o exposto, verifica-se que as comunidades ribeirinhas convivem com o isolamento econômico e social, conseqüentemente à margem de uma série de políticas públicas e mecanismos de controle da qualidade de vida. A situação geográfica dessas comunidades é um dos principais fatores limitantes de acesso aos serviços básicos de saúde e educação.

## **O CONTEXTO DE BOM SUCESSO E O IMPACTO DA INSERÇÃO TECNOLÓGICA**

### **CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A comunidade Bom Sucesso Costa do Tabocal está localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, na área rural do município de Manaus, que, por sua vez, é a maior cidade do Norte do Brasil, com 2.182.763 habitantes (IBGE, 2015).

A localidade surgiu em 1932, com a chegada da família do senhor Raimundo Simplício de Oliveira, responsável por colonizar e organizar esta comunidade. Segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA), atualmente a comunidade abriga 123 famílias, somando 230 habitantes, os quais professam o adventismo como religião predominante.

Um dos primeiros moradores da comunidade foi Manoel Chagas de Oliveira, que nasceu no dia 21 de novembro de 1901, casado com Cécilia Uchôa de Oliveira. Eles tiveram 9 filhos, sendo 4 homens e 5 mulheres, 66 netos, 61 bisnetos e 31 tataranetos. Essa família reside na comunidade desde 1938,

quando fixaram residência. Devido a sua relevância histórica para o local, uma escola municipal foi inaugurada com o nome deste pioneiro.

Os comunitários têm na atividade agrícola a sua principal fonte de rendimento, beneficiando-se do cultivo da macaxeira, da produção de farinha e do plantio de frutas, como o maracujá. Toda a produção é escoada para a cidade de Manaus, onde ocorre a comercialização. Como é característico de uma comunidade ribeirinha, os moradores precisam ajustar a sua rotina anualmente em função da elevação do nível do Rio Amazonas, habitando áreas alagadas durante alguns meses do ano.

### **ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES GERACIONAIS E MUDANÇA DE COMPORTAMENTO**

Conforme mencionado na perspectiva metodológica deste trabalho, 21 pessoas se dispuseram a responder o questionário de campo. O perfil demográfico e geracional dos entrevistados dividiu-se da seguinte maneira:

- 48% são pessoas maduras que tiveram a experiência de possuir apenas um rádio na juventude e cresceram sem acesso à luz elétrica;
- 19% têm idade superior a 30 anos e nasceram num período de transição tecnológica;
- 28% formam o grupo que desde muito cedo já esteve submetido à programação televisiva e ao acesso a redes sociais;
- 5% representam o público-alvo central desta pesquisa (adolescentes/jovens inseridos totalmente na cultura midiática).

A amostragem possui um valor significativo por representar diferentes gerações. As relações familiares e os costumes mudam muito rápido, tornando indispensável o estabelecimento de conexões intergeracionais saudáveis. Quanto ao gênero, a amostra foi composta por 62% de mulheres e 38% de homens.

No que se refere ao tempo de residência na comunidade, os dados indicam um forte enraizamento local: 52% residem há 40 anos ou mais; 33% residem entre 10 e 20 anos; 10% residem entre 21 e 40 anos; 5% residem há menos

de 10 anos. Isso indica que a grande maioria dos moradores são “filhos da comunidade” ou estão estabelecidos há décadas, proporcionando dados sobre o contraste entre o passado e o presente.

Quando abordados acerca do primeiro contato com os meios de comunicação moderno, o quadro ficou bem interessante, pois 52% responderam que tal acesso ocorreu nos últimos 20 anos, e 19% nos últimos 10 anos. Pode-se afirmar, portanto, que as tecnologias de comunicação chegaram de forma expressiva à comunidade apenas nas duas últimas décadas. Os 29% que restaram são aqueles que vivenciaram uma vida muito simples, da época em que a lamparina, “utensílio de barro ou lata, cheio de óleo diesel ou querosene, onde se coloca um pedaço de tecido que conduz o combustível do interior do vaso para o pavio”, ou mesmo lampião era sua fonte de iluminação noturna. Tempo carregado de “histórias do beiradão”, também de muito trabalho na roça e pouco conforto em casa. Nesse grupo dos 29% estão aqueles que conheceram o rádio a pilha como o utensílio mais tecnológico, mas que proporcionava a reunião da família para ouvir a “Voz do Brasil” – programa clássico do rádio brasileiro.

Acerca do aproveitamento do tempo nas atividades diárias, os dados revelam que 31% passavam as horas livres interagindo com outras crianças, 22% dos entrevistados eram trabalhadores da roça, outros 22% estavam com os pais aprendendo a pescar ou outro ofício junto ao seu progenitor. Essa interação era extremamente saudável para as emoções dos menores. E por último, 25% responderam que havia tempo de ir à igreja e participar da adoração.

Além disso, quando perguntados sobre a percepção atual dos jovens e juvenis da comunidade frente ao advento da tecnologia e como ela tem afetado o comportamento da nova geração, o resultado muda consideravelmente. O tempo livre e as atitudes da nova geração, segundo os entrevistados, dividem-se da seguinte forma:

- 27% passam o tempo livre na internet, com jogos e vídeos;
- 17% estão apáticos para com os afazeres domésticos e da roça;
- 17% continuam dedicados à igreja;

- 15% interagem com outras crianças como se fazia no passado;
- 12% demonstram indiferença em relação às atividades da comunidade;
- 8% são considerados obedientes aos pais;
- 4% estão focados nos estudos.

Comparando os resultados geracionais, torna-se perceptível que a interação presencial entre as crianças diminuiu abruptamente, a relação com a vida na igreja reduziu, e o engajamento com os trabalhos corriqueiros da roça e afazeres domésticos ficou amplamente comprometido. Esse cenário reflete-se no grau de satisfação geral com o comportamento dos comunitários: 81% afirmam que o comportamento atual precisa melhorar (evidenciando um alto grau de insatisfação coletiva), enquanto apenas 19% se declararam muito satisfeitos.

O último dado analisado diz respeito à percepção das causas destas mudanças comportamentais. Quando questionados sobre o que consideram ser o fator responsável pela alteração de atitude na comunidade, as respostas foram:

- 68% responsabilizam a dedicação excessiva dos jovens às redes sociais, jogos eletrônicos e similares;
- 20% apontam que a igreja não tem dado o suporte adequado à juventude;
- 8% acreditam que a interação com outras comunidades causou as mudanças;
- 4% culpam a ausência dos pais, que passam muito tempo a trabalhar e ficam sem tempo para educar e interagir com os filhos.

A partir destes dados, fica evidente o diagnóstico da população sobre os impactos que a inserção tecnológica causou nas relações desta comunidade tipicamente ribeirinha e adventista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos conceitos de comunidade destacados no corpo deste artigo e o levantamento de campo empreendido em Bom Sucesso da Costa do Tabocal (AM), os dados evidenciam que os padrões tradicionais de convivência tendem a mudar devido à influência de inúmeras variáveis externas.

Notadamente, os padrões de educação, entretenimento, interação social, religiosidade e passatempos estão sofrendo as primeiras manifestações expressivas de alteração comportamental.

Até aqui foi possível averiguar quais modificações foram implementadas na população ribeirinha e as consequências geradas por elas. Contudo, todo o exposto abre espaço para mais inquietações e questionamentos: o que será das próximas gerações desta comunidade? Como será o comportamento espiritual e religioso no futuro? O adventismo continuará a ser a religião predominante?

Por isso, ainda são necessárias mais pesquisas dentro deste contexto, a fim de compreender como implementar medidas de consciencialização para o uso equilibrado das tecnologias. É fundamental a criação de grupos de apoio aos pais para orientá-los a estabelecer limites, bem como a criação de espaços de convivência onde as famílias possam formar novas conexões e rodas de conversa intergeracionais, garantindo a preservação das características da comunidade para o futuro.

Outro ponto extremamente importante é tornar o espaço da igreja mais relevante para as novas gerações. Deve-se dar condições aos mais novos de participarem ativamente do culto de adoração, implementando e fortalecendo projetos como o Clube de Desbravadores, o Clube de Aventureiros e a Sociedade de Jovens, garantindo que crianças, juvenis e adolescentes tenham atividades direcionadas e atrativas para a sua faixa etária.

## REFERÊNCIAS

---

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia**: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CORRÊA, Ana Maria Maciel. **Permanências e Mudanças Sociais Numa Comunidade Ribeirinha**: Colares. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)-Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2019.

LIMA, D. M. Ribeirinhos, Pescadores e a Construção da Sustentabilidade nas Varzeas dos Rios Amazonas e Solimões. In: **Boletim Rede Amazônia: Diversidade Cultural e Perspectivas Socioambientais**. Ano 3, n. 1, 2004.

SILVA, Juniele; HESPANHOL, Rosangela. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO). **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 28, n. 3, p. 361-374, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/Z6GhsmgCyPygSPDvKr3YTZM/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2026.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p. 97-285.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira: O que é como se faz**. 3.ed. São Paulo: Lojala, 2002.

# Discipulado das novas gerações: uma proposta de atendimento por faixa etária

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os conceitos bíblicos e dos escritos denominacionais da Igreja Adventista do Sétimo Dia referentes ao discipulado. Será feita uma análise histórica dos termos “juventude” e “novas gerações”, e, por fim, será sugerida uma proposta de atendimento na faixa etária envolvendo os vários departamentos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia considera como ministérios, tais como: ministério da criança, ministério adolescente, ministério Desbravadores, ministério Aventureiros e ministério jovem etc.

Em um mundo em constante mudança e repleto de desafios na educação infante-juvenil, onde investimentos financeiros, capacitação profissional e estruturas físicas adequadas são premissas básicas no educar, como a igreja pode desenvolver o discipulado para as novas gerações? Quais são as implicações para um líder de departamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no trabalho com diferentes idades? Como fica a produção de materiais, recursos humanos, projetos e outras iniciativas usadas como ferramentas para o discipulado das novas gerações? E como ter um ministério, ainda mais compatível, intencional e conectado com as necessidades das novas gerações?

Na busca por respostas para essas perguntas, utilizamos revisão bibliográfica, artigos denominacionais e pesquisa de opinião com profissionais da área, que nos ajudarão a compreender o significado das necessidades de ministrar e discipular as novas gerações. E como resultado da pesquisa, foi elaborada uma proposta de atuação para a liderança dos departamentos que lidam com as novas gerações na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

## UMA BREVE ANÁLISE DO CONCEITO DE DISCIPULADO NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento contém livros escritos por discípulos, que falam sobre discípulos e explicam tudo que precisamos saber sobre os discípulos de Jesus Cristo. O termo se repete 250 vezes no NT, mas já era conhecido no Antigo Testamento (Reid, 2012). A aplicação do termo é para todos os cristãos, de todos os lugares, de todas as idades em todos os tempos (Willard, 2008), tem

como base de credenciamento e fundamento principal a relação íntima com o próprio Cristo (Bosch, 2007).

Jesus teve seguidores desde o início de seu ministério público. Ao que tudo indica, o chamado de Cristo aos seus seguidores envolvia um processo: Segundo Coleman (2015, p. 286), “O discipulado pode ser chamado de estilo de vida” (ver Mt 4:18–22; 9:9–13; Mc 1:16–20; 2:13–17; Lc 5:1–11, 27–39; Jo 8:31; 13:35; 15:8).

“Discípulo” é um termo empregado regularmente em Atos para designar a pessoa que depositou a fé em Jesus Cristo. O autor de Atos, o evangelista Lucas, faz distinção entre a “multidão dos que criam” (At 4:32) e a “multidão dos discípulos” (At 6:2).

Apesar de, curiosamente, não usar o termo discípulo (Bosch, 2007), nas cartas paulinas vemos o discipulado na prática, a vida de seu mestre Jesus na vida de Paulo (Gl 2:20). O apóstolo ensinava pelo exemplo (1Co 6:14), era intencional (2Tm 2:2), trabalhava para edificação dos novos na fé (Gl 4:19). Enfim, são muitas ações desenvolvidas por Paulo que demonstram seu empenho constante no discipulado como estilo de vida e exemplo de liderança.

O Novo Testamento registra muitos cristãos que foram discipulados por ele. Destacamos o exemplo de Timóteo, considerado como um filho na fé (1Co 4:17; 1Tm 1:1–2; 2Tm 3:14). A esse respeito, Ellen G. White (1999, p. 204) comenta: “Enquanto viajavam de um lugar para outro, ensinava-lhe cuidadosamente a maneira de trabalhar com êxito”.

O papel do líder das novas gerações deve ser orientado por um processo discipulador como foi demonstrado no modelo bíblico de liderança dos apóstolos. Nessa demonstração fica evidente que padrões e modelo de trabalho com as novas gerações podem e devem ter fundamentação bíblica.

## **CARACTERÍSTICAS DO DISCIPULADO NOS ESCRITOS DE ELLEN WHITE**

O discipulado também é um tema recorrente nos escritos de Ellen G. White. Ela deu ênfase à prática como um processo amplo. Segundo a Revista Adventista (2019, p. 39), “o discipulado pode ser desenvolvido via: Família,

Escola Sabatina, Sistema Educacional Adventista e nas atividades eclesiais”. Mesmo não usando em todas as ocasiões o termo discipulado, a autora, em inúmeros de seus escritos, enfatiza sua importância e aplicação para várias áreas, incluindo as novas gerações.

Sobre o discipulado, Ellen White aponta algumas características importantes:

**a) Conversão** – “O caráter é a verdadeira prova do discipulado, genuína conversão, valor inestimável” (1984, p. 170).

**b) Estilo de vida** – “O dom de Cristo, o adorno de um espírito manso e tranquilo, é com autoridade declarado por Aquele que não pode errar, ser de grande preço. [...] Seja qual for a maneira porque os homens nos estimem, se usarmos esse ornamento, traremos o distintivo de nosso discipulado para com Cristo” (1995, p. 111).

**c) Obediência** – “A obediência é a prova do discipulado. É a observância dos mandamentos que prova a sinceridade de nossa profissão de amor” (2008, p. 146–147).

**d) Testemunho** – “O fruto que damos é a única prova da natureza da árvore, perante o mundo. É a demonstração de nosso discipulado. Se nossas obras são de tal caráter que, como ramos da Videira Viva, damos fartos cachos de precioso fruto, então apresentamos diante do mundo o próprio distintivo de Deus como Seus filhos. Somos cartas vivas conhecidas e lidas por todos os homens” (1985, p. 117).

**e) Amor ao próximo** – “É vontade de Deus que a união e o amor fraternal existam entre Seu povo. Essa é a prova de nosso discipulado” (1997, p. 520). Segundo a Revista Adventista (2016), “O amor é a prova do discipulado”.

O discipulado é muito importante em todas as etapas da caminhada cristã, e mais ainda na lida com as novas gerações, que possuem um potencial inegável em todas as áreas da vida. No caso da IASD e seus ministérios, o cumprimento da missão que é o motivo de sua existência se faz através do engajamento da juventude, que reconhecidamente é um fator preponderante de avanços e conquistas para o reino de Deus na atualidade. Essa faixa etária é um público indispensável. A juventude é uma fase da vida em que Deus tem propósitos específicos e amplos na atuação da igreja e da comunidade.

## CONCEITO DE JUVENTUDE

Ao longo da história, é possível observar que há diversas formas de conceituar e compreender a “juventude”, de acordo com o contexto de cada época. Atualmente, não existe uma definição única sobre quem são os jovens e o que representa a juventude. Porém, alguns conceitos se apresentam na tentativa de definição, como demonstra Catani e Gilioli (2004, p. 15): “Juventude como uma fase de transição, efeito da maior longevidade da população urbana, mas sem limites precisos e nem demarcação por nenhum ritual social”.

A fase de transição entre a infância e a vida adulta pode ser representada como juventude, e o início dessa fronteira para a fase da maturidade é visto por meio de fatores objetivos e subjetivos, sociológicos e biológico-fisiológicos, tais como: maturação física e sexual na puberdade.

No Ocidente, o conceito de juventude começou a ser formado no final do século 18 e início do 19, período em que surgiram os primeiros estudos sobre os jovens, influenciados e alterados pela situação política, econômica e social do momento.

Para a Organização Mundial da Saúde, entra na categoria de juventude os indivíduos que têm entre 15 e 24 anos. Entretanto, para a Organização Ibero-Americana da Juventude e na Argentina, a faixa etária deve ser de quatorze a trinta anos. Já no Brasil há uma variável entre os dados do IBGE, que falam de 13 a 24 anos, e o Estatuto da Juventude, que defende de 15 a 29 anos como sendo a faixa etária que compreende a juventude (Bourdieu, 1983).

Todos esses dados nos confirmam que o termo juventude é composto por adolescentes e jovens, que não há uma idade específica, um consenso de quando realmente começa e termina a adolescência. Podemos discipular ambos com o mesmo objetivo, apoiá-los e incentivá-los para que haja as mudanças necessárias na sociedade, na igreja e na família. A juventude é uma etapa fundamental no relacionamento entre as gerações.

## CONCEITO DE NOVAS GERAÇÕES

O uso do conceito de Nova Geração (de zero a trinta anos) tem sido um tema relevante nas ciências humanas e sociais, nos debates teóricos,

ideológicos e políticos, como metáfora para construção social do tempo e como categoria influente em pesquisas sobre juventude, segundo Feixa e Leccardi (2008).

A noção de geração foi desenvolvida em três momentos históricos: No período entre guerra, nos anos de 1920 a 1928, as bases filosóficas são formuladas em torno da noção de “revezamento geracional”. Na época do protesto de 1960 a 1969, uma teoria em torno da noção de “problema geracional” é fundamentada sobre a teoria do conflito. E em meados dos anos de 1990, com o surgimento da sociedade em rede, surge uma nova teoria: “sobreposição geracional”, que aponta os jovens como mais habilidosos do que as gerações anteriores com relação à tecnologia digital (Weller, 2011).

No ano de 2008, em uma conferência pronunciada em Barcelona, Zygmunt Bauman evocou os escritos sobre gerações de José Ortega y Gasset. No mesmo congresso, o sociólogo francês Michel Maffesoli abordou o tema das gerações que vivem juntas a partir da noção de “hospitalidade”. Evocando a metáfora da “tribo”, que se tornou famosa, lembrou que a convivência entre anfitriões e convidados (adultos e jovens). Segundo Weller (2011, p. 58), “As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente, não podem ser ignoradas”.

Jovens e adolescentes podem formar um exército com um grande potencial para o avanço e crescimento da evangelização de novos discípulos.

## **NOVAS GERAÇÕES NO CONTEXTO DA IASD**

Foi em 1852 que a preocupação com o desenvolvimento espiritual das novas gerações teve início. Thiago White começou a escrever as primeiras lições da Escola Sabatina para jovens, publicadas na revista *Youth's Instructor* (Manual Jovem, 2012). Em seguida, Ellen White começou a fazer repetidos apelos para que todos os jovens se organizassem em um “exército” que ajudasse a terminar a obra de levar a mensagem do advento a todo mundo.

O trabalho missionário promovido por um grupo de jovens começou a partir da organização de reuniões em uma igreja local em Hazelton, Michigan,

no ano 1879, por iniciativa de dois adolescentes, Harry Fenner, de dezesseis anos, e Luther Warren, de quatorze anos, que tinham como objetivo promover a causa da temperança e levantar fundos para o trabalho missionário (Manual Jovem, 2012).

A escritora Ellen G. White (2004, p. 30) apelou para que a igreja fizesse algo por seus jovens, escrevendo de Melbourne, Austrália, em 19 de dezembro de 1892:

Queremos que nossos filhos acreditem na verdade.  
Queremos que eles sejam abençoados por Deus.  
Queremos que eles tomem parte em planos bem organizados para auxiliarem outros jovens. Que todos sejam tão bem preparados que possam representar devidamente a verdade, dando a razão da esperança que há neles, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra no qual se achem aptos a trabalhar.

O discipulado intencional das novas gerações deve ser planejado, organizado e promovido cuidadosamente desde a tenra idade para que, chegando à fase da juventude, os frutos estejam maduros.

No quinquênio (2015–2020), foi lançado para todo território da Divisão Sul-Americana quatro ênfases: Comunicação, novas gerações, formação teológica e dons espirituais. E para as “Novas Gerações”, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, temos várias ações, projetos, clubes e iniciativas para que todos sejam atendidos, assistidos e envolvidos no processo de discipulado. Digna de reconhecimento, pois têm sido por muitos uma referência visionária para o futuro da igreja, como nos diz Ellen G. White (2008, p. 683):

Que os jovens sintam ser um privilégio estudar sob a direção de obreiros mais velhos, e tomem toda a responsabilidade compatível com sua mocidade e experiência. Assim educava Elias a mocidade de Israel

nas escolas dos profetas; e os moços hoje em dia devem ter idêntico preparo.

A Bíblia e os escritos de Ellen White nos apresentam a importância do discipulado, principalmente das novas gerações, pois estão na fase própria da vida para o aprendizado, especialmente da juventude que já tem todas as condições favoráveis para praticar o aprendido e ser modelo para as próximas gerações.

## MINISTÉRIOS DA IASD PARA AS NOVAS GERAÇÕES

Sob a ênfase “Novas Gerações”, trabalham o Ministério Jovem, o Ministério do Adolescente, o Ministério da Criança, o Clube dos Desbravadores, o Clube dos Aventureiros e a Educação Adventista. Cada um desses busca, através de suas atividades específicas, “disciplinar” e direcionar crianças, adolescentes e jovens ao crescimento espiritual.

A escritora Ellen G. White (2009, p. 210) afirma:

Havendo a juventude entregado o coração a Deus, não cessa ainda nossa responsabilidade em seu favor. É preciso que eles se interessem na obra do Senhor, e sejam levados a ver que Ele espera que façam alguma coisa para que Sua causa avance. Não basta mostrar quanto se precisa fazer, e insistir com a mocidade para tomar parte. É mister ensinar-lhes a maneira de trabalhar para o Mestre. Exercitá-los, discipliná-los, adestrá-los nos melhores métodos de atrair almas para Cristo. [...] Ensinai-os a experimentar, quieta e despreziosamente, auxiliar seus jovens companheiros. Disponham-se sistematicamente vários ramos de trabalho missionário, nos quais eles possam tomar parte, e dêem-se-lhes instruções e auxílio. Assim aprenderão a trabalhar para Deus.

O desafio de liderar na atualidade é percebido de várias formas, desde o relacionamento individual intencional até os projetos por eles executados, incluindo também o chamado para o compromisso na vida cristã. Nesse contexto, entendemos que todas as ações, projetos, ministérios, programas e outros devem convergir, conectar e estar associados ao discipulado. Não podemos permitir que ocorra o erro de pensar que basta batizar a juventude (adolescentes e jovens) para que nossa responsabilidade como líderes seja cumprida. Precisamos de um processo intencional de discipulado, com envolvimento e comprometimento na salvação de outros.

O papel das novas gerações na IASD é historicamente missiológico. Desde o início, a igreja se preocupou com suas crianças, adolescentes e jovens, desenvolvendo neles estratégias, planos e o senso missionário (Manual jovem, 2012). Nesse cenário, os materiais, os ministérios e departamentos da igreja sempre foram fatores preponderantes para a promoção do discipulado, embora em algum aspecto possam ser contestados em seu conteúdo e uso. Os materiais também desempenham uma função ajudadora no contexto. Mas acreditamos que esses materiais podem ser mais otimizados se cada um deles fosse intencionalmente integrado e preparado como uma ferramenta para lapidação e formação dos novos discípulos.

## **PROPOSTA ESTRUTURAL**

No momento, a IASD tem organizado seu trabalho por faixa etária da seguinte forma: para Ministério da Criança: dos zero aos doze anos; para Ministério do Adolescente: de treze a dezesseis anos; para Ministério dos Aventureiros: dos seis aos nove anos; para Ministério dos Desbravadores: de dez a quinze anos; e o Ministério Jovem: de dezessete a trinta anos. No formato atual, temos a liderança do Ministério da Criança que também lidera o Ministério do Adolescente. Já para o Ministério Jovem, um líder. E para Ministério dos Aventureiros e Desbravadores, ou seja, idades distintas, faixas etárias bem diferentes para um líder trabalhar, vejamos os quadros a seguir:

**Quadro 1 - Modelo Atual da Estrutura dos Departamentos:**

Ministério Criança (M.C)	0 aos 12 anos
Ministério Adolescente (M.A)	13 aos 16 anos
Ministério Aventureiros	6 aos 9 anos
Ministério Desbravadores	10 aos 15 anos
Ministério Jovem (MJA)	17 aos 30 anos

Elaborado pelo autor.

**Quadro 2 - Proposta de Mudança Estrutural:**

Ministério Criança (M.C) e Ministério Aventureiros	0 aos 12 anos
Ministério Adolescentes (M.A) e Ministério Jovem (MJA)	13 aos 30 anos
Ministério Desbravadores	10 aos 15 anos

Elaborado pelo autor.

A igreja sempre considerou as atividades e o trabalho com as novas gerações por faixa etária, segundo seus manuais de aventureiros, desbravadores, jovens e manual da igreja, com materiais adequados e de alta qualidade. Na proposta acima, a mudança é apenas na liderança a nível de campo, buscando ajustar as idades com as realidades contextuais em que a igreja está inserida.

Nesse prisma, o discipulado em suas fases deve ser respeitado (Palangana, 2015). Para tanto, o líder deve estar preparado, em vários sentidos, para ministrar por faixa etária. Segundo Wélida (2010, p. 192):

Desde muito cedo, a criança inicia sua socialização a partir do contato com os adultos e com outras crianças. De acordo com suas pesquisas, a criança tem características próprias que estão intrinsecamente relacionadas com a fase de desenvolvimento em que se encontra.

Seria mais produtivo se cada campo tivesse um especialista, um líder de departamento que gerenciasse as questões específicas de uma faixa etária? Teríamos mais segurança quanto à formação real de discípulos quando exercido e proposto por um especialista? De acordo com teóricos citados acima, sim, teríamos adequação mais favorável para o público-alvo.

## **NOVA PROPOSTA**

Quando se observa a estrutura atual de cada ministério que cuida das novas gerações na Igreja Adventista do Sétimo Dia, percebemos o cuidado com o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes a partir do contato com adultos, para ouvir orientações, histórias, participar de projetos, receber instruções e desenvolver dons, habilidades e aptidões. Em cada faixa etária, verifica-se as formas de se comportar, perceber e compreender o mundo em que se está inserido. Portanto, os líderes de crianças, adolescentes e jovens devem ter conhecimento a respeito do desenvolvimento e a dinâmica de aprendizagem de cada fase, para que possam planejar, promover e trabalhar de forma compatível com a realidade de desenvolvimento do público-alvo de cada ministério.

Borges (2008, p. 10) afirma: “É importante compreender o modo como as pessoas aprendem e as condições necessárias para a aprendizagem, bem como identificar o papel do professor nesse processo”. Portanto, os líderes das novas gerações devem buscar aquisição de conhecimento, habilidades, vocabulário e ferramentas que venham proporcionar um maior resultado no discipulado das novas gerações. Um exemplo, ainda que simples, sobre essas habilidades, é a linguagem usada para contar uma história para uma criança de seis anos, que difere totalmente se a mesma história for contada para um adolescente de quatorze anos.

Com isso em mente, se nas Associações/Missões o ministério da criança e os aventureiros tiver o mesmo líder, o ministério do adolescente e os jovens também tiver a mesma liderança, e um líder exclusivo para desbravadores (já que o clube de desbravadores é uma instituição que lida com todas as faixas etárias), eles deveriam ter um líder exclusivo nos campos para o trabalho

comunitário, como um centro de influência para crianças e jovens na comunidade em que estiverem inseridos. E os líderes de crianças e de jovens poderiam se especializar em conhecimento, habilidades, vocabulário e ferramentas que os fizessem desenvolver projetos intencionais, unificados, organizados, com objetivos claros para alcançar o discipulado e o desenvolvimento dos talentos de uma faixa etária específica. Ellen G. White (2009, p. 21) afirma que:

O talento juvenil, bem organizado e bem educado, é necessário em nossas igrejas. Os jovens farão alguma coisa com suas transbordantes energias. A menos que essas energias sejam dirigidas por condutos certos, serão pelos jovens usadas de maneira que ferirá sua própria espiritualidade e se demonstrará um mal àqueles com quem se associam.

Então, se o discipulado será mais efetivo a partir do momento em que o trabalho do líder dos departamentos que lidam com as novas gerações for focado na mesma faixa etária, nos perguntamos: o que mudaria? Qual é a diferença da proposta atual para a nova, já que na igreja local não haveria mudanças? A resposta é: O discipulado das novas gerações será impulsionado.

## ASPECTOS POSITIVOS DESSA PROPOSTA

a) **Liderança/Segmento** – Os líderes de departamentos das Associações/Missões poderão se tornar especialistas em liderar por faixa etária. Os benefícios indiretos de uma liderança por faixa etária são: Comunicação, atividades lúdicas, reunião com pais ou responsáveis, gestão de conflitos. Vejamos outros exemplos práticos:

Exemplo nº1: Ministério da Criança/Aventureiros – Evitar concorrência entre ministérios que trabalham com o mesmo público fortalecerá a rede familiar para a igreja local, que poderá ser real em todas as igrejas, independentemente de ter ou não clube de aventureiros, utilizando as seguintes ferramentas: Projeto Pegadas, Reparando Brechas, Juntos ou Escola de Pais,

que hoje é tão difícil de ser implantado devido à falta de tempo dos pais para participarem de reuniões promovidas pelo M.C. e também pelos Aventureiros.

Os recursos humanos da atualidade estariam disponíveis, podendo ser otimizados, gerando uma integração e diálogo em prol da agenda entre os ministérios com o mesmo público.

Exemplo nº2: Ministério Jovem/Adolescente – Ter uma única estrutura para liderar a juventude nas associações/missões poderá produzir nos liderados uma integração e senso de pertencimento positivo, já que os adolescentes se incomodam com o fato de serem liderados pela mesma pessoa que lidera crianças e não terem suas necessidades pré-universitárias atendidas. No caso das igrejas locais, poderá ter uma transformação grandiosa nos cultos do sábado à tarde, onde o líder incentivará a celebração semanal das ações realizadas ao longo da semana, tanto do M.A. quanto do MJA, que terão espaço para apresentar seus testemunhos, desafios e projetos conquistados a cada semana.

Outro aspecto positivo é a transição que hoje não é realizada. O ministério Jovem poderá realizar uma cerimônia de transição anual para dar as boas-vindas aos que completam dezessete anos, fortalecendo a ideia de continuidade discipular e um ministério para a juventude, tão almejada pela igreja local.

**b) Organização/Projetos** – A proposta promoverá um melhor desenvolvimento do trabalho, facilitando a gestão nos departamentos. Já na igreja local poderá haver um crescimento na implantação de projetos que hoje há dúvidas a respeito de quem deve liderar.

Exemplo nº1: Ministério da Criança/Aventureiros – Durante o Impacto Esperança, tanto o ministério infantil quanto os aventureiros querem participar da distribuição dos livros infantis. Entretanto, frequentemente, as crianças ficam separadas. Caso todas as crianças, assim como seus pais, fossem devidamente orientadas e conduzidas pelos aventureiros, a expressão grandiosa desse exército representaria melhor a igreja. Ainda que a igreja local não tenha clube de aventureiros, quando o projeto é liderado pelo mesmo segmento, a organização é produtiva, com visibilidade e uma dinâmica harmoniosa.

Exemplo nº2: Ministério Jovem/Adolescente – Há na igreja local um potencial em cada Base do Ministério do Adolescente que trabalha com ênfase em um projeto específico, como o “i9”, “G148 teen”, “Sou um Josué”, “ADOLE TOTAL”, “Base Life Teen” etc. Projetos que, se forem bem direcionados, conectados, com uma agenda única e uma proposta de continuidade, continuaram produzindo frutos mesmo depois que os adolescentes avançarem para o ministério jovem. Afinal, este ministério receberá adolescentes com condições e potencial de continuidade incríveis, já no nível de se tornarem discipuladores, alcançando o ideal de ter em cada igreja uma juventude engajada no cumprimento da missão.

c) **Materiais/Recursos** – Os materiais produzidos serão melhor aproveitados, pois o líder da Associação/missão poderá otimizar o uso agregado aos projetos específicos.

Exemplo nº1: Ministério da Criança/Aventureiros – Desde o ano de 2017, o departamento de Mordomia Cristã tem enviado uma revista infantil para discipular as crianças a desenvolverem-se na área da mordomia cristã. A igreja que tem Clube de Aventureiro pôde oferecer as suas crianças esse material, que as habilitou para receberem a especialidade de Mordomo Fiel. Alguns campos não adquiriram a revista para as igrejas que não têm clube de aventureiros. As crianças que não participam do clube não precisam aprenderem sobre o mordomia? Com esse exemplo, percebe-se que, se os campos tivessem o mesmo líder para administrar os dois ministérios, este poderia planejar que esse material fosse acessível a todas as crianças da igreja, independentemente de ter ou não clube de aventureiros.

Exemplo nº2: Ministério Jovem/Adolescente – Outro exemplo clássico do potencial a ser conhecido com o M.A. e o M.J.A é o Projeto Calebe, onde os recursos poderão ser também aproveitados para o discipulado dos adolescentes, já que eles querem tanto serem úteis na causa e usar seus talentos nesse projeto. O líder poderia ter um plano específico para que os adolescentes tivessem seu espaço definido, com ações intencionais no processo de discipulado integrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja adventista, desde seus primeiros passos, tem se preocupado com as novas gerações e buscado o melhor alimento espiritual para que estejam nutridos para cumprir a missão. Porém, os ministérios da IASD seguem um modelo onde crianças e adolescentes têm muitos projetos, clubes, materiais, programas e treinamentos, de modo que alguns se sobrepõem. Líderes ficam sobrecarregados; outros pouco aproveitados, passando uma ideia de desorganização e despreparo, pois, nas associações e missões, os líderes de departamento acabam fragmentando o foco do discipulado.

A proposta tem benefícios, já citados. Porém, deve-se ressaltar que, nos campos administrativos da IASD, as crianças e aventureiros deveriam estar sob a liderança da mesma pessoa. Porém, nas igrejas locais, a liderança deve permanecer como está. Para o ministério do adolescente, a proposta é que seja liderado, nos campos, pelo mesmo líder do ministério jovem. Porém, continuar com a proposta de liderança distinta na igreja local, onde, a propósito, tem sido realizado um excelente trabalho, a ponto de reduzir a evasão e apostasia que antes possuía um índice altíssimo. Já para o Ministério dos Desbravadores, a nível de campo administrativo da IASD, o líder deve ser exclusivo. Pois é grandioso o poder de atuação que o clube de desbravadores pode exercer, já que esse ministério tem todas as condições favoráveis para ser um centro de influência para a comunidade em que está inserido.

O esforço para alcançar um real discipulado das novas gerações deve ser o ponto alto dos ministérios da Igreja Adventista do Sétimo Dia, para não correremos mais o risco de perder uma geração. Ter planos, metas e projetos intencionais para cada faixa etária é a visão que precisamos. Pois não perdemos uma geração quando ela vai para universidade, quando estão sob a pressão da fase da adolescência ou mesmo quando não querem participar dos clubes de aventureiros ou desbravadores. A perdemos bem antes, quando não priorizamos o discipulado intencional.

## REFERÊNCIAS

---

- BOSCH, D. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2007.
- BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1983.
- BORBA, W. **Revista do Ancião**. Out-Dez nº 64, Ano 16. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.
- BORGES, M. **Educação, aprendizagem e desenvolvimento**. Vila Velha, ES: ESAB, 2008.
- BULLÓN, A. **Todos envolvidos na missão**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.
- CATANI, A.; GILIOLI, R. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. Série Cultura. São Paulo, SP: UNESP, 2004.
- COLEMAN, R. O estilo de vida da Grande Comissão. In: **A verdade**: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- KÖHLER, E.; GONÇALVES, O. (ed.). **Manual administrativo Clube De Aventureiros**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Sobre Tudo, 2008.
- MINISTÉRIO JOVEM DSA (ed.). **Manual Jovem Liderança**: líderes JA de associação, missão, união, divisão, regionais, conselheiros e colaboradores do MJ. São Paulo, SP: Editora Sobre Tudo, 2012.
- PALANGANA, I. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski**: a relevância do social. 6. ed. São Paulo, SP: Editora Summus, 2015.
- RODE, I.; RODE, D. **Crescimento**: chaves para revolucionar sua igreja. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007.
- SILVA, W. **Guiando uma geração ao céu e ao cumprimento do propósito de Deus**. 2. ed. Maringá, PR: Gráfica Maranata, 2011.
- TIMM, A. **Revista Adventista**. , Agosto nº 1348, Ano 114. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.
- WELLER, W. (Org.). **Dossiê**: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2011.
- WHITE, E. **Cuidado de Deus**: meditações matinais, 23 de abril. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- WHITE, E. **Educação**. 9. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, E. **Evangelismo**. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, E. **Mensagens aos jovens**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, E. **O maior discurso de Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, E. **Obreiros evangélicos**. 4. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

WHITE, E. **Patriarcas e profetas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, E. **Serviço cristão**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. **Testemunhos seletos**. Vol. I. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

WHITE, E. **Testemunhos seletos**. Vol. II. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

WILLARD, D. **A grande omissão**: as drásticas consequências de ser um cristão e se tornar um discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

VIANNA, V.; VOMMARO, P. **Juventude, participação e desenvolvimento social na América Latina e Caribe**: Escola Regional Most Unesco Brasil. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude; São Paulo: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2014.

# Seção II

---

**O ministério dos  
Desbravadores e  
Aventureiros na  
formação cristã**



**Estudos bíblicos  
personalizados  
para  
desbravadores:  
uma análise na  
Associação Norte  
Paranaense  
sobre criação e  
implantação de  
um novo modelo  
de classe bíblica**

O presente trabalho aborda o ensino de estudos bíblicos no Clube de Desbravadores, bem como o uso e a importância de uma nova metodologia, servindo de modelo ou inspiração para que outras associações da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) implantem um estudo personalizado para os seus clubes.

Nota-se uma escassez literária sobre a temática de estudos bíblicos personalizados para Desbravadores. Isso é tão evidente que o próprio *Manual de Curso de Treinamento Básico para Diretoria de Desbravadores*, publicado pela Divisão Sul-Americana (DSA) na década de 1990, não possuía um capítulo dedicado ao assunto ou à capelania do clube. Neste estudo, busca-se compreender a necessidade e os resultados de um novo modelo de classe e de estudos bíblicos para esse público, utilizando a Associação Norte Paranaense (ANP) da IASD como experimento. Para tanto, o estudo compara os dois modelos de classe bíblica e de estudos utilizados pelos Desbravadores, identificando as reações à nova metodologia e mensurando os seus resultados práticos.

Para fundamentar essa análise e mensurar os resultados práticos, a presente investigação baseou-se em uma pesquisa de campo de caráter quali-quantitativo, realizada em outubro de 2019. O questionário eletrônico foi enviado aos líderes da ANP envolvidos com o clube, obtendo a colaboração de 246 pessoas: 81 diretores, 30 coordenadores (regionais ou distritais), 9 pastores distritais, 21 capelães de clube e 105 conselheiros de unidades. Destes participantes, 214 haviam vivenciado ambas as formas de estudo (a antiga e a nova). A partir desses dados, o estudo compara os dois modelos de classe bíblica utilizados pelos desbravadores, identificando as reações à nova metodologia e o seu impacto nas congregações.

## COMPARAÇÃO ENTRE OS MÉTODOS E OS ESTUDOS PARA DESBRAVADORES

Define-se nesta pesquisa como “estudo antigo” o material confeccionado e distribuído pela Divisão Sul-Americana antes de 2018. Como “novo estudo”, classificam-se os materiais elaborados pela União Sul Brasileira (USB) a partir de 2018, intitulados: *Acampando com o Criador* (Danese, 2018), *O mistério dos*

dois livros (Danese, 2018), *Exploradores da verdade* e *Caçadores da verdade* (Danese, 2019).

Utiliza-se a nomenclatura “antigo método de classe bíblica” para designar o conceito no qual o clube possui um capelão que ensina um único tipo de estudo para todos os membros, baseado no sistema tradicional de preenchimento de questões de um livreto. Já o “novo método” refere-se ao sistema dividido por faixa etária ou por unidades, no qual o capelão atua por intermédio dos conselheiros de unidade, estabelecendo uma conexão direta com as atividades bíblicas e práticas dos cartões de classes (de *Amigo a Guia*).

### **O USO DO ANTIGO MÉTODO DE CLASSE BÍBLICA**

O *Manual Administrativo do Clube de Desbravadores* (2013, p. 146) registra que uma das grandes diferenças entre os desbravadores e os escoteiros é a forte ênfase no desenvolvimento espiritual. Os desbravadores possuem basicamente três frentes de trabalho espiritual com o seu público-alvo: os cartões de classe, as especialidades e a classe bíblica. Enquanto as duas primeiras permeiam atividades variadas focadas no crescimento físico, mental e espiritual, a classe bíblica atuava exclusivamente como um setor doutrinário e teórico. O material distribuído à época compunha-se de seis diferentes apostilas de estudos bíblicos que seguiam um padrão estritamente convencional. Essa ênfase teórica assemelhava-se, muitas vezes, a palestras tradicionais em sala de aula, visto que a antiga classe bíblica era inspirada em moldes de ensino para adultos e na didática escolar convencional.

Assim, no formato anterior, os estudos repetiam-se em um ciclo de seis anos, ignorando as mudanças cada vez mais rápidas do mundo globalizado e das novas gerações. Embora houvesse um esforço introdutório para abordar a linguagem juvenil – com o uso esporádico de ilustrações e tentativas de jogos, como palavras cruzadas –, o estudo era completamente desvinculado de todas as outras atividades do clube, como o cumprimento dos requisitos dos cartões de classe e das especialidades.

## O NOVO ESTUDO E O NOVO MÉTODO DE CLASSE BÍBLICA

Em 2017, a União Sul Brasileira (USB) e a sua equipe de departamentais lançaram um novo estudo bíblico, com temática, recursos visuais e método diferentes do modelo tradicional. Após o seu lançamento, em 2018, a Divisão Sul-Americana encomendou um estudo no mesmo formato para ser utilizado a partir de 2019 em todo o seu território. A seguir, analisam-se as características, a contextualização e as reações a esses materiais.

O novo estudo foi desenhado para ser ministrado em pequenos grupos, ou seja, diretamente nas unidades do clube. Segundo os dados levantados pela pesquisa de campo descrita na introdução deste trabalho, o número de clubes que passou a envolver toda a equipe na ministração do estudo bíblico – abrangendo todos os desbravadores, batizados ou não – saltou de 44,5% (no modelo antigo) para 90,1% (no modelo novo).

Assim, o material necessitava não apenas abordar os temas doutrinários no espaço de aproximadamente treze lições, mas também possuir uma temática atrativa para as novas gerações (de dez a quinze anos). Por isso, optou-se por elementos comuns ao universo dos desbravadores e de fácil aplicação pelos líderes. O tema geral escolhido para os estudos da USB foi “lições de Deus na natureza”. No ano de 2019, o estudo adotado pela DSA seguiu a temática das profecias. Para consolidar essa mudança, o projeto visual integrado das capas e páginas internas seguiu a partir dessas abordagens, ilustrando o conteúdo com personagens jovens e elementos da natureza e da escatologia.

Sobre a habilidade de contextualizar o tema, 55,1% dos líderes entrevistados, inicialmente, sentiram-se inadequados com a nova linguagem. No entanto, 32,1% afirmaram que já utilizavam uma linguagem e ilustrações semelhantes, alinhando-se facilmente ao novo método. Ainda, 4,7% consideraram a linguagem indiferente, 1,7% consideraram-na inadequada e apenas 0,9% opinaram que a linguagem e as ilustrações eram difíceis de abordar. Os demais dividiram-se em opiniões isoladas.

A pesquisa na ANP indicou que 95% dos entrevistados consideraram a divisão do material por faixas etárias uma excelente ideia, enquanto apenas 5% acharam que a divisão gerou transtornos. O novo estudo mescla dados do

tema geral (natureza ou profecia) com doutrinas bíblicas e desafios práticos, apresentando ícones e símbolos que imitam o ambiente da internet para abrir novas caixas de temas. Nota-se que a própria Bíblia não é um livro de teologia sistemática linear, apresentando conceitos “um pouco aqui, um pouco ali” (Is 28:10).

Enquanto o estudo para dez a doze anos foi direcionado para a construção de valores (imitando a jornada dos cartões de *Amigo a Pesquisador*), o estudo para treze a quinze anos foi focado na construção de personalidades. Segundo o psiquiatra Parrott (2003), a adolescência é um período de busca pelo sentido da vida, o que pode gerar crises de identidade. Por isso, escolheram-se biografias como modelos de vida de aventura e identidade missional. A introdução apresenta heróis reais, como os arqueólogos Paul E. Botta e Howard Carter, ou os exploradores Ernest Shackleton e David Livingstone.

O *Manual Administrativo do Clube de Desbravadores* (2013) menciona que o pensamento adolescente atravessa uma fase de “espírito crítico”, julgando valores e doutrinas, podendo oscilar entre um “misticismo fervoroso e o ateísmo intolerante”. Contudo, o psicólogo Guilherme Jahn argumenta em suas pesquisas que o interesse religioso na adolescência não diminui, mas aumenta. Parrott (2003) corrobora essa visão, argumentando que 48% dos adolescentes afirmam pensar em Deus e nos ensinamentos espirituais ao tomarem decisões.

Para Lima (2016), o que surge entre os jovens é o questionamento da “instituição religiosa”. Apoiado no sociólogo Thadeu Silva, Lima aponta que, diferentemente de outras denominações, os adventistas têm conseguido gerar confiança institucional entre os jovens. O fato exige estudos mais aprofundados, pois os registros das secretarias indicam que, a partir dos quinze ou dezesseis anos, ocorre o maior índice de abandono da igreja. Portanto, o ponto de partida de qualquer estudo bíblico deve ser o trabalho personalizado e separado para as idades de dez a doze e treze a quinze anos, considerando ainda que boa parte desse público não é adventista.

## LINGUAGEM E VISUAL

A premissa adotada foi a de que, numa sociedade midiática, era necessário um estudo intensamente ilustrado. Contudo, em respeito à natureza rústica do clube (voltado para atividades ao ar livre), resistiu-se ao uso exclusivo de meios eletrônicos para garantir a acessibilidade a qualquer classe social, focando os conceitos visuais da nova geração no material impresso. Para alcançar esse efeito visual nas apostilas, optou-se por um traço leve e dinâmico, que teve como objetivo gerar identificação com o público juvenil. Cores puras e chamativas, aliadas a tirinhas de humor na introdução, foram usadas propositalmente para introduzir os temas doutrinários a partir de situações do cotidiano do desbravador. A capa do estudo apresenta diversas etnias (sugerindo inclusão) e uma cena de acampamento que remete ao fogo do conselho, um momento espiritual central no clube.

Essa mesma intencionalidade de design foi aplicada aos materiais dos adolescentes mais velhos, mas com a devida adequação estética. Para o público de treze a quinze anos, adotou-se um estilo artístico inspirado na cultura pop (entre os *comics* e o *anime*), com composição gráfica semelhante a pôsteres de filmes e uso de tons escuros que clareiam ao longo das páginas (sugerindo revelação gradual).

Questionados sobre esse estilo, 75,4% dos líderes consideraram-no adequado e 72,1% afirmaram que o visual não causou escândalo na congregação (apenas 2,6% relataram algum desconforto por parte de membros externos ao clube). Ainda, 9,6% defenderam o uso de ilustrações, mas não as atreladas a publicações tradicionais (como a *Lição da Escola Sabatina*), enquanto 4,6% preferiam o estilo infantil da revista *Nosso Amiguinho*. Importa ressaltar que não foi registrado qualquer repúdio por parte dos desbravadores ou de seus pais. No geral, 94,1% concordam que as ilustrações do novo estudo facilitaram o ensino.

Conforme destaca Novaes (2018) em seu trabalho sobre a cultura visual adventista, o adventismo sempre usou a arte como ferramenta didática (desde os diagramas proféticos mileritas). Segundo Novaes (2017), após a década de 1950, o uso de histórias em quadrinhos esteve presente na própria revista

Nosso *Amiguinho*, por vezes assemelhando-se aos heróis *comics* (como nos desenhos do ilustrador Heber Pintos, nos anos 1980 e 1990). Fica evidente, portanto, que a adoção de um estilo ilustrativo arrojado no novo estudo bíblico não é uma inovação isolada, mas o resgate de uma tradição gráfica que historicamente já dialogava com as gerações mais novas da igreja.

Outra grande modificação metodológica foi a associação do estudo bíblico aos cartões e especialidades. Ao responder ao estudo, o desbravador cumpre simultaneamente requisitos bíblicos específicos dos cartões (*Amigo a Guia*). Isso estimulou até mesmo os jovens já batizados a participarem ativamente, otimizando o tempo do clube e integrando a Classe Bíblica ao programa contínuo de atividades. Na segunda temporada, a introdução do Ano Bíblico ao final do estudo serviu como um estímulo adicional à leitura diária.

## IMPLANTAÇÃO DO NOVO ESTUDO E CLASSE NA ANP

A pesquisa revelou que apenas distribuir o material aos diretores atinge cerca de 10% do objetivo. Portanto, a falta de capacitação do instrutor é o principal fator de risco para o fracasso da nova classe bíblica. Entre os inquiridos, 33,8% consideraram que o treinamento oferecido pela Associação foi o segredo para o sucesso; 32,9% admitiram despreparo inicial, superado com o treinamento; e apenas uma pequena margem aplicou o novo estudo utilizando os métodos antigos por falta de capacitação. A inserção do material ocorreu nas seguintes etapas:

- **1ª etapa:** treinamento dos coordenadores regionais, atuando como agentes multiplicadores;
- **2ª etapa:** treinamento dos pastores distritais em um evento de capacitação focado nas novas gerações (denominado *Pastori*);
- **3ª etapa:** treinamento online (vídeos no YouTube) focado em criatividade e contextualização. Foi avaliado com nota máxima por 46,4% dos participantes, demonstrando alta aceitação do Ensino a Distância (EAD);
- **4ª etapa:** curso prático de líderes da associação (10 horas de campo), com oficinas de criatividade na natureza. Este módulo obteve a avaliação mais alta do programa de treinamento (46,8% deram nota dez).

Como resultado desse esforço, 73,9% dos entrevistados concordam que o novo método obrigou os clubes a mudarem o perfil do instrutor da classe bíblica.

Assim sendo, a primeira linha de resultados refere-se à aceitação do público-alvo: 78,4% dos líderes percebem que os desbravadores preferem o novo material; 16,2% avaliam que eles se mostraram indiferentes; e apenas 2,1% acreditam que os jovens preferiam o estilo antigo. Questionados se gostariam de regressar ao método anterior, 91,6% dos líderes disseram “não”.

A eficácia do método também é amplamente reconhecida: 96,3% atestam a contribuição espiritual do material; 93,7% consideram que ele desperta a curiosidade para ler a Bíblia; e 95,5% acreditam que ele facilita a compreensão das doutrinas. No quesito de conversões, 95,4% concordam que o novo estudo auxilia na condução do desbravador ao batismo.

Os dados oficiais recolhidos junto à Secretaria de Igrejas e ao Ministério Jovem (MDA) da ANP demonstram numericamente a força dessa evolução demográfica e batismal ao longo de quatro anos. Em 2016, a associação contava com 101 clubes e registrou 317 batismos na primavera. No ano seguinte, os números subiram para 114 clubes e 334 batismos. O ano de 2018, marcado justamente pela transição metodológica proposta por esse material, alcançou a marca de 135 clubes e 384 batismos. Por fim, em 2019, mesmo com uma ligeira adequação para 129 clubes em atividade, o número de batismos na Primavera disparou para impressionantes 628 juvenis alcançados.

Importa notar que 2019, ano em que a DSA adotou o novo modelo de estudo em larga escala, foi o ano recorde do *Batismo da Primavera*, fenômeno que se repetiu de forma homogênea na maioria dos campos da Divisão, época em que a classe bíblica é tradicionalmente encerrada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito na obra, *Salvação e Serviço*, ao referirem-se ao Clube de Desbravadores, “o mundo mudou, os jovens mudaram e a igreja é diferente” (Allen, 2011, p. 136). Contudo, ressaltam que “algumas coisas não podem

mudar”, referindo-se aos princípios bíblicos que baseiam a verdadeira alegria do serviço.

O desafio do ministério jovem é antecipar-se às mudanças e produzir conteúdo com linguagem relevante, sem alterar a base doutrinária. Conclui-se que o estudo e o método antigos não são inferiores aos novos; foram apenas o fruto de uma época. O novo estudo representa um esforço vital para atender às demandas das atuais gerações.

O antigo formato permitia que a classe bíblica ficasse em segundo plano, visto que as reuniões de domingo eram curtas para absorver os cartões, as especialidades e uma aula teórica extensa. Um estudo desconectado do programa gerava desinteresse nos desbravadores batizados e desmotivava os não batizados. A ausência de didática prática tornava o processo cansativo, levando à evasão os juvenis que chegavam ao clube em busca de aventura. O momento missionário, que deveria ser o ápice do clube, tornava-se uma força repulsiva.

Os dados confirmam que, se os clubes passarem por treinamento adequado, a esmagadora maioria da liderança recusa o regresso ao método antigo. Por fim, adverte-se que o que hoje chamamos de “novo” deve ser entendido como um método que, inevitavelmente, envelhecerá, exigindo que a igreja não ceda ao comodismo e permaneça atenta às demandas formativas e espirituais da próxima geração.

## REFERÊNCIAS

---

- ALLEN, M. **Salvação & serviço**: o desafio do Ministério Jovem. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- DANESE, E. **Acampano com o Criador**: estudos bíblicos 10 a 12 anos. Curitiba: União Sul Brasileira, 2018.
- DANESE, E. **Caçadores da verdade**: estudos bíblicos 13 a 15 anos. Guarulhos, SP: Sobretudo, 2019.
- DANESE, E. **O mistério dos dois livros**: estudos bíblicos 13 a 15 anos. Curitiba: União Sul Brasileira, 2018.
- DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Curso de treinamento básico para diretoria**. Sem local: Gráfica e Editora Líder, 1993.

- DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual administrativo do clube de desbravadores**. Organização de Udolcy Zukowski. Guarulhos, SP: Sobre Tudo, 2013.
- JAHN, G. M. A religiosidade em adolescentes brasileiros. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 38-55, jan./jun. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-50272017000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000100004). Acesso em: 16 abr. 2026.
- LIMA, W. Assim caminha a juventude. **Revista Adventista**, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, mar. 2016. Disponível em: [https://imagens.cpb.com.br/acervos/ra/2016\\_03.pdf](https://imagens.cpb.com.br/acervos/ra/2016_03.pdf). Acessado em: 16 abr. 2026.
- NOVAES, A. M. **O adventismo e a cultura pop**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2017.
- NOVAES, A. M. Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada. **Numen: revista de estudos da religião**, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 38-61, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/uma-breve-historia-da-cultura-visual-adventista-nos-anos-4dd158991t.pdf>. Acessado em: 16 abr. 2026.
- PARROTT, L. **Adolescentes em conflito**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

# O Clube de Desbravadores: relevância e funcionamento dentro das instituições educacionais

O presente artigo tem como objetivo compreender a relevância e o funcionamento do Clube de Desbravadores (conhecido como *Club de Conquistadores* nos países hispanos) dentro das instituições educacionais adventistas, analisando como esse departamento se converte em um apoio poderoso para o cumprimento da missão e para a salvação dos membros da comunidade escolar que precisam entregar suas vidas a Jesus.

A partir de uma experiência pessoal, na qual tive contato com o Ministério Jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Equador e pude exercer o cargo de Diretor de Jovens da Missão Equatoriana do Sul por quatro anos e meio, notei que o modelo de instrução, direção e desenvolvimento proporcionado pelo clube a seus membros é determinante e eficaz. Com isso, a intenção desta pesquisa é entender o funcionamento desse programa para jovens dentro das instituições educacionais adventistas (neste caso específico, na Unidade Educacional Particular Adventista “Cidade de Quito” – UEPACQ). O objetivo primordial continua sendo levar almas aos pés de Cristo, contudo, para a realidade escolar, é necessário modificar e adaptar alguns aspectos do seu funcionamento padrão.

Essa pesquisa levanta, então, a seguinte questão norteadora: qual é a relevância do clube de conquistadores como parte do programa de atividades das instituições educacionais adventistas?

O contexto atual no qual a juventude se encontra imersa requer que se abandonem hábitos e costumes engessados. Como as instituições educacionais adventistas são locais de instrução e evangelismo acadêmico, elas também apresentam as condições ideais para se converterem em espaços de atividades recreativas e de um evangelismo dinâmico, sem fugir dos parâmetros estabelecidos pela IASD.

## ORIGEM DO CLUBE DE DESBRAVADORES

Desde que a humanidade se organizou em sociedade, os jovens sentem a necessidade de pertencer a algo que os defina e os direcione nos eventos relacionados ao seu desenvolvimento. É por isso que distintos grupos juvenis foram fundados ao longo da história, principalmente no século 20.

O movimento escoteiro, fundado por Robert Baden-Powell em 1907, tinha por objetivo dar um senso de pertencimento aos rapazes da Inglaterra. O movimento que começou com vinte jovens em um acampamento, mudou a história da juventude britânica para sempre.

As atividades recreativas do grupo escoteiro logo atraíram a atenção de milhares, a ponto de que, em 1909, o livro *Escotismo para Rapazes* já havia sido traduzido para cinco idiomas, e um encontro escoteiro em Londres atraiu mais de 11.000 participantes (Scouts, 2022, p. 5). Esse aumento de popularidade estendeu-se rapidamente ao redor do mundo, visto que as famílias começaram a notar mudanças importantes no comportamento dos membros, consolidando o clube como uma atividade positiva.

Os jovens adventistas do início do século 20 também foram contagiados pela novidade escoteira, almejando participar de eventos ao ar livre e de diversão saudável. Porém, os princípios bíblicos da IASD encontravam certas dificuldades e conflitos com algumas atividades do escotismo secular.

Embora a igreja já estivesse trabalhando em atividades voltadas para a juventude – tais como o Departamento de Jovens (1907), o Curso de Leitura para Menores (1908), as Sociedades de Juvenis com lições bíblicas (1908), o Ano Bíblico Juvenil (1917) e o Manual de Juvenis (Diniz, 2017) –, essas iniciativas sustentavam perfeitamente as necessidades espirituais, mas careciam do complemento físico que a idade demanda, como o desejo de aventura e o compartilhamento de experiências ao ar livre.

Por isso, em 1911, começaram a surgir movimentos juvenis por iniciativa de diretores locais nas igrejas, que saíam para acampar com os jovens com a intenção de explorar a natureza e, principalmente, dar um enfoque espiritual a essas atividades. Contudo, foi apenas em 1919 que Arthur W. Spalding iniciou um movimento estruturado, conhecido como “os Boy Scouts Missionários de Madison”. Spalding tomou essa decisão influenciado por seu filho, que, após participar de atividades escoteiras, desejava algo similar, mas com princípios cristãos adventistas. Com a ideia posta em marcha, organizaram-se acampamentos de fim de semana com rapazes que sentiam o desejo de explorar e compartilhar o amor de Deus por meio do entendimento da natureza.

Já em 1920, a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia aceitou a proposta de Spalding, que àquela altura já continha alguns dos pilares do futuro Clube de Desbravadores: Voto, Lei, Lema e um manual de instruções sobre o funcionamento do clube. Em 1922, as quatro primeiras classes regulares já estavam estruturadas (Amigo, Companheiro, Camarada e Camarada Líder, hoje conhecidas como Amigo a Guia).

A partir de então, o movimento dos “Voluntários Missionários” (nome oficial da época) foi crescendo gradativamente nas Divisões da Igreja. O pastor John Hancock, que em 1946 atuava como Secretário de Jovens da Associação Sudeste da Califórnia, reconheceu o potencial desses jovens. Observando que em sua região eles se chamavam “Conquistadores”, adotou o nome para torná-lo oficial, dando saltos importantes na criação do emblema (escudo), da bandeira e de outros símbolos vitais.

Finalmente, após vários trâmites, “em 24 de agosto de 1950 a Associação Geral adotou oficialmente o Clube de Conquistadores [Desbravadores] como um programa mundial para toda a igreja. Lawrence A. Skinner foi nomeado Líder Mundial e surgiram manuais para a formação de líderes e clubes” (Diniz, 2017). Desde então, o movimento tem se transformado e se reformado para melhor atender à juventude, sem esquecer a Grande Comissão encomendada pelo Senhor e o desejo de vê-Lo voltar.

## **O CLUBE DE DESBRAVADORES NA ATUALIDADE**

O Clube de Desbravadores é um departamento de alcance mundial, aliado em seu êxito com a juventude, visto que seu enfoque educativo, social, cultural e religioso tem gerado resultados positivos. Mundialmente, contabilizam-se 1.419.130 desbravadores, distribuídos em 61.125 clubes organizados (DSA, 2022).

Na Divisão Sul-Americana (DSA), onde o clube possui presença expressiva, registram-se 13.267 clubes com 354.016 membros ativos (DSA, 2022). Isso evidencia a relevância sociológica e espiritual do clube na América do Sul em que a despeito das diferenças culturais entre as nações, o departamento unifica jovens e adultos sob a premissa de servir a Jesus.

## **FUNCIONAMENTO DO CLUBE DE DESBRAVADORES**

Por iniciativa, objetivo e tradição, o Clube de Desbravadores nasce atrelado a uma igreja local devidamente organizada, com a finalidade de oferecer aos adolescentes e jovens a oportunidade de desenvolvimento holístico. Trata-se também de uma plataforma atrativa para conduzir novos membros a Cristo, já que muitos jovens que rejeitariam estudos bíblicos convencionais acabam conhecendo o evangelho por meio das atividades práticas do clube.

Para existir oficialmente, o clube deve cumprir requisitos administrativos. O manual estabelece que o trabalho é representativo, sendo a diretoria eleita pela comissão da igreja. A estrutura básica é composta pelo diretor (preferencialmente com o grau de Líder/Guia Maior), diretores associados (para rapazes e moças), secretário, tesoureiro, capelão e, por fim, o coração do clube: os conselheiros de unidade.

## **O CLUBE DE DESBRAVADORES DENTRO DE INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS**

As instituições educacionais adventistas são reconhecidas globalmente como centros de excelência. Na Divisão Sul-Americana, a Educação Adventista destaca-se pela qualidade pedagógica, pelas atividades inovadoras e pela forte integração familiar. É nesse contexto que se insere o Clube de Desbravadores escolar. No Equador, aceitou-se o desafio de consolidar a presença do clube dentro das escolas, começando pelo campo da Missão Equatoriana do Norte.

O Clube de Desbravadores “Cidade de Refúgio” foi criado em 2018, na Unidade Educacional Particular Adventista “Cidade de Quito” (UEPACQ), como um projeto escolar de integração cidadã, buscando ser uma alternativa complementar para os estudantes. Apesar de, inicialmente, não ser um clube oficial com registro no sistema eclesiástico, o projeto funcionava com os mesmos parâmetros operacionais, proporcionando aventuras, fomento de valores e senso de camaradagem.

O Conselho Executivo, encabeçado pela professora Patricia Navarrete (reitora da instituição), aliado à iniciativa do pastor José Napa, aprovou a implementação do grupo. Com o apoio do corpo docente, de pais e de jovens

do projeto OYIM (*One Year in Mission*), o clube iniciou com trinta membros ativos. Expandindo as atividades para além dos muros da escola, realizaram seu primeiro acampamento no parque Jerusalém, um sucesso absoluto para um projeto piloto educacional que atendeu a aspectos sociais, acadêmicos e espirituais, culminando em uma colheita de novos conversos batizados no fim do ano.

Para 2019, a meta tornou-se mais ambiciosa: preparar o grupo para participar do Campori Sul-Americano no Brasil. Considerado o clube representante das instituições educacionais do Equador no evento, a iniciativa atraiu novos integrantes. Buscou-se adaptar o máximo de requisitos de um clube eclesialístico tradicional para a realidade escolar. Os cadernos de classes e as especialidades começaram a ser ensinados nas horas acadêmicas. O grupo iniciou aquele ano com trinta desbravadores (de dez a quinze anos) e conseguiu até mesmo formar uma fanfarra (banda marcial escolar) com a participação de todos os ativos, além de cumprir atividades do calendário da Missão, como o projeto *Impacto Esperança* e o Campori Regional.

Em 2020, o clube manteve o ritmo, planejando saídas, especialidades e cadernos de classes, contando com a ajuda de departamentais e instrutores, totalizando trinta e cinco integrantes. Com a pandemia da COVID-19, as atividades físicas foram paralisadas, mas o clube rapidamente migrou para reuniões virtuais, encontrando um novo mundo a explorar.

Em 2021, de forma híbrida, as atividades foram retomadas. Com trinta e oito desbravadores (de dez a quinze anos) e dezoito pais ativamente envolvidos, as reuniões voltaram a ocorrer em espaços abertos. Cerimônias de admissão em lenço e entrega de especialidades e insígnias foram realizadas rigorosamente. A veia missionária manteve-se ativa com a distribuição de livros nos arredores da escola e doação de alimentos a necessitados, sempre respeitando as medidas de biossegurança. Neste mesmo ano, o clube despediu-se do seu mentor, o Pastor José Napa, e recebeu um novo líder para dar continuidade a esse formato diferenciado de atuação.

A experiência de fundação e implementação do Clube de Desbravadores “Cidade de Refúgio” na UEPACQ serviu como ponto de partida e inspiração.

Prova disso é que, em 2019, das sete instituições educacionais pertencentes à Missão Equatoriana do Norte, quatro já haviam abraçado o desafio de abrir os seus próprios clubes escolares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação aqui proposta respondeu positivamente à questão levantada, evidenciando que o Clube de Desbravadores se mostra relevante dentro das instituições educacionais adventistas. As escolas são um verdadeiro “celeiro” de crianças, adolescentes e jovens. Considerando que a filosofia da educação adventista é redimir a imagem de Deus no estudante, poucas ferramentas são tão eficazes quanto o Clube de Desbravadores para promover um crescimento físico, mental e espiritual de forma prática, ajudando o indivíduo a descobrir a si mesmo e a Deus.

Trata-se, definitivamente, de uma ferramenta útil para o cumprimento da missão. Embora o clube tenha nascido para suprir uma necessidade das igrejas locais, ele pode e deve ser adaptado às demandas organizacionais, estruturais e escolares. O Clube de Desbravadores, quando inserido no ambiente escolar, apresenta maior facilidade para o engajamento dos pais, por serem familiares que tendem a demonstrar um compromisso mais acentuado com a rotina educacional de seus filhos.

O Sistema de Gerenciamento de Clubes (SGC) da Divisão Sul-Americana deveria considerar um tratamento especial para o registro de clubes escolares, partindo do fato de que nem toda instituição educacional possui uma igreja física no local. O Conselho Executivo da instituição (Reitor, Vice-reitor e Capelão) é quem executa e integra a diretoria do clube. O registro de diretores, conselheiros e docentes (que muitas vezes são membros de outras congregações locais) deve ser facilitado pelo SGC como membros do clube escolar.

Ademais, as atividades anuais de um clube institucional não podem seguir estritamente as datas de um clube de igreja, pois o seu planejamento está atrelado ao ano letivo. No Equador, por exemplo, o regime letivo do litoral é diferente do regime da serra. Do ponto de vista do Ministério da Educação do Equador, o clube atua como um projeto de vinculação com a sociedade, sendo

uma atividade extracurricular. Portanto, ele não pode ser sobrecarregado ou tornado obrigatório (como parte da avaliação escolar). O espírito voluntário deve ser mantido para criar um ambiente de “escape” saudável da rotina escolar, focado na recreação e no aprendizado.

No futuro, será essencial a criação de um manual instrutivo detalhado, focado exclusivamente no funcionamento de Clubes de Desbravadores em instituições educacionais adventistas. A elaboração de um calendário específico, aliado a treinamentos direcionados para diretores e conselheiros que atuam em escolas, fortalecerá a identidade global dessa modalidade, garantindo que o Clube de Desbravadores Escolar atinja o seu pleno potencial evangelístico e formativo.

## REFERÊNCIAS

---

DINIZ, R. La historia del Club de Conquistadores. **Defensa Adventista**, 14 jun. 2017. Disponível em: <https://defensaadventista.org/la-historia-del-club-de-conquistadores/>. Acessado em: 18 abr. 2026.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA (DSA). **Encontre um clube:** estatísticas. Brasília: DSA, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://clubes.adventistas.org/es/DSA>. Acessado em: 18 abr. 2026.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA (DSA). **Manual administrativo do clube de desbravadores**. Brasília: DSA, 2013.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA (DSA). **Sistema de gestão de clubes**. Brasília: DSA, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://sg.sdasystems.org/cms/login.php?lang=esp>. Acessado em: 18 abr. 2026.

SCOUTS. **La historia del movimiento scout**. Organização Mundial do Movimento Escoteiro, 2022. Disponível em: <https://www.scout.org/es/node/9691>. Acessado em: 18 abr. 2026.

# A importância do planejamento e da liderança como fator de sucesso no ministério dos desbravadores

O processo da formação de líderes é um conjunto de medidas em que as ferramentas utilizadas para se obter êxito proporcionam ao Clube de Desbravadores um ambiente onde se desenvolvem os dons espirituais e a preparação para uma vida de grandes expectativas, tanto terrena quanto na esperança da eternidade. É de fundamental importância que formas estratégicas de liderança para com juvenis e adolescentes se tornem um diferencial no Ministério dos Desbravadores e demais segmentos, contribuindo para a formação de líderes das próximas gerações. Porquanto, é no desenvolvimento das atividades que se deve conscientizar cada juvenil de sua responsabilidade como verdadeiro servo na obra do Senhor. Desse modo, o Ministério dos Desbravadores, de forma estratégica, viabiliza a identificação dos tipos de liderança e o perfil de futuros líderes.

Sob esse panorama, este ensaio oferece uma proposta que visa entender até que ponto a preparação de líderes para as próximas gerações contribui como fator de sucesso no Ministério dos Desbravadores. Sua base familiar, vida em comunidade e práticas religiosas podem influenciar na formação de sua liderança?

Um princípio basilar para a liderança dos ministérios pode ser ilustrado a partir da história do Êxodo. Quando Deus chamou os filhos de Israel para fora do Egito e os escolheu como seu povo próprio, proporcionou-lhes um impressionante sistema de organização; a forma mais correta desta organização é baseada nos princípios divinos, pois “método e ordem manifestam-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo” (White, 2008, p. 26). É evidente que, em nossas comunidades, existem indivíduos que possuem chamado semelhante aos líderes de Israel; são pessoas dotadas de sensibilidade humana e, ao mesmo tempo, de senso para a organização e ordem.

A ação dos líderes de desbravadores frente aos seus subordinados pode ser sintetizada para que as futuras decisões, ao diagnosticarem a situação presente, proporcionem maior segurança ao líder de desbravadores em transmitir, com equilíbrio, uma visão futura bem planejada para a formação de uma liderança para as novas gerações. Neste caso, o planejamento possibilita prever, antes mesmo da execução da tarefa, a simulação prévia por

meio de dados e acontecimentos incompletos. Nessa perspectiva, este artigo tem a finalidade de desenvolver e proporcionar aos líderes de desbravadores maior organização e visualização de sua liderança, contribuindo, assim, para alcançar alvos e objetivos no departamento – sendo a prática do planejamento uma vantagem em favor de seu ministério. Para alcançar tal objetivo, foram identificados pontos estrategicamente essenciais de planejamento para que o sucesso na liderança possa ser alcançado.

A análise dos fatos e as considerações do estudo foram feitas por meio da pesquisa bibliográfica e têm por objetivo verificar o fornecimento de diretrizes que contribuirão para as melhorias e tomadas de decisão na busca por meios e métodos que proponham maior atenção para à solução de problemas existentes na área dos desbravadores. Esse diagnóstico da situação atual do ministério dos desbravadores e o processo de formação de novos líderes possibilitarão um gerenciamento prévio para a execução das tarefas.

O ministério dos desbravadores proporciona a aproximação de juvenis em fase de crescimento e dotados de habilidades para o desenvolvimento de uma formação capaz de ser potencializada no cuidado das novas gerações. A responsabilidade amplia-se ao considerar a possibilidade de tornar eficaz o monitoramento e a formação na realização dos requisitos práticos e teóricos dentro do campo local de atuação.

Há uma preocupação por parte da liderança superior e metas propostas pela organização no que diz respeito ao cuidado com as novas gerações. Essa demanda por novos líderes que não possuam somente talentos, mas que dediquem tempo e recursos e estejam prontos para o treinamento, facilitará o encontro de oportunidades para romper com estruturas rígidas no perímetro de trabalho. A liderança é, primariamente, de natureza espiritual, fator que motiva o aperfeiçoamento da pesquisa.

## LIDERANÇA: ESTILO E EXEMPLO BÍBLICO

De acordo com Reis (2003, p. 13), ao definir liderança, é possível pensar que liderar é tanto um talento natural como um dom espiritual. Um talento natural é uma capacidade dada por Deus para se fazer bem alguma coisa. Já

o dom espiritual é a capacidade dada por Deus, com significado espiritual, que auxilia a igreja a cumprir sua missão neste mundo. Liderança é conduzir por um caminho, colocando-se à frente – é a ocupação de construir pontes de onde estamos para onde gostaríamos de estar.

Maxwell (2003) menciona que, para o marechal de campo britânico Bernard Montgomery, a liderança pode ser compreendida como a aptidão e o interesse em congregar indivíduos em torno de um propósito compartilhado, fundamentada em um caráter que desperte credibilidade. Na perspectiva de Harry Truman, o exercício da liderança envolve a capacidade de motivar pessoas a executarem tarefas que, inicialmente, não despertariam nelas inclinação ou agrado. Fred Smith, complementarmente, define liderança essencialmente como influência, pressupondo que a ausência de impacto nos pensamentos e nas ações alheias descaracteriza a figura do líder.

Nesse contexto, a liderança é responsável por estabelecer o padrão de atuação, seja em âmbito corporativo, eclesial ou familiar, de modo que a efetividade da gestão é proporcional à elevação desses critérios. Sendo assim, a máxima popular confirma seus efeitos, ela assevera que a manutenção de métodos e comportamentos inalterados tende a gerar, invariavelmente, os mesmos resultados, o que reforça a necessidade de uma liderança dinâmica e transformadora (Maxwell, 2003). Note que, “o desempenho das pessoas é fortemente afetado por nossas expectativas em relação a elas” (Hiam, 2004, p. 180), no entanto, a liderança pode ser aprendida, porque todos nós temos um potencial que pode ser desenvolvido até chegarmos a ser grandes líderes.

De acordo com Warren (2008), não existem líderes natos; as pessoas convertem-se em líderes pela forma como respondem às circunstâncias. Os líderes se levantam ou caem segundo as decisões que tomam. Se queremos ser bons líderes, precisamos desenvolver uma mensagem digna de ser lembrada, ter um estilo de vida digno de consideração e ter uma fé digna de ser imitada. Jesus investiu o máximo de tempo naqueles que carregavam o máximo de responsabilidades; alimentou as multidões, mas passou parte do seu tempo dedicando-se a treinar líderes, porque a liderança pode ser aprendida. Quando deixarmos de aprender, deixaremos também de ser líderes. Para sermos

eficazes, precisamos nos desenvolver, crescer e nos converter continuamente ao que Deus quer que sejamos. O Senhor tem um propósito para a vida de todos aqueles que se colocam à sua disposição, para que nossa influência seja uma inspiração a outros, a fim de alcançarmos o sucesso que almejamos.

Para que haja liderança, são necessários três elementos: “um líder, um grupo e uma situação” (Reis, 2003, p. 15). A necessidade de líderes é constante; o que aconteceu em uma estação de metrô em Nova Iorque, ilustra isso:

Uma mulher prendeu o pé entre um dos carros do metrô e a plataforma. imediatamente, ao perceber a situação, o caixa de um dos guichês dirigiu-se ao local, mandou que todos os passageiros descessem do carro e ordenou-lhes que se colocassem ao lado do mesmo. sob sua ordem, todos o empurraram ao mesmo tempo, de modo que o carro inclinou-se o suficiente para que a mulher se livrasse. esse é um exemplo da necessidade de liderança (Reis, 2003, p. 15-17).

A liderança faz parte de nossa sociedade e da própria humanidade. Ser líder é ser um condutor de pessoas; conduzir com amor para o crescimento integral de seus liderados. Somos condutores do povo de Deus, conscientes e amadurecidos na fé, buscando o pleno conhecimento de Cristo em nossas vidas. A Bíblia apresenta diversos exemplos de jovens que se tornaram verdadeiros líderes do povo de Deus. Para Ferrari (2009), José, que, embora jovem, governou o Egito como um grande líder, revolucionou a economia, salvou o Egito, os povos vizinhos e sua própria família. Qual foi a fórmula do sucesso de José? José enxergava todas as situações à sua volta como novas oportunidades.

Sob essa ótica, por intermédio de Ferrari (2009), podemos extrair algumas lições da história de José: 1) saber contar os sonhos de forma apropriada, isto é, ter discernimento para contar o que há de secreto para a pessoa certa, no momento adequado; 2) o caminho da prosperidade escolhido por Deus é coroar com bênçãos e êxito a dedicação, a persistência e a competência;

3) como um bom Pai, Deus ensina e dá oportunidades que sirvam para o nosso crescimento; 4) não desistir, mesmo quando os sonhos insistem em não acontecer; os valores devem ser colocados acima dos sonhos – não vale a pena realizar os sonhos por um caminho ilegal, que fira a ética ou os valores; 5) deve-se reconhecer a bênção divina e atribuí-la a Ele; 6) é necessário confiar em Deus em qualquer circunstância, até na escravidão; 7) Deus está no controle de tudo e sempre cumpre suas promessas.

A história de José mostra que Deus está no controle de toda e qualquer situação, mesmo quando elas parecem difíceis aos nossos olhos. Em consonância com as asserções acima, Hybels (2002) destaca a integridade de José, quando declarou que via sua liderança como uma administração sagrada, pela qual ele iria algum dia prestar contas a Deus. Dessarte, José possuía o tipo de integridade que leva à autoridade moral, e a manteve por toda a sua vida. Do mesmo modo, nossa liderança precisa ser caracterizada pela direção divina a cada momento e em todas as nossas decisões.

## O PERFIL DO LÍDER QUE PLANEJA

Segundo Maxwell (2003), os verdadeiros líderes sentem que foram chamados para estar em uma posição de grande responsabilidade. Sendo assim, eles começam a perceber que diante deles encontram-se desafios, metas ou algum movimento que os impulsionará a atingir seus ideais. O sentimento forte de vitória supera os obstáculos no caminho, permitindo que cada um continue em sua trajetória. As qualidades desses líderes são duradouras; eles se destacam, geram outros líderes e vão além daquilo que é comum, normal ou habitual. Toda esta confiança é adequada ao trabalho que desenvolvem. Podemos assim perceber que o perfil do líder que planeja pode ser visto de diversas formas.

## VISÃO

Obter uma visão clara do ministério, compreender as pessoas, suas necessidades, percepções e crenças pode dar o equilíbrio necessário – que é uma das responsabilidades do líder – e, com isso, ele aumenta as perspectivas no presente para aquilo que se pretende alcançar no futuro. Conforme descrito

por Lacombe e Heilborn (2003), o líder deve cultivar a seriedade e a serenidade como virtudes capazes de elevar a autoridade, evitando demonstrar pânico frente a situações adversas.

A visão é o ponto de partida de um verdadeiro ministério. Para um líder cristão, a visão não é apenas uma opção. Uma pessoa é escolhida por Deus para fazer o povo dEle avançar: 1) compartilhando a vontade de Deus quanto a esse povo; 2) moldando-os para formarem uma verdadeira comunidade; 3) participando no trabalho do evangelho. A visão faz parte das batidas do coração de um líder; é o discernimento que motiva suas ações, molda sua maneira de pensar, define sua liderança e dita seus pontos de vista sobre um ministério bem-sucedido. Todo esforço é, sem dúvida, significativo para alcançar o sucesso desejado. O grande segredo é captar a visão de Deus para o seu ministério, como um verdadeiro mordomo de tudo quanto Ele confiou.

## **INICIATIVA**

Segundo Fullmann (2010), a iniciativa é ver a oportunidade. É acreditar nela, traçar um rápido plano mental, encher-se de força e coragem, correr o risco e fazer acontecer. Muitos podem considerar como loucura certos atos, principalmente os que esperam ser empurrados, os que querem receber tudo sem o mínimo esforço, sempre culpando os outros por seus fracassos. Uma equipe é reflexo de seu líder. Logo, para que a equipe vise o sucesso, cabe ao líder a iniciativa de motivar-se e, simultaneamente, estimular os demais. Nosso desempenho melhora quando ouvimos nossa intuição, agimos com bom senso e planejamos nossas atitudes dentro da lógica determinada pela liberdade que possuímos. No papel de líder, cabe-nos a iniciativa de valorizar o indivíduo como o executante. Como líderes, podemos planejar nosso futuro e trabalhar por ele, ativando todas as nossas forças físicas, mentais e espirituais. Cada passo será uma realização, cada momento uma nova alegria, cada conquista uma nova felicidade. Nossa liderança terá sucesso se mantivermos o compromisso com o ideal que estabelecemos.

Ao caminharmos com este foco junto com o grupo que estamos liderando, deixaremos um legado aos liderados e despertaremos a iniciativa de novos

líderes para comandar um grande exército de desbravadores que, quando treinados e preparados, se tornam um instrumento poderoso para a salvação de toda a humanidade.

## **ENTUSIASMO**

De acordo com Shinyashiki (2010), um bom líder deve transmitir confiança e entusiasmo. Muita gente, mesmo em situações críticas, consegue ter paz no coração e atravessar o oceano de angústia com um sorriso no olhar; ao passo que indivíduos com todo o tipo de conforto não encontram estímulo para sair da cama. As pessoas sempre se inspirarão em nós, mesmo que às vezes não saibamos. Se desanimarmos, elas também desanimarão. Se lutarmos com bravura, todos vão seguir o nosso exemplo. Chorar em um momento de infortúnio é normal, mas ficar chorando a vida inteira pode soar como um gosto por aquilo que é doloroso e triste. Podemos sentir-nos felizes quando vemos os líderes trabalhando junto à equipe com fé e determinação, pois esse compromisso incendeia todo o grupo a superar os obstáculos com certeza e coragem.

## **CONSAGRAÇÃO**

Reis (2003) destaca esta qualidade do perfil do líder: uma vida consagrada de completa entrega, sem reservas, declara que o Senhor passa a ser o principal Senhor da vida. É por meio da comunhão que descobrimos, com o passar do tempo, que conhecer as Escrituras é, na verdade, reconhecer também nossas fraquezas, pecados e áreas da vida que ainda não foram entregues totalmente a Deus – como as relações familiares, o trabalho, a recreação, a vida sexual e os bens materiais, entre outros. Todavia, o que Deus espera é que lhe entreguemos todas essas áreas de nossa vida. Somente por meio da graça de Cristo é possível vencer os pecados e ser um líder de Deus. Jesus foi o grande exemplo de alguém que convidava seus ouvintes a uma entrega total. Não podemos amar mais as coisas do que a Cristo; um mau hábito, um vício, um pecado – qualquer coisa – deve ser abandonado, pois é isto que Deus espera de um líder: uma vida de consagração ao Senhor.

## PERSEVERANÇA

Segundo Reis (2003), os que possuem capacidade de perseverar vislumbram no futuro a realização de todo o esforço feito para alcançar os seus sonhos. Mesmo a despeito de circunstâncias negativas, a perseverança é essencial para superar os diversos obstáculos e o próprio desânimo que surgem a cada dia, mas que precisam ser enfrentados. Cada momento difícil que enfrentamos – como tragédias, derrotas e crises – deve ser visto como uma oportunidade para nos desvencilharmos de hábitos de vida que nos têm levado ao fracasso, e para nos despertar para conhecermos um novo estilo de vida que resulte em êxito.

## IMPORTÂNCIA E RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO

Segundo Lacombe e Heilborn (2003), no mundo em que vivemos não se pode mais querer aventurar-se e, ao mesmo tempo, esperar pelo sucesso imediato. O planejamento, no entanto, torna-se essencial. Aquele que não prevê os acontecimentos a longo prazo expõe-se a infelicidades próximas, “a ideia fundamental é a de que, ao pensar-se com antecipação, os problemas podem ser vistos e evitados, e as oportunidades podem ser identificadas para que delas se tire o máximo de vantagem” (Barna, 1997, p. 90).

Ao planejarmos, cada um tem o senso de pertencer a um grupo; em qualquer tempo servirá de orientação e, ao ser aceito, torna-se um compromisso para agir. Aqueles que se envolvem em planejar também se envolverão em executar, dando indícios de que pertencem a uma organização; sendo orientados ao trabalho de maneira mais efetiva, temos a capacidade de perceber os recursos que necessitamos e possibilitamos ao grupo fazer com que as coisas realmente aconteçam, ao invés de simplesmente esperar que aconteçam. O grupo é ajudado a olhar para frente e perceber possíveis problemas futuros, de modo que se prepare para evitá-los e, ao mesmo tempo, resolvê-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um líder para as novas gerações caminha na direção de executar e seguir etapas que possam discernir, de forma real e objetiva, a realidade do contexto em que

vive, interna e externamente. Para isso, é necessário pensar de forma estratégica, com uma visão diferente de tudo o que antes pensávamos ser o melhor caminho. Isso requer mudança de postura para ajudar e viabilizar a construção de um plano futuro, tendo como ferramentas as possibilidades humanas. As bases influenciadoras que contribuem de forma positiva para a formação deste novo líder podem favorecer a adaptação no cumprimento de etapas e motivar para enfrentar os desafios e quebrar os paradigmas existentes – passando o planejamento a ser usado com mais eficiência, em constante aperfeiçoamento e desenvolvimento da visão, e principalmente da consagração como ponto favorável na execução dos planos que se pretende pôr em prática, aplicando com energia o conhecimento para o sucesso de sua liderança no ministério com os desbravadores.

## REFERÊNCIAS

---

- BARNA, G. **O marketing a serviço da igreja**. São Paulo: Abba Press, 1997.
- FERRARI, R. **Mestres da liderança**: aprenda a liderar com grandes personagens da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- FULLMANN, C. **Líder com iniciativa**. Lidera Online, 22 out. 2010. Disponível em: <http://www.lideraonline.com.br/artigo/43345-lider-com-iniciativa.html>. Acessado em: 26 abr. 2026.
- HIAM, A. **Liderança para gerentes e executivos**. Tradução de Júlio Monteiro de Oliveira. São Paulo: M. Books do Brasil, 2004.
- HYBELS, B. **Liderança corajosa**. São Paulo: Vida, 2002.
- LACOMBE, F. J. M.; HEILBORN, Gilberto Luiz José. **Administração**: princípios e tendências. São Paulo: Saraiva, 2003.
- MAXWELL, J. C. **Seja o líder que todos querem ter**: usando o seu carisma para motivar pessoas. Tradução de Débora Pirola Antônio. São Paulo: Sepal, 2003.
- REIS, E. **Aprenda a liderar**: princípios e procedimentos de liderança aplicados à igreja. São Paulo: Privilégio Artes Gráficas, 2003.
- SHINYASHIKI, R. **Um bom líder deve passar confiança e entusiasmo**. UOU, 22 out. 2010. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/vyaestelar/bom\\_lider.htm](http://www2.uol.com.br/vyaestelar/bom_lider.htm). Acessado em 10 abr. 2026.
- WARREN, R. **Liderança com propósitos**. Tradução de Jorge Alberto Russo. São Paulo: Vida, 2008.
- WHITE, E. G. **Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos**. Tradução de Renato Bivar. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

# A importância do Clube de Aventureiros na terceira infância: contribuições para o desenvolvimento humano

O Clube de Aventureiros é um programa promovido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia para crianças de seis a nove anos. O objetivo principal desse programa é desenvolver os aspectos físico, mental, espiritual, social e até mesmo cultural dos meninos e meninas, em um ambiente seguro e agradável.

A proposta do Clube de Aventureiros é atender as crianças nessa faixa etária, ajudando-as no desenvolvimento do caráter, da mente e da personalidade dentro dos princípios cristãos. É de total importância o incentivo da família e dos amigos para que a criança participe do clube.

A maior parte do aprendizado infantil ocorre durante a interação social na escola. Antes disso, as crianças têm, no núcleo familiar, a ideia do mundo como um todo, apresentada, principalmente, por seus familiares. No entanto, ao entrarem em contato com outras pessoas que não fazem parte desse núcleo familiar, elas passam a integrar um ambiente sociocultural mais amplo e podem desenvolver novos conhecimentos – tanto em termos cognitivos como de convivência em sociedade (Santos *et al.*, 2021).

Refletir sobre as necessidades psicossociais dessa fase, além de outros fatores que podem ou não ser considerados parte do que compreende o desenvolvimento normal, torna-se necessário para que não haja dificuldades ao longo do desenvolvimento dessas crianças. As mesmas, além de estarem passando por mudanças corporais, também estão estruturando, organizando e mudando seu modo de pensar, o que conseqüentemente interfere no desenvolvimento de sua personalidade (Santos *et al.*, 2021).

Piaget estabelece que o desenvolvimento cognitivo da criança acontece ao longo de quatro etapas, todas com o mesmo valor no desenvolvimento infantil. Portanto, o crescimento cognitivo e psicossocial infantil acontece no período que compreende a primeira, segunda e terceira infância. A infância é um período extremamente sensível e delicado, em que ocorrem fortes influências de elementos externos, em especial os decorrentes da alimentação, dos cuidados afetivos ou dos estímulos do ambiente onde a criança vive. Considerando todos os aspectos relevantes no desenvolvimento da criança, o Ministério de Aventureiros possui todas as ferramentas cabíveis para promover o crescimento infantil em todos eles.

Atualmente, as crianças já nascem conectadas e vivem rodeadas de tecnologias e aparatos modernos. A geração Alpha teve início no ano de 2010 e vai até 2025, segundo cientistas. Nos últimos anos, as mudanças vêm se tornando cada vez mais rápidas e intensas, levantando o questionamento de como se deve educar essas crianças neste mundo tão conturbado e diferente.

Para as crianças, a tecnologia e o celular ficam na esfera de recursos utilizados somente como dispositivos mediadores para o acesso, uso e compartilhamento de conteúdo e possibilidades de comunicação e interação. As crianças Alpha entram mais cedo no ambiente escolar e estudam por mais tempo, fato que impacta o modo como aprendem (Furtado, 2019).

As crianças naturalmente precisam de espaços de lazer para que possam prosseguir em seu processo de desenvolvimento cognitivo e social. É de conhecimento geral que o lazer é benéfico para o aprendizado, o processo de socialização e o crescimento cognitivo e psicossocial infantil (Lopes, 2018).

O objetivo deste trabalho é apresentar uma visão geral sobre a importância do Clube de Aventureiros na terceira infância, constituindo-se como alicerce para posteriores estudos relacionados ao processo sociocultural e à construção do intelecto infanto-juvenil.

## **A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL NA TERCEIRA INFÂNCIA**

É um fato inquestionável que a vida é permeada de mudanças. Embora cada indivíduo possua suas particularidades, em geral, a sequência de desenvolvimento é a mesma. Dentre os oito períodos principais do ciclo vital, a terceira infância é o momento em que acontecem inúmeros fenômenos intrínsecos: o crescimento diminui; força e habilidades aumentam; algumas doenças são comuns; a imunidade pode ser relativamente baixa; as crianças começam a pensar de maneira lógica; as habilidades de memória aumentam; o desenvolvimento cognitivo se acentua; o autoconceito torna-se mais complexo; e os amigos assumem grande importância.

Essa etapa abrange dos seis aos doze anos de idade, também chamada de anos escolares, pois a escola é o ponto central nessa fase. É nesse período

que as crianças desenvolvem competências em todas as áreas da vida. Os avanços na criatividade, na forma de pensar, na leitura e na interpretação são facilmente observáveis. É nessa fase também que os laços afetivos são formados e aperfeiçoados. Os grupos de amigos começam a surgir e, ao mesmo tempo, podem se desfazer, porque o pensar, o agir e a forma de ser ainda não estão consolidados.

Compreende-se como período de latência a etapa em que a criança começa a querer agradar os pais, aperfeiçoando assim o conhecimento mútuo e aprimorando a capacidade dos pais no desempenho da função de guias e conselheiros (Zukowski, 2020). É nesse momento também que há um pico no desenvolvimento emocional e cognitivo.

A criança não somente lembra os fatos acontecidos, mas é igualmente capaz de recordar os sentimentos que acompanharam cada situação – por exemplo, uma viagem, um acidente ou uma visita. Tanto se registram nessa idade os detalhes da duração da viagem, ou a gravidade do ferimento, ou o que foi dito ou feito, como também tudo o que foi sentido (Zukowski, 2020).

Vale ressaltar que, nessa fase, as habilidades, as emoções, a curiosidade e o desejo de fazer atividades rotineiras são aguçados. É a fase em que os hábitos se formam e se estendem pelo resto da vida. Porém, embora sejam extremamente conscientes sobre seus atos, os pequenos ainda têm dificuldade para compreender determinados fatos.

Fazer parte de um grupo organizado pode intensificar o senso de responsabilidade e desenvolver a confiança da criança. Em clubes ou equipes de atletismo, uma criança pode assumir sua parte nas decisões e aprender a ser confiável na execução do que lhe cabe, participando das reuniões, dos ensaios ou das sessões práticas, além de realizar projetos especiais. Num grupo, a criança sente-se obrigada perante seus companheiros de turma ou de equipe e começa a compreender o que significa ser responsável na comunidade mais ampla (Zukowski, 2020).

Assim como é de suma importância implementar e orientar o cumprimento de regras nos primeiros anos de vida, é imprescindível manter o padrão até a terceira infância. Portanto, os pais precisam ser prudentes na atribuição

de responsabilidades aos filhos, com o intuito de prepará-los para fases posteriores e, assim, poder contribuir positivamente no âmbito social em que estão inseridos.

## **A INFLUÊNCIA DO CLUBE DE AVENTUREIROS E A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO**

O Clube de Aventureiros foi criado com o objetivo de auxiliar pais, mães e responsáveis na tarefa de desenvolver os aspectos físico, mental, espiritual e social de suas crianças. É importante que haja apoio e acompanhamento dos aventureiros, tanto moral quanto financeiro. O aventureiro é uma criança que está cursando entre a 1ª e a 4ª série (de seis a nove anos). Embora muitas características sejam típicas dessa faixa etária, cada aventureiro é especial e único.

Vale ressaltar que o Clube de Aventureiros garante oportunidades criativas com o propósito de fazer a criança desenvolver um caráter semelhante ao de Cristo; experimentar a satisfação e a alegria de realizar coisas da maneira certa; expressar naturalmente seu amor por Jesus; aprender como ganhar e como perder nos esportes, e fortalecer sua capacidade de colaboração e convivência; descobrir seus dons e habilidades espirituais e aprender a utilizá-los em benefício próprio e no serviço dos semelhantes; descobrir o mundo de Deus; melhorar sua compreensão dos fatores que contribuem para uma família unida e forte; desenvolver o hábito de ajudar os pais; desenvolver suas aptidões físicas, mentais e sociais; desenvolver sua criatividade; e desenvolver hábitos saudáveis (Brum; Vargas, 2016).

A criança aprende que deve andar nos caminhos de Cristo, amar e respeitar o próximo e que deve estar sempre disposta para as atividades dentro e fora do Clube. A organização também se concentra no aprendizado da Bíblia: por meio do estudo diário das Escrituras, os pequenos aprendem a ter um relacionamento íntimo com Deus e a se preparar para a volta de Cristo. O Clube também tem o objetivo de fortalecer o relacionamento entre pais e filhos, e de formar um tripé muito importante: igreja, família e escola.

O desenvolvimento linguístico, motor, físico, socioemocional e cognitivo é inquestionável na forma como fomos criados e na maneira como, muitas

vezes sem perceber, nos propomos a interagir com as crianças pequenas rumo a uma vida mais autônoma, livre, autorregulada e mais enquadrada nos valores e princípios de cada época – princípios que operam no interior de instituições e organizações envolvidas na educação de crianças pequenas (Almeida, 2019). O desenvolvimento não é outra coisa senão o processo pelo qual a criança desvela, liberta, desenterra a realidade natural escondida de si.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2008), o desenvolvimento mental é considerado uma construção contínua, caracterizado pelo surgimento gradativo de estruturas que organizam a atividade mental e se aperfeiçoam e solidificam até desenvolverem-se completamente, gerando um estado de equilíbrio referente aos aspectos da inteligência, da afetividade e da socialização.

Compreende-se que o desenvolvimento é um processo contínuo ao longo da vida e que cada parte do ciclo apresenta suas próprias características. Dessa forma, esse item está subdividido em duas grandes fases do ciclo vital humano: infância e adolescência (Piovesan *et al.*, 2018).

Em relação aos aspectos psicossociais na terceira infância, a autoestima liga os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da personalidade; assim, a autoestima, ou o valor próprio, depende do quanto a criança acredita ser competente e do apoio social que recebe. Nessa fase, a cultura é forte fonte de influência nos relacionamentos da criança e nos papéis familiares. Embora a criança passe mais tempo com seus colegas nesse período, o relacionamento com seus pais continua sendo o mais importante (Piovesan *et al.*, 2018).

Ainda que haja consenso de que a família é indispensável, ela não deve ser a única responsável pela formação integral das crianças. O Clube de Aventureiros oferece muitos benefícios para o desenvolvimento infantil, de modo que pode compartilhar parte da responsabilidade pelo amadurecimento de vários aspectos da criança, incluindo o caráter.

Dentre os métodos utilizados para trabalhar essas questões estão as classes. Identificadas por um nome e insígnia característica, elas proporcionam conhecimento, promovem a compreensão dos ideais do Clube, e incentivam um relacionamento espiritual crescente e frutífero com Deus.

Cada classe é destinada às crianças de uma idade específica e foi elaborada de modo a estar adaptada à capacidade de realização típica daquela faixa etária. Cumprindo satisfatoriamente todos os requisitos da classe, a criança conquista o distintivo correspondente, que lhe é entregue numa cerimônia especial de investidura.

Os aventureiros também defendem ideais, os quais são constantemente reforçados tanto pela repetição, quanto por meio de momentos de reflexão, histórias, jogos, concursos, atividades, brincadeiras e outros recursos

### **A IMPORTÂNCIA DO CLUBE DE AVENTUREIROS E A GERAÇÃO ALPHA**

O rápido desenvolvimento da tecnologia nos aparelhos telefônicos móveis transforma o smartphone no gadget mais proeminente e de maior complexidade tecnológica do cenário atual. O smartphone é a porta de entrada para as informações e a conexão com tudo ao redor, principalmente para a geração Alpha, que não conhece o mundo sem a tela *touch screen* (Furtado, 2019).

Com esse avanço tecnológico, é quase impossível prever o que ainda está por vir. Alguns cientistas afirmam que em 2045 as máquinas terão capacidades próprias, o que especialistas chamam de “singularidade das máquinas” – quando as máquinas poderão realizar tarefas sozinhas, muito melhor e mais rapidamente que qualquer ser humano (Furtado, 2019).

É notório que essa geração aprende enquanto se diverte, joga e interage em ambientes informais, sem professor, sem os pais: por conta própria. É o aprendizado informal que acontece pela web. Apesar de estarem inseridas no lazer e sem relação com o currículo escolar, essas práticas e informações são extremamente relevantes e estão ligadas às novas formas culturais da geração Alpha. Porém, o consumo de conteúdo supérfluo e o entretenimento vazio são problemas para a maioria das crianças e jovens das últimas gerações (Furtado, 2019).

Com isso, é necessário mediar o uso dos aparatos tecnológicos. O Clube de Aventureiros, além de inserir a criança em um novo mundo de ideias e valores que ajudam no desenvolvimento intelectual e social, também trabalha a conscientização tanto dos pais quanto dos aventureiros a respeito do

manuseio adequado das ferramentas, visando filtrar informações e direcionar um uso que seja benéfico.

O Clube também conscientiza sobre a necessidade de estabelecer limites no que diz respeito ao uso das tecnologias, e insere a criança em um contexto no qual ela desenvolverá habilidades manuais e intelectuais que a farão entender que o brincar também deve fazer parte do seu cotidiano.

O ato de brincar trabalha o desenvolvimento em diversos aspectos, e um deles está relacionado à interação social. Para a criança, o momento de brincar é também aquele em que ela é vista como igual: pode tomar decisões, expressar seus sentimentos, explorar o mundo sem seguir as regras dos adultos, fazer novos amigos, trabalhar a autonomia para resolver problemas, entender a necessidade de seguir regras e melhorar a comunicação verbal. Por isso, as brincadeiras são tão importantes (Santos *et al.*, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Clube de Aventureiros é de total importância no desenvolvimento humano. As atividades desenvolvidas nas reuniões facilitam o aprendizado da criança e, sobretudo, ajudam-na a desenvolver-se em todos os aspectos: físico, mental, social, espiritual e até mesmo cultural. Com os avanços tecnológicos, nossos pequenos já nascem rodeados de um excesso de tecnologia em um mundo com novas visões e valores, por vezes, distorcidos.

Por meio do Ministério de Aventureiros e da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pais, mães e responsáveis são orientados quanto à forma de ensinar e cuidar de seus filhos adequadamente. Portanto, é necessário o incentivo do grupo familiar e dos amigos para que a criança seja inserida em algum Clube de Aventureiros.

## REFERÊNCIAS

---

- ALMEIDA, T. **Psicologia do desenvolvimento e a delimitação de modos de ser criança**: devir-adulto, devir-sujeito e a educação de infância. ResearchGate, 2019.
- BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

- BRUM, A.; VARGAS, D. **Clube de Aventureiros Horizonte Kids** – Fraiburgo/SC: palestras com crianças de 6 a 9 anos. [S. l.: s. n.], 2016.
- FOUCAULT, M. A cultura de si. In: FOUCAULT, M. **O que é a crítica seguido de A cultura de si**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2017. p. 69–91.
- FURTADO, C. Geração Alpha e a leitura literária: os aplicativos de literatura incentivam a prática? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. esp. (Melhores Trabalhos do CBBB), 2019.
- LOPES, J. Geografia das crianças, geografia das infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 65–82, jan./jun. Ijuí, 2008.
- PIOVESAN, J. *et al.* **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. 1. ed. [S. l.]: [s. n.], 2018.
- SANTOS, I.; MENDES, L.; PINTO, L. **Construindo a personalidade na infância**: contribuição do lúdico. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia), 2021.
- ZUKOWSKI, U. (ed.). **Manual administrativo dos aventureiros**. Itu: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2020.

**O Clube de  
Desbravadores:  
uma pesquisa  
sobre sua  
influência na  
espiritualidade  
dos adolescentes**

O Clube de Desbravadores é um ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia que trabalha com juvenis e adolescentes entre dez e quinze anos; após os dezesseis anos, eles passam a exercer funções administrativas no clube. O programa semanal da organização envolve uma série de atividades visando o desenvolvimento físico, mental e espiritual. Por ser um ministério da igreja adventista, o clube defende os princípios da denominação, ensina os adolescentes a amarem a Deus e à Sua criação, e os prepara para servir ao próximo e à igreja como líderes ao chegarem à idade adulta.

A igreja também desenvolve, a cada sábado pela manhã, o Ministério dos Adolescentes, em que eles realizam atividades espirituais em torno de um guia chamado Lição da Escola Sabatina.

Quando comparamos os dois ministérios, pelo fato de os adolescentes estarem juntos apenas uma vez por semana durante uma hora, e os desbravadores passarem cerca de três horas juntos a cada manhã de domingo, tendo um forte currículo baseado em classes progressivas e especialidades, além das experiências vividas em acampamentos e camporis, é natural assumir que o clube exerce uma influência mais abrangente, o que concomitantemente trará resultados mais efetivos em relação às doutrinas e práticas defendidas pela denominação, sua mantenedora.

Embora boa, será que a teoria está de acordo com a realidade? O ministério de desbravadores tem exercido uma influência tal a demonstrar resultados práticos quando comparamos adolescentes que frequentam o clube com aqueles que não o fazem? A proposta desta pesquisa é fazer um estudo comparativo entre esses dois grupos: adolescentes adventistas que não frequentam o clube, e adolescentes adventistas que são desbravadores.

Para este estudo foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema e distribuídos questionários em todo o território da Associação Sul de Rondônia, abrangendo desde a cidade de Ouro Preto do Oeste até Vilhena.

A pesquisa foi estruturada em cinco blocos, cada um com cinco perguntas. O primeiro bloco levanta informações pessoais para compreender quem são os entrevistados. O segundo bloco trata da espiritualidade, com perguntas relacionadas às disciplinas que fazem parte da religiosidade do adolescente:

há quanto tempo são batizados, o quanto estudam a Bíblia, se oram, quantas vezes estudam a lição da escola sabatina e quais cultos costumam frequentar em suas igrejas.

O terceiro bloco concentrou-se no conhecimento de algumas crenças fundamentais do adventismo: a criação, a lei de Deus, o santuário, o dom profético e a volta de Jesus – selecionadas por serem crenças distintivas da igreja adventista.

O quarto bloco avaliou o relacionamento do adolescente com a instituição. Foram questionados se creem na igreja adventista como sendo a única verdadeira, se confiam na instituição, se já pensaram em sair da igreja, como veem o ministério pastoral e se concordam com a disciplina eclesiástica. O último bloco mediu o quanto concordam com a posição da igreja em assuntos relacionados ao estilo de vida, abordando os temas: vida saudável, sexualidade, diversões, vestuário e uso de joias.

Note-se que, como os sujeitos da pesquisa são da mesma idade, duas nomenclaturas foram utilizadas para distingui-los: “adolescentes” e “desbravadores”. Portanto, a expressão “adolescentes”, refere aos adolescentes adventistas que não frequentam o clube de desbravadores; e a expressão “desbravadores”, aos adolescentes adventistas que são membros do clube de desbravadores, a não ser que o contexto dê um novo significado.

A pesquisa realizada não pretende apresentar uma posição absoluta e final sobre o assunto; pelo contrário, a ideia é fomentar a discussão e fazer com que líderes de ambos os ministérios possam utilizar as informações para uma análise da forma e do conteúdo que se tem trabalhado com os adolescentes nessa região. Espera-se que o material levante problemas e desperte a criatividade na busca por resoluções.

## **ADOLESCENTES: QUEM SÃO E O QUE PENSAM**

A presente pesquisa teve como propósito, primeiramente, traçar um perfil a respeito dos adolescentes de Rondônia, com base em quem eles são, como se relacionam com aspectos que julgamos representar o seu compromisso com a espiritualidade, o que acreditam sobre os grandes temas do cristianismo e,

por conseguinte, da igreja adventista. Também compreendemos como veem a própria denominação e aquilo que ela defende como parte de um estilo de vida de seus seguidores.

Os dados do primeiro bloco mostram adolescentes de ambos os sexos, com idades entre treze e quinze anos, filhos de pais adventistas cuja atividade preferida é passar tempo navegando na internet. São adventistas desde que nasceram, têm a oração como um item frequente em suas vidas, mas não leem nem a Bíblia nem a Lição da Escola Sabatina diariamente e costumam frequentar a igreja apenas aos sábados.

Apesar disso, esses adolescentes acreditam na criação da terra em seis dias, também guardam os mandamentos conforme ensinado pela igreja. Entendem que Ellen G. White exerceu um papel profético, recebendo um chamado divino; têm convicção de que Jesus voltará a esta terra, mas não entendem ou não conhecem a crença sobre o santuário, e provavelmente não sabem a sua importância para a denominação.

A respeito da denominação, a opinião dos adolescentes diverge sobre ela ser a única religião verdadeira, mas há um alto índice de confiança na instituição. Veem a disciplina como algo indispensável, mas que deve sempre ter como objetivo principal o resgate com amor. Os adolescentes demonstraram uma pré-disposição para sair da igreja, ou já cogitaram isso pelo menos uma vez na vida, por fim, percebem o ministério pastoral focado na salvação de pessoas; entretanto, na opinião deles, ele precisa se reinventar para atender as demandas dessa geração.

Por fim, veem o estilo de vida saudável defendido pela igreja como sendo um ideal para suas vidas, querem esperar até o casamento para terem o primeiro ato sexual, concordam que devem se vestir modestamente e não usar joias, mas não concordam que cinemas, teatros ou estádios de futebol sejam lugares inapropriados para um cristão.

## **DESBRAVADORES: QUEM SÃO E O QUE PENSAM**

Para traçar o perfil dos desbravadores, a pesquisa abordou aspectos que julgamos representar o seu compromisso com a espiritualidade, o que

acreditam sobre os grandes temas do cristianismo e, por conseguinte, da igreja adventista, e como veem a própria denominação e aquilo que ela defende como parte de um estilo de vida de seus seguidores.

Esse primeiro bloco demonstrou que os desbravadores do sul de Rondônia tem entre treze e dezessete anos, com predominância feminina. Boa parte é filho de pais adventistas, porém uma parcela significativa declara ser o único adventista no lar. Gostam de navegar pela internet, mas também são afeiçãoados a prática esportiva.

Muitos são adventistas desde que nasceram; porém, há um bom número de recém-batizados. A oração é parte da vida diária, mas o mesmo não pode ser dito da leitura da Bíblia e da Lição da Escola Sabatina, dos quais fazem pouco uso. Muitos sequer têm a lição em casa. Entretanto, os desbravadores se destacam por sua frequência à igreja, estando presentes em quase todos os cultos.

Acreditam nos ensinamentos da igreja adventista, principalmente na criação, dom profético e volta de Jesus. Acreditam que devem guardar a lei de Deus, mas demonstraram uma leve tendência a uma interpretação mais relativizada. Quanto ao santuário, provavelmente não prestaram atenção à especialidade do tema, pois demonstraram não ter conhecimento sobre o tema.

Os desbravadores concordam que a igreja adventista é a única verdadeira e confiam plenamente na instituição. Apesar disso, a maioria deles já pensou alguma vez em sair da igreja. Para eles o pastor está focado na salvação de pessoas e concordam com a disciplina eclesiástica, mas têm uma visão mais pedagógica a esse respeito: para eles, a disciplina é necessária para que a pessoa reflita sobre a sua condição perante Deus.

Por fim, concordam com o estilo de vida saudável defendido pela igreja como sendo um ideal para suas vidas, querem esperar até o casamento para terem o primeiro ato sexual, acreditam que devem se vestir modestamente e não usar joias, mas não acham que cinemas, teatros ou estádios de futebol sejam lugares de fato inapropriados para um cristão, nem que tragam prejuízos para sua espiritualidade.

## ADOLESCENTES X DESBRAVADORES

A igreja adventista possui projetos de apoio aos adolescentes em dois sentidos. O primeiro chama-se Ministério de Adolescentes, que tem como principais objetivos “incentivar o adolescente a dedicar a primeira hora de cada dia para estar na presença de Deus, promover a participação dos adolescentes em um ambiente de comunidade dentro de um pequeno grupo e ajudá-lo a comprometer-se a testemunhar de Cristo, usando seus dons espirituais”, conforme observado na aba adolescentes do site adventistas.org.

Esse ministério pode ser considerado como uma etapa dentro do abrangente projeto da Escola Sabatina, que se inicia desde o nascimento e continua até o final da vida. Nessa etapa, durante uma hora a cada manhã de sábado, o indivíduo é instruído a respeito dos pilares que sustentam a denominação numa linguagem que possam compreender dentro das limitações do tempo disponível.

O segundo programa de apoio chama-se Ministério de Desbravadores. Este também atua de forma semanal, mas com um currículo dividido em classes nas quais são abordados vários temas ao longo de seis anos da vida do juvenil e adolescente. Conforme Zukowski, seus principais objetivos são:

- 1) Ajudar os juvenis e adolescentes a compreenderem que Deus e Sua igreja se interessam por eles, os amam e apreciam;
- 2) Inspirar os adolescentes a darem expressão pessoal ao seu amor por Deus ao associá-los às várias atividades de ação missionária;
- 3) Tornar a salvação pessoal de cada desbravador a prioridade número um do programa do clube;
- 4) Edificar na vida do desbravador uma apreciação saudável e amor pela criação de Deus ao participarem de atividades ao ar livre;
- 5) Ensinar habilidades específicas e hobbies aos desbravadores que trarão maior satisfação à vida;

- 6) Animá-los a manter uma boa forma física; e
- 7) O desenvolvimento harmônico físico, mental e espiritual. (ZUKOWSKI, 2016, p. 25–26).

É importante ressaltar que o clube tem uma forte ênfase na ética e estética de seus membros (Zukowski, 2016) e suas atividades são “centradas na igreja” (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 110). Por isso, o clube é visto como um ministério que tem um campo de influência mais abrangente, tanto pelo tempo de atuação com os adolescentes, bem como pelo currículo de classes e especialidades que desenvolve.

A pesquisa pretende contrapor as respostas dos dois grupos (desbravadores e adolescentes) a fim de observar se o ministério de desbravadores exerce uma influência tal, a ponto de seus membros apresentarem melhores índices do que aqueles que não participam das atividades do clube.

Começando pelo bloco da espiritualidade, percebeu-se que os adolescentes têm mais tempo de adventistas, oram mais e estudam mais a Bíblia. Sobre o estudo da lição, há quase um empate técnico, os desbravadores porém apresentam ligeira vantagem, pelo fato de um número maior deles (30,4%) não ter a Lição da Escola Sabatina em casa – o que, seguindo as devidas proporções, implicaria mais estudos diários. Quando o assunto é frequência aos cultos, os desbravadores se mostraram mais presentes: o alto índice (28,8%) refere-se à participação três vezes por semana, enquanto nos adolescentes o número que se destaca (31,8%) refere-se a uma única participação na adoração semanal.

#### Quadro 01: Espiritualidade

	Adventistas desde o nascimento	Leem a Bíblia diariamente	Oram todos os dias	Estudam a Lição diariamente
Adolescentes	72,7%	34,1%	63,6%	31,8%
Desbravadores	61,4%	21,6%	55,0%	30,4%

Contrariando o senso comum, a pesquisa apontou os adolescentes como sendo mais afeitos à espiritualidade. Ela não aferiu quais seriam as causas

disso; entretanto, dois dados oferecem uma explicação provável. A partir dos números referentes à religiosidade dos pais, nota-se uma significativa quantidade de desbravadores cujos pais não são adventistas. Ao compará-los, observamos que 42,7% dos pais e 22,2% das mães dos desbravadores não são adventistas – números que são menores nos adolescentes, onde 38,6% dos pais e apenas 6,8% das mães pertencem a outra religião.

Outro fator que pode contribuir para esse índice é o fato de os adolescentes terem sido inseridos na religião mais cedo que os desbravadores. Um adolescente que tem pelo menos um dos pais como membro da igreja desde que nasceu estará mais propenso às disciplinas da espiritualidade do que um desbravador que conheceu o evangelho mais tarde e não tem influência adventista no lar.

O clube tem ferramentas que podem ocupar essa lacuna. O momento de meditação no início de cada reunião, as classes bíblicas, o cantinho da unidade e concursos como o Bom de Bíblia e Bom de Lição devem ser incentivados. Investir nessas áreas é a forma mais eficaz de fortalecer a espiritualidade do desbravador, como orienta Zukowski: “a forma mais comum de estimular o aspecto espiritual dos Desbravadores é explorando o momento do devocional aos domingos e nas classes bíblicas” (2016, p. 146). Em um programa de visita-ção, capelão e conselheiros devem “conhecer pessoalmente cada desbravador e animá-los em seu relacionamento com Jesus” (ZUKOWSKI, 2016, p. 80).

O segundo bloco de perguntas avaliou o conhecimento que eles têm a respeito das crenças fundamentais defendidas e ensinadas pela igreja adventista. Mais uma vez, há uma ligeira vantagem dos adolescentes sobre os desbravadores, como pode ser observado no quadro abaixo:

#### Quadro 02: Crenças Fundamentais

	Criação	Lei de Deus	Santuário	Dom Profético	Volta de Jesus
Adolescentes	88,6%	72,7%	36,4%	70,5%	95,5%
Desbravadores	97,1%	69,6%	32,7%	77,2%	87,7%

*Obs.: As porcentagens referidas no quadro representam o número que escolheu a opção que representa o ensino adventista sobre o assunto.*

Dois pontos chamam atenção nos índices acima. Primeiro, o número quase absoluto de desbravadores que acreditam na criação em seis dias literais conforme o ensino do Gênesis. Isso demonstra que o clube tem cumprido à risca seu objetivo de “edificar na vida do desbravador uma apreciação saudável e amor pela criação de Deus ao participarem de atividades ao ar livre” (Zukowski, 2016, p. 25), mostrando que os acampamentos, camporis e outros projetos feitos na natureza têm surtido resultados positivos em sua visão de Deus como o Criador.

Entretanto, há um alto índice de adolescentes e desbravadores que afirmaram não ter conhecimento a respeito do santuário (27,3% e 28,7%, respectivamente) ou que apresentaram uma visão totalmente distorcida sobre a crença (36,4% e 38,6%). É inadmissível para a igreja adventista que seus membros não tenham um conhecimento mínimo sobre a doutrina do santuário e suas implicações. Como diz Angel Manuel Rodrigues:

A doutrina do sacerdócio de Cristo, em conjunto com a interpretação profética e Daniel 8:14, fornece uma identidade histórica à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para os adventistas, seu movimento não é um acidente histórico, mas o resultado da especial intervenção de Deus nos empreendimentos humanos. O cumprimento de Daniel 8:14 em 1844 valida a presença dos adventistas do sétimo dia no mundo e, principalmente, na comunidade cristã (Reid, 2011, p. 454).

Logo, se as novas gerações terão que guiar a igreja num futuro cada vez mais próximo, os ministérios de adolescentes e desbravadores precisam ensinar com veemência a geração atual a respeito da crença no santuário – ensino esse que fortalecerá suas bases e convicções na igreja adventista como sendo bíblica e profética.

O terceiro bloco de perguntas analisou a visão que adolescentes e desbravadores têm da Igreja Adventista do Sétimo Dia como instituição. Dessa vez, os desbravadores demonstraram uma larga vantagem: a maioria vê a igreja como sendo a única religião verdadeira, tem confiança plena na instituição e percebe o ministério pastoral focado na salvação de pessoas.

### Quadro 03: Instituição

	Única religião verdadeira	Nível de confiança (plena)	Pastores focados em salvar pessoas
Adolescentes	36,4%	43,2%	43,2%
Desbravadores	48,5%	58,5%	59,6%

Essa visão mais positiva dos desbravadores sobre a instituição pode resultar de alguns fatores. O primeiro: como participam de mais eventos organizados pela instituição, podem ver mais de perto a atuação de seus líderes. Outro fator é a presença de mais líderes leigos próximos aos representantes da associação/missão – por exemplo, os distritais, regionais e coordenadores que trabalham próximos às administrações dos campos –, que podem estar exercendo uma influência positiva na visão que os desbravadores têm da igreja.

É inegável a aproximação que o pastor distrital tem com seus desbravadores. Durante o ano, em muitas oportunidades, o pastor visita e participa de atividades com seus clubes, demonstrando atenção e preocupação com a salvação deles – fato que não acontece com a mesma frequência com o ministério de adolescentes. É bem mais raro a presença do pastor na sala dos adolescentes no sábado pela manhã, e esse pode ser o motivo pelo qual 34,1% dos adolescentes responderam que “o ministério pastoral precisa se reinventar a fim de atender as demandas dessa geração”.

Outro dado digno de nota nesse bloco é o fato de que 45,4% dos adolescentes discordaram totalmente ou em partes da afirmação “a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a única religião verdadeira”. Isso demonstra uma

clara relativização do que eles entendem como igreja e religião, revelando um certo distanciamento da visão do remanescente, ensinada pela denominação.

É interessante notar que essa visão se assemelha a uma pesquisa sobre religiosidade dirigida por Jorge Cláudio Ribeiro na USP, em que ele pôde observar que os entrevistados não concordam com a ideia de que a pessoa deva ter apenas uma religião e “rejeitam inequivocamente que apenas a religião deles seja verdadeira” (Ribeiro, 2009, p. 210).

Em ambos os grupos entrevistados, houve uma maioria que afirmou já ter pensado em sair da igreja alguma vez na vida – demonstrando essa pré-disposição em abandonar a fé adventista. Esse dado contesta a suposição comum de que um desbravador tem menos probabilidade de deixar a igreja. Entretanto, para um resultado conclusivo, seria necessário uma pesquisa mais aprofundada, uma vez que este método averiguou apenas uma resposta de “sim”, “talvez” ou “não”, ao questionamento “se haviam pensado em sair da igreja”.

Ambas as demografias também concordaram com o uso da disciplina eclesial. Divergiram apenas sobre qual aspecto lhes parece mais correto: para os adolescentes, a disciplina é indispensável, porém precisa ser feita com amor e sempre focada no resgate do pecador – um foco maior no resgate; enquanto os desbravadores afirmaram que ela é necessária para que a pessoa reflita sobre a sua condição perante Deus – um foco maior na visão pedagógica da disciplina.

O último bloco de pesquisa analisou como adolescentes e desbravadores se relacionam com o estilo de vida adventista. Mais uma vez, os desbravadores apresentaram índices de aprovação mais altos à visão adventista do que os adolescentes, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

**Quadro 04: Estilo de Vida**

	Vida saudável como ideal	Sexo apenas no casamento	Nunca realizou ato sexual	Cinema/teatro/estádio: inapropriado	Modéstia e não uso de joias
Adolescentes	40,9%	77,3%	63,6%	25,0%	68,2%
Desbravadores	49,1%	76,0%	73,1%	35,7%	69,0%

*Obs.: As porcentagens referidas no quadro representam o número que concorda com a orientação adventista sobre o assunto, exceto o item 3, cuja pergunta era sobre o perfil que lhe representava, onde as porcentagens se referem àqueles que disseram nunca ter praticado o ato sexual.*

Em quatro dos cinco itens, nota-se a alta quantidade de desbravadores que concordam com a visão adventista. Isso pode estar relacionado com: 1) O currículo de classes e especialidades a que são submetidos durante seu tempo no clube. Os requisitos incluem palestras, fóruns e discussões em grupo a respeito do estilo de vida, sem contar atividades práticas que os fazem refletir constantemente sobre o tema. 2) É inegável que as regras impostas como meios de organização também contribuem para uma visão mais adventista do estilo de vida. Até mesmo a respeito do estilo de vida saudável, em todas as reuniões e encontros eles declamam em voz alta a Lei dos Desbravadores, cujo um dos itens é “Cuidar do meu corpo” (Zukowski, 2016, p. 27).

Aqueles que trabalham apenas com adolescentes poderiam incluir, em seu planejamento anual, atividades que focassem na discussão e ensino dos temas relacionados ao estilo de vida adventista. Porém, é necessário destacar que a pesquisa, excetuando um item, demonstrou que eles concordam com as orientações da igreja, em sua maioria; o incentivo maior ao ensino tem a função pedagógica de confirmar essa crença.

Contudo, nota-se também que os desbravadores, tanto quanto os adolescentes, discordam da recomendação a respeito de evitar cinema, teatros, estádios de futebol e similares. Esse posicionamento é claramente predominante na demografia pesquisada. Embora o sul de Rondônia seja uma região com pouca ou nenhuma opção de diversões nesse sentido – não há estádios com times do cenário nacional, não existem teatros com sua programação habitual, e poucos cinemas, restritos apenas às maiores cidades –; os adolescentes e desbravadores demonstraram discordar da visão da igreja sobre o assunto.

Isso pode estar relacionado com o que David Kinnaman escreve em sua obra, quando argumenta que a visão que muitos têm do cristianismo é a de que “os cristãos são percebidos principalmente pelo que eles são contra.

Ficamos famosos por aquilo que nos opomos, e não pela Pessoa que apoiamos” (Kinnaman, 2012, p. 29). Logo, pode existir uma oposição à ideia de um cristianismo focado na proibição por parte dos adolescentes e desbravadores, visto que a maioria deles respondeu que vê esse assunto como algo que cada um deva decidir sem interferências externas, ou que discorda da orientação da igreja e crê que frequentar esses lugares em nada influencia na espiritualidade.

É necessária uma avaliação honesta do quanto esse assunto é relevante para este tempo, e de uma abordagem que convença essa nova geração de que realmente há sentido na orientação, pois o que se percebeu na pesquisa é que essa nova geração não está convencida de que o assunto em questão tenha alguma interferência relevante em sua relação com Deus ou em sua espiritualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi responder à pergunta: o programa do ministério de desbravadores faz uma diferença significativa na espiritualidade e crença do adolescente adventista? Considera-se que essa influência tem sido exercida em partes, pelo menos no sul de Rondônia.

Foi possível observar que os adolescentes têm mais práticas de manutenção espiritual, por exemplo. Entretanto, pode haver uma explicação para essa diferença em relação aos desbravadores: a falta de familiares adventistas e o pouco tempo que têm como membros da igreja. É necessário que o clube esteja atento a essa demanda e invista mais tempo, recursos e estratégias a fim de fortalecer essa área deficitária na vida de seus desbravadores.

No entanto, ainda mais surpreendentes são os números que apontam que os adolescentes têm mais conhecimento referente às crenças da igreja do que os desbravadores. O clube tem especialidades que tratam desses temas; logo, faz-se necessária uma atenção maior à forma como estão sendo trabalhadas dentro do clube essas ênfases. Crenças como a lei de Deus, o santuário e a volta de Jesus são marcas distintivas da denominação adventista e precisam ser ensinadas com frequência, sobretudo levando em consideração que, para

alguns desbravadores, o clube é o único momento da semana em que são inseridos nos temas da religião.

A partir dos dados da pesquisa, observa-se que não houve uma influência significativa, que diferenciasse os adolescentes dos desbravadores, em relação ao conhecimento de doutrinas. Contudo, em relação ao relacionamento com a instituição em geral e o que ela representa, houve clara diferença na perspectiva de desbravadores e adolescentes.

É também facilmente perceptível que os desbravadores têm mais confiança na instituição que os adolescentes. Eles creem que a igreja adventista é a única verdadeira – visão essa que ficou mais relativizada entre os adolescentes. Além disso, os desbravadores têm uma relação mais próxima com seu pastor. Como observado no estudo, a estrutura do ministério é favorável a essa influência, visto que conseguem estar mais próximos da instituição do que os adolescentes, devido à estrutura menos elaborada do ministério que os atende.

No último assunto abordado pela pesquisa, mais uma vez percebeu-se a influência do clube sobre seus membros em detrimento daqueles que não participam das atividades. Os desbravadores se mostraram mais adeptos a uma vida saudável, com maior disposição prática a esperarem até o casamento para ter relações sexuais; um maior número concorda com o abandono de diversões mundanas e do uso de roupas e adornos contrários à orientação adventista, quando comparados aos seus amigos que não frequentam o clube.

Numa avaliação empírica, poderíamos concluir que essa diferença de opinião entre eles é um reflexo da organização e do incentivo à observância de regras bem estabelecidas pelo ministério de desbravadores, mostrando que nesse aspecto sua influência é percebida nas opiniões de seus membros. Vale lembrar que, excetuando-se um item, os adolescentes adventistas também concordam com a visão da igreja; Observou-se apenas um nível menor de concordância quando comparados aos seus amigos desbravadores.

É importante ressaltar que este trabalho não é a palavra final sobre o assunto – ele é apenas o início da reflexão. O trabalho do Ministério de Desbravadores de aproximar os meninos de seus líderes e da instituição, bem como a ênfase em formar cidadãos moralmente corretos, tem se demonstrado

efetivo, e sua influência ficou clara nos dados da pesquisa. Esse processo deve continuar, visto que “a Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo” (White, 2006, p. 9).

Mas é preciso reavaliar o quanto do tempo e do recurso tem sido dispendido para conduzi-los a um relacionamento salvífico com Jesus Cristo, por meio de ênfases que precisam ser dadas na espiritualidade. Fortalecer a confiança na instituição e trabalhar com o estilo de vida são pontos que se relacionam com o exterior, mas como a Bíblia diz: “O Senhor, porém, disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem; o homem vê o exterior, porém o Senhor olha para o coração” (1 Samuel 16:7).

Logo, é preciso seguir à risca o objetivo principal do Clube de Desbravadores, que é “guiar cada atividade e cada programa fiel no propósito de mostrar ao mundo a mensagem de Jesus, nosso Salvador, e do plano que Ele tem para a redenção da humanidade” (Zukowski, 2016, p. 28), ou seja, salvar do pecado e guiar no serviço – essa é a sua essência, essa é a sua missão.

## REFERÊNCIAS

---

IBGE. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência – Brasil, Rondônia, amostra religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/pesquisa/23/22107>>. Acesso em 27 de abr. 2026.

KINNAMAN, D.; LYONS, G. **Descrentes**: o que a nova geração realmente pensa sobre o cristianismo, e por que isso é importante. Pompeia: Universidade da Família, 2012.

**MANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**. 22. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

**NISTO CREMOS: AS 28 CRENÇAS FUNDAMENTAIS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

REID, G. (org.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tradução José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

RIBEIRO, J. **Religiosidade jovem**: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola, 2009.

SILVA, R. **O ceticismo da fé**: Deus, uma dúvida, uma certeza, uma distorção. Barueri: Ágape, 2018.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: DIVISÃO SUL-AMERICANA. **Discipulado e o ministério de adolescentes**. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/adolescentes/sobre-nos/discipulado-e-o-ministerio-do-adolescente/>>. Acesso em: 27 de abr. 2026.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

ZUKOWSKI, U. (sup.). **Manual administrativo do Clube de Desbravadores**. São Paulo: Sobre Tudo, 2016.

# A importância do Clube de Desbravadores na formação de líderes na Igreja Adventista do 7º Dia

O Clube dos Desbravadores tornou-se uma organização mundial em mais de 160 países. Com cerca de 2 milhões de participantes, é um departamento oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia desde 1950.

Os desbravadores são um lócus que pode contribuir para a ampliação dos espaços de práticas efetivas das medidas socioeducativas. Embora ocasionalmente confundidos com os escoteiros, o Clube de Desbravadores acabou se tornando mais do que um conjunto de garotos apaixonados pela natureza, culminando em um mecanismo de formação de líderes e cidadãos completos.

O Clube dos Desbravadores é organizado em unidades que são agrupamentos básicos, formados por quatro a oito juvenis, na faixa etária de dez a quinze anos, e um conselheiro maior de 16 anos ou adulto. Podem participar do Clube tanto meninos como meninas; no entanto, as unidades devem ser inteiramente de meninos ou inteiramente de meninas. A fim de que as unidades alcancem seus objetivos e desenvolvam suas atividades, não devem ser pequenas, pois perderão o espírito de equipe. Também não devem ser grandes, ultrapassando o número ideal de membros, que seria de 12 crianças, pois o trabalho do conselheiro será dificultado.

## A FORMAÇÃO DO CLUBE DE DESBRAVADORES

O sistema organizacional do Clube de Desbravadores é um dos mais completos e abrangentes para ajudar na área de socialização de crianças e jovens. A diretoria do clube se divide nos seguintes segmentos: sistema de unidades, oficiais de unidades, conselheiros e seus associados, capitão, secretaria e tesouraria. Quando o adolescente chega ao clube, primeiro ele vai criar identidade com sua unidade e conhecerá seus oficiais: o capitão, o secretário e o conselheiro.

O capitão será um membro entre 10 e 15 anos de idade que, por meio de sua influência pessoal e bom comportamento, serve para motivar a unidade. Ele é responsável por auxiliar os conselheiros quando requisitados, e também pela presença da unidade em convocação. Ademais, o capitão é o apresentador da unidade para o início das reuniões.

O secretário desempenha funções importantes para sua unidade, possuindo uma variedade de tarefas, entre elas substituir o capitão em sua ausência, fazer o papel de intermediador entre conselheiro e unidade, preencher as fichas das atividades e sempre manter atualizada a pasta da unidade.

O conselheiro(a) tem como um dos principais deveres ensinar e acompanhar o desenvolvimento das classes regulares (Amigo, Companheiro, Pesquisador, Pioneiro, Excursionista e Guia) dos seus desbravadores. Alguns clubes fazem três reuniões mensais e o quarto domingo é utilizado para o Clube de Líderes. O Conselheiro deve estimular o espírito de unidade em sua equipe, sendo fundamental sua participação na execução dos planos do Clube.

Dentre as missões dos líderes, destacam-se a capacitação de conselheiros e o estímulo para que todos completem as classes regulares dos desbravadores. São aproximadamente quatro horas por mês de atividades esportivas e técnicas, com jogos, passeios, caminhadas, visitas a cavernas, completando item por item das classes, o que torna os conselheiros capacitados para ensinar com qualidade os seus desbravadores. Ele deve ser instituído a partir dos 16 anos e será sempre a maior autoridade daquela unidade.

Com toda essa estrutura, precisamos salientar a importância do desenvolvimento do adolescente e sua liderança, e para isso precisamos compreender essa fase e estar próximos desta juventude, já que a volatilidade da adolescência tem sido alvo de estudos durante décadas no âmbito científico e educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os jovens estão passando por inconstâncias emocionais e sofrem por ausência de aproximação da família em muitos âmbitos sociais e espirituais. Com este estudo, demonstramos que esta geração não está corrompida pelo assentimentalismo em função do mundo digital ou algo do tipo. Esta geração está mal orientada e desacreditada por grande parte dos formadores de opinião. Com este estudo, reforçamos o papel do Clube de Desbravadores e sua missão junto à juventude. A geração atual, conectada com o mundo e aparentemente desconectada dos valores morais e espirituais,

não está à mercê completa da secularização deste mundo e muito menos sem um norte em suas vidas. O Clube dos Desbravadores é um local onde se formam pessoas para serem líderes, bons cidadãos, bons filhos, bons pais e, acima de tudo, espelhos de Deus.

## REFERÊNCIAS

---

**ADVENTISTAS.** Sobre o Clube de Desbravadores. Disponível em: <http://www.adventistas.org/pt/desbravadores/>. Acesso em: 24 fev. 2026.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD. **Manual administrativo do Clube de Desbravadores.** São Paulo: Sobre Tudo, 2013.

KINNAMAN, D. **Geração perdida.** Pompéia: Universidade da Família, 2014.

LANTIERI, L.; GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Barcelona: Kairós, 2009.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** Recife: Massangana, 2010.

**SGC — SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE CLUBES DE DESBRAVADORES DA DIVISÃO SUL-AMERICANA.** Disponível em: <https://sad-us-fm-1.sgc.live.apps.sdasystems.org/cms/>. Acesso em: 24 fev. 2026.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

# Liderança no Clube de Desbravadores: o duplo fenômeno da aproximação entre gerações e da obediência por admiração

Ao longo dos 32 anos de envolvimento com a liderança do Clube de Desbravadores, pude perceber algo extraordinário acontecendo no formato administrativo em que os clubes se encontram hoje: a incrível disposição de jovens de 16 anos em diante que fazem o trabalho de liderar crianças e adolescentes entre 10 e 15 anos. Essa aproximação entre gerações é algo totalmente incomum nos padrões da sociedade atual. Dispor-se para liderar um grupo de juvenis parece soar como contrassenso. A orientação econômica, social e acadêmica da atualidade impele o indivíduo a priorizar suas conquistas pessoais em detrimento de qualquer outra atividade. Assim, encontrar jovens de 16 anos ou mais dedicando inúmeras horas semanais em prol de um grupo de juvenis – que, em tese, pouco lhes acrescentaria em suas conquistas pessoais – é algo a ser observado e estudado.

Por outro lado, à medida que a criança vai alcançando autonomia motora, cognitiva e emocional, passa a desejar executar sua própria vontade, buscando governar-se a si mesma. Este é o segundo aspecto que este artigo busca destacar. Justamente em uma das fases mais críticas da vida – onde reconhecidamente pais e professores enfrentam sérios problemas relacionados à disciplina e à obediência com seus filhos e alunos –, obter a obediência espontânea de crianças com idade entre 10 e 15 anos é algo a ser observado e estudado.

Os dois aspectos descritos acima – a aproximação entre gerações e a obediência voluntária – são situações incomuns nos círculos sociais da atualidade e formulam o questionamento central deste texto.

## **ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO CLUBE DE DESBRAVADORES**

O Clube de Desbravadores desenvolve atividades que se contrapõem a essa realidade, pois a direção, em sua maioria, é composta por jovens. No Estado de Mato Grosso, por exemplo, de um total de 6.987 membros inscritos, 4.140 estão na faixa de 10 a 15 anos, 1.008 estão na faixa de 16 a 20 anos e 637 estão entre os 21 e 30 anos (SGC, 2019). Entre as funções de liderança do Clube estão os conselheiros, cuja grande maioria está na faixa de 16 a 20 anos de idade – líderes responsáveis por equipes masculinas e femininas

denominadas unidades, compostas de 6 a 8 membros. Os demais membros da unidade são juvenis e adolescentes na faixa etária de 10 a 15 anos, que recebem responsabilidades em funções específicas que lhes são atribuídas. O capitão é alguém da mesma idade dos demais membros, escolhido por eles para auxiliar o conselheiro na liderança da Unidade; o qual deve ser um exemplo em disciplina, honestidade e comprometimento e, acima de tudo, deve motivar os demais membros da unidade a cumprir suas tarefas. O secretário também auxilia o conselheiro na liderança da unidade e assume a função do capitão em sua ausência, tendo como atribuições manter o registro de dados dos membros, o registro de presença, entre outras funções.

Ainda dentro do sistema de unidades, outras funções são distribuídas entre os demais membros, para que em cada um se desenvolva o espírito de equipe em todas as tarefas, concursos, gincanas e demais atividades que o Clube de Desbravadores realiza.

Podemos observar neste modelo que os jovens estão liderando juvenis e adolescentes em um ambiente onde são aceitos como influenciadores, e, se analisarmos do ponto de vista dos menores, não há nada de extraordinário no sucesso desse tipo de relacionamento; porém, se analisarmos do ponto de vista do conselheiro, então veremos um verdadeiro fenômeno acontecendo.

## **ADMIRANDO OS MAIS VELHOS**

Em minha experiência de mais de trinta anos liderando adolescentes, tenho observado que eles detestam ser considerados “crianças” por seus pais e demais pessoas com quem convivem, e talvez esse seja o motivo por que naturalmente apresentam uma tendência de admirar os jovens com a idade um pouco mais elevada que a deles, demonstrando dessa forma um desejo de logo atingir a sua maturidade.

Na escola, podemos observar, por exemplo, os alunos do ensino médio formando grupos de amigos da mesma faixa etária, e dificilmente vemos os menores do ensino fundamental entrando nesses círculos de amizade – não que não queiram, mas porque não são aceitos, pois para os maiores parece

ser um retrocesso em sua maturidade cultivar a amizade com os menores. Encontramos essa realidade nos círculos sociais em todas as culturas.

## A APROXIMAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES

O conselheiro é o membro do Clube de Desbravadores que possui mais de 16 anos e é indicado para liderar uma unidade – que nada mais é do que um grupo de juvenis com idade entre 10 e 15 anos –, os quais, neste período da vida, entram no auge do que é considerado por muitos especialistas do desenvolvimento humano como “individuação”. Papalia (2013, p. 437) define isso como a “luta do adolescente por autonomia e diferenciação, ou identidade pessoal”. Essa busca pela construção da identidade pessoal pode levá-lo a valorizar mais os relacionamentos e oportunidades que possam trazer-lhe algum benefício nessa construção. Assim, há uma tendência maior de valorizar o amigo, o professor, o empregador etc. O que se vê no Clube de Desbravadores são adolescentes em fase de construção da identidade pessoal, mas que optam por mentorar um grupo de juvenis que aparentemente não lhes trará os mesmos benefícios que a relação com um professor ou empregador poderia trazer.

A ruptura intergeracional é uma realidade na sociedade atual, incluindo os círculos religiosos. David Kinnaman (2014) trabalha essa questão da ruptura entre gerações dentro do aspecto da fé. Em sua análise, essa ruptura acontece em uma fase complexa da vida do indivíduo.

Cada indivíduo estabelece seus alicerces morais e espirituais no início da vida, normalmente antes dos 13 anos de idade; contudo os anos de adolescência e juventude são um período importante de experimentação, em que os limites e a veracidade desse alicerce são postos à prova (KINNAMAN, 2014, p. 31).

David não está argumentando apenas em relação à ruptura que ocorre entre os adolescentes e a fé. Sua análise contempla outros elementos relacionados

à fé, como a vida em comunidade, por exemplo. Diante desse contexto de ruptura, o que justificaria um jovem (com mais de 16 anos) permanecer conectado ao Clube de Desbravadores, dedicando inúmeras horas semanais para instruir, ensinar e liderar juvenis entre 10 e 15 anos? A resposta para esse questionamento parece estar relacionada a pelo menos quatro elementos claramente difundidos na filosofia do Clube de Desbravadores.

**Relevância:** ao completar 16 anos, o adolescente passa a ser incorporado em uma estrutura de liderança, onde sua presença e ações são fundamentais para o funcionamento da organização. Enquanto a sociedade parece ver no adolescente a incapacidade para assumir funções de responsabilidade, como afirma Kinnaman (2014), o Clube de Desbravadores deposita sobre este indivíduo muita expectativa e autonomia de realização, de forma que o ambiente ao seu redor lhe seja favorável e encorajador. Assim, o conselheiro é impactado por esse senso de utilidade que é depositado sobre si, despertando a sensação de relevância.

**Autoridade:** ao ingressar como conselheiro, o indivíduo passa a exercer autoridade sobre outros desbravadores de menor idade. O exercício dessa autoridade é acompanhado diretamente pelos diretores do clube, que seguem capacitando e orientando cada conselheiro no exercício de sua função. Dessa forma, o conselheiro passa a ocupar uma função que lhe confere autoridade para dirigir e ensinar uma unidade de desbravadores.

**Experiência:** a partir do momento em que assume a direção de uma unidade, o conselheiro passa a ensinar os demais diversos conteúdos que aprendeu, aproveitando a oportunidade de reafirmar informações, valores e atitudes que seriam questionados nessa faixa etária. Conforme argumenta Kinnaman (2014), nesse estágio da vida o adolescente passa a questionar a validade dos conceitos aprendidos até então. Dentro da proposta do Clube de Desbravadores, o adolescente é levado a compartilhar suas experiências, em vez de simplesmente questionar sua validade. Isso não significa que ele deixará de questionar conceitos e valores recebidos até então; sobretudo, significa que ele é impulsionado a compartilhar e reproduzir tais informações, conceitos, valores e experiências em sua relação de liderança com juvenis.

**Recompensa e reconhecimento:** parece ser equivocado dizer que um conselheiro de unidade atua unicamente por uma recompensa – que pode ser um distintivo, um pin, um troféu ou um elogio. Entretanto, não é possível ignorar a força que a recompensa ou o reconhecimento produzem na vida de um conselheiro. Desafios, conquistas, recompensa e reconhecimento atuam como combustível em sua mente, liberando energia e paixão na realização das atividades.

Todos esses aspectos podem estar associados à atitude de liderança de um conselheiro que, em última análise, passa a atuar na contramão das orientações sociais e filosóficas da atualidade. Tal fenômeno, explicado acima, está intimamente ligado a outro ainda mais complexo, que ocorre entre os juvenis liderados por seus respectivos conselheiros.

## ADMIRAÇÃO VERSUS IDOLATRIA

Segundo Covey (2001), a procura de modelos para tornarem-se um padrão de vida parece ser uma tendência natural de todo ser humano; porém, notamos que é bem acentuada no período da adolescência e da juventude. Ao sair do período da infância – em que os pais são o modelo, semelhantes a um “super-herói”, atuando como padrão para todos os gostos, atitudes e palavras –, os jovens procuram outros modelos, encontrando-os tanto em artistas quanto em personalidades famosas.

É bem comum observarmos na juventude uma tendência à admiração excessiva por artistas da música, da TV, do cinema etc. Gritos, choro compulsivo e até desmaios parecem chegar ao extremo da idolatria. Muitos adolescentes e jovens podem passar horas e horas em frente a uma televisão admirando seu artista preferido, ou na porta de um hotel à espera de um simples autógrafo. Fotos dos artistas estampadas em cartazes e camisetas fazem parte da rotina de quem “idolatra” a vida de alguém. Eles passam a viver em função do seu ídolo, tornando-se membros de fãs-clubes, imitando a forma de falar, vestir e comer e procurando conhecer seus pensamentos e ideias sobre o que vale a pena ser e fazer na vida – tornando-se aceitos quase que cegamente, como afirma Eims (2002). Essa atitude parece ser uma tendência natural; porém, em

excesso, torna-se algo prejudicial, pelo fato de esses modelos terem hábitos nocivos para a saúde física e mental, além de representarem algo inatingível e irreal – a pessoa sonha ser algo que nunca se tornará realidade em sua vida, o que pode levá-la a uma depressão –, assim como pelo fato de quase sempre esses ícones não serem um bom modelo de caráter, justiça, sobriedade e honestidade.

## OBEDIÊNCIA POR ADMIRAÇÃO

Talvez o maior desafio que os pais enfrentam seja obter a obediência dos seus filhos. Parece que quanto mais as crianças amadurecem, menos estão dispostas a obedecer e mais dispostas a fazer a vontade dos amigos. Os pais procuram fazer com que a criança deixe de fazer o que ela gostaria de fazer para executar o que eles querem; porém, quanto mais imatura a criança, menor é a disposição de abrir mão de sua vontade para fazer a vontade do outro. Nesse período, é preciso ter paciência, pois, ao ir adquirindo experiências negativas obtidas pela desobediência aos pais, a obediência passa a aumentar sua frequência. A educadora, médica e pedagoga italiana Maria Montessori (2018) apresenta uma teoria interessante: a obediência das crianças se desenvolve em três níveis, e só no terceiro é que a criança consegue obedecer de verdade. No primeiro nível, as crianças obedecem de vez em quando, mas não sempre – ou seja, obedecem apenas quando a sua vontade coincide com a de quem pediu. No segundo nível, a criança executa a vontade de quem pede baseada em castigos, chantagens e recompensas; porém, nesse nível, a obediência acontece apenas por interesse. No terceiro nível, a obediência acontece quando a criança deixa de obedecer por obrigação e passa a obedecer porque admira aquele que pede; é somente nesse nível que a criança realmente obedece porque deseja e, dessa maneira, sentirá prazer ao fazer aquilo que a pessoa admirada quer.

Esse terceiro nível ocorre quando a criança realmente admira seus pais pela profissão que possuem, pela coerência no falar e no fazer, ou ainda observando atos de bondade para com os outros. Porém, parece acontecer com mais frequência na fase da adolescência, quando as crianças gradativamente

passam a admirar mais os amigos ou personalidades da TV – e de maneira especial aqueles que são alguns poucos anos mais velhos do que elas. Essas pessoas vão gradativamente tomando o lugar dos pais; ou seja, toda a admiração devotada aos pais na infância parece ir se transferindo aos poucos para outros. Essas pessoas passam a ser seus modelos, e as opiniões delas passam a transformar suas atitudes, gostos e até mesmo seu vocabulário.

Portanto, seria muito sábio da parte dos pais procurar compreender as necessidades dos seus filhos, para conquistar sua confiança e admiração antes que eles entrem na adolescência. A criança precisa olhar para seus pais e pensar: “Ele é sábio e as coisas que ele gosta e faz são dignas de imitação” (Montessori, 1949, p. 272).

Eles olham para si mesmos e depois olham para todos os lados, procurando um jovem para se espelhar, porque ficam fascinados com a iminência de tornarem-se adultos. Procuram modelos que valham a pena e que, segundo suas próprias conclusões, realmente alcançaram a felicidade que eles também desejam. São esses que eles escolhem obedecer, deixando de lado a sua própria vontade para fazer aquilo que esses modelos dizem e fazem – abrindo mão dos seus desejos, passam a desejar o mesmo que aqueles que admiram.

Os juvenis que ingressam no Clube de Desbravadores são direcionados para participar das atividades por unidades, liderados diretamente por um conselheiro. Ao ingressarem no Clube de Desbravadores, esses juvenis estão entrando também em uma complexa fase de desenvolvimento físico e emocional. Papalia (2013) faz uma descrição desse período da seguinte forma:

Uma fonte importante de apoio emocional durante a complexa transição da adolescência, bem como uma fonte de pressão em favor de comportamentos que os pais podem desaprovar, é o grupo de pares. O grupo de pares é uma fonte de afeto, acolhimento, compreensão e orientação moral; um lugar para experimentação; e um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais (Papalia; Feldman, 2013, p. 441).

Na adolescência, o indivíduo volta-se para seus pares, ou iguais, com a finalidade de buscar aceitação e firmar sua identidade. Nessa fase, os conflitos em torno da autoridade paterna sobre o adolescente aumentam significativamente. Se por um lado o adolescente vive conflitos alusivos à autoridade paterna, por outro, passa a ser moldável no ambiente formado por seus pares. Os amigos passam a ser fonte de referências morais e de comportamento – posição ocupada anteriormente somente pelos pais.

É nesse contexto que os conselheiros das unidades passam a desempenhar papel fundamental. De certa forma, o juvenil e o adolescente passam a encontrar no conselheiro uma fonte de inspiração e um modelo de vida ao qual se espelharão em todos os aspectos; qualquer que sejam seus desejos, admirando tudo o que os maiores acham “legal”, parece inevitável que os menores também acharão.

## CONCLUSÃO

O Clube de Desbravadores parece ser o ambiente ideal para que o desenvolvimento da infância para a adolescência possa ocorrer de forma saudável. Conforme descrito acima, podemos perceber que a atitude da maioria dos jovens com mais de 16 anos é de não se interessarem em manter amizade com crianças e juvenis, pois representam uma faixa etária que socialmente nada pode lhes acrescentar. Porém, um fenômeno acontece no Clube de Desbravadores: eles encontram um ambiente ideal onde os adolescentes de 16 anos ou mais se dispõem a relacionar-se e, mais do que isso, a influenciar positivamente e liderar os mais novos no desenvolvimento físico, emocional e intelectual. A relevância, a autoridade, a experiência, as recompensas e o reconhecimento parecem configurar a justificativa para essa atitude. Como consequência, desperta-se nos juvenis a disposição à obediência para com os adolescentes um pouco mais velhos do que eles – justamente na fase da vida em que estão em constante mudança de pensamentos e filosofias e, principalmente, na busca por autonomia. O trabalho em equipe no ambiente da unidade torna-se o espaço apropriado para que o adolescente alcance seu desenvolvimento pleno, pautado por valores e solidificado pela obediência voluntária.

Por isso, faz-se necessário que os diretores dos clubes deem a devida atenção e o direcionamento correto no trabalho dos líderes das unidades – os conselheiros – para que o propósito do Clube de Desbravadores seja alcançado. É necessário o esclarecimento e a conscientização dos mesmos para que sejam bem orientados e capacitados, e para que realmente venham a ser bons influenciadores das novas gerações e, dessa maneira, todos venham a alcançar o ideal do desenvolvimento humano nos princípios cristãos, para que juntos recebam todos os benefícios do conhecimento da palavra de Deus, a Bíblia.

## REFERÊNCIAS

---

- CAMPBELL, R. **Como realmente amar o seu filho rebelde**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- COVEY, S. **Os 7 hábitos dos adolescentes altamente eficazes**. São Paulo: Best Seller, 2001.
- EIMS, L. **A arte perdida de fazer discípulos**: uma orientação prática para aqueles que querem discipular. Belo Horizonte: Atos, 2002.
- FERRARI, R. **Mestres da liderança**: aprenda a liderar com os grandes mestres da Bíblia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- FINZEL, H. **Dez erros que um líder não pode cometer**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- KINNAMAN, D. **Geração perdida**. Pompéia: Universidade da Família, 2014.
- LINS, L. **Chamados para liderar**: um guia prático para líderes de adolescentes e jovens. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- MONTESSORI, M. **A mente absorvente da criança**. São Paulo: Nórdica, 1949.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- SANDERS, J. O. **Liderança espiritual**: os atributos que Deus valoriza na vida de homens e mulheres para exercerem liderança. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.
- SGC — SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE CLUBES DA DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD. **Dados de membros inscritos**. 2019.
- WILKES, C. G. **O último degrau da liderança**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- ZUKOWSKI, U. (org.). **Manual administrativo do Clube de Desbravadores**. São Paulo: Sobretudo, 2013.